



**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ – UNIVÁS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

**DIEGO HENRIQUE PEREIRA**

**DISCURSO E TECNOLOGIA: DERIVAS DE SENTIDOS NA REDE SOCIAL**  
***FACEBOOK.***

**POUSO ALEGRE – MG**

**2016**

**DIEGO HENRIQUE PEREIRA**

**DISCURSO E TECNOLOGIA: DERIVAS DE SENTIDOS NA REDE SOCIAL  
*FACEBOOK.***

Texto de Defesa de Dissertação apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Chiaretti.

**POUSO ALEGRE – MG**

**2016**

Pereira, Diego Henrique.

Discurso e tecnologia: derivas de sentidos na rede social *Facebook* / Diego Henrique Pereira. 2016.

121f.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre/MG, 2016.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Chiaretti.

Discurso Digital. *Facebook*. Sociabilidade. Privacidade.

CDD 410

## CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada **"DISCURSO E TECNOLOGIA: DERIVAS DE SENTIDOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK"** foi defendida, em 9 de setembro de 2016, por **DIEGO HENRIQUE PEREIRA**, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº 98008702, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



Profa. Dra. Paula Chiaretti

Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS

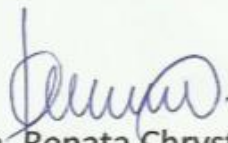
Orientadora



Profa. Dra. Daniela Giorgenon

Universidade de São Paulo - USP

Examinadora



Profa. Dra. Renata Chrystina Bianchi de Barros

Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS

Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Ao competente corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí, pela oportunidade de vislumbrar e participar da produção de conhecimentos relacionados as Ciências da Linguagem.

Às instituições em que trabalho – Faculdade Cenecista de Varginha (FACECA) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), unidade de Varginha-MG –, pela compreensão e confiança para com a minha formação.

À minha família, que sempre me apoiou e acreditou no meu potencial, meu pai Astolfo Pereira, minha mãe Ana Alves Pereira, minha irmã Adriana Cristina Pereira Silva. Agradeço pela base educacional que me ofereceram e pelas orações de intercessão. Em especial, à minha saudosa avó materna Maria de Paiva que, com palavras de incentivo, acompanhou parte deste processo.

Aos colegas de sala que, além de incentivarem, ajudaram a construir aulas mais interativas e produtivas.

E, em especial, às Professoras Paula Chiaretti, Renata Barros e Eni Orlandi, por me ajudarem a fazer com que as minhas (des) orientações se transformassem em conhecimento.



“[...] o humor e a poesia não são o domingo do pensamento, mas pertencem aos meios fundamentais de que dispõe a inteligência política e teórica...”

(Pêcheux, 1988)

## RESUMO

PEREIRA, D. H. **Discurso e tecnologia**: derivas de sentidos na rede social *Facebook*. 2016. 121f. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre/MG.

As possíveis formas de sociabilidade e privacidade entre sujeitos vêm produzindo derivas nos processos históricos da humanidade, em especial a partir do funcionamento de diferentes ferramentas provenientes da evolução tecnológica. No início do século XXI – aplicativos constituem materialidades significantes e produzem diferentes processos discursivos que, face à Análise de Discurso, se firmam constituindo diferentes sujeitos de discurso. Assim, esta pesquisa tem como base teórica a Análise de Discurso, e busca analisar condições de produção de diferentes discursos que circulam a partir de diferentes materialidades, principalmente as que concernem à materialidade digital, bem como com a sua relação com a exterioridade. Tomou-se como material de análise, para compreensão das práticas discursivas que qualificam novas e possíveis formas de “interação social”, o funcionamento discursivo de ferramentas, de ícones, de recursos, de disposições gráficas de páginas, de contratos (termos e condições), de avisos a usuários, de postagens de usuários e outros materiais relativos à rede social *Facebook*. A relevância da pesquisa reside na busca da compreensão dos mecanismos de sociabilidade entre sujeitos, das diferentes e não estanques formas de “interação” na materialidade do *Facebook*, e pela circulação dos sentidos de público e privado, não descartando a análise de como os efeitos destes sentidos que produzem deslizamentos culturais, ideológicos e históricos. A construção identitária é percebida como produção de discursos – ou seja, ao produzir dizeres, o sujeito se produz, pensando assim na disparidade do homem. Deste modo, seu objetivo geral foi analisar o funcionamento discursivo de redes sociais, de modo a compreender a partir dos dispositivos teóricos e analíticos deste campo da ciência (Análise de Discurso), os sentidos de socialização, de interação e de privacidade a partir do advento das tecnologias digitais. A partir das análises, dispositivos teóricos e analíticos foram mobilizados para compreender os processos de produção e circulação dos sentidos, diversos esquemas de paráfrases foram elaborados como gestos de interpretação, buscando desnaturalizar os possíveis controles engendrados pela rede social *Facebook*. Observou-se que maneira os sentidos, ao poder sempre vir a ser outros, a partir de uma série de formulações e (re)formulações que, por um lado, buscam controlar, mas ao mesmo tempo dispersam em relação as possíveis formas de sociabilidade dos sujeitos, e por outro, põe em funcionamento equívocos, derivas, espaços de significação e (re)significação nos quais diferentes sentidos podem ser produzidos.

**Palavras-chave:** Discurso Digital. *Facebook*. Sociabilidade. Privacidade.

## ABSTRACT

PEREIRA, D. H. **Speech and technology:** drift directions on the Facebook social network. 2016. 121p. Thesis (MS). Graduate Diploma in Language Sciences at the Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre/MG.

Possible forms of sociability, privacy and “interaction” between subjects have produced drifts in the historical processes of humanity, especially from the operation of different tools posed by technological developments. In the early twenty-first century – software and applications produce significant matters and discursive processes that face the metal memory stay themselves constituting different subjects of discourse. Thus, the presentation of the work is theoretical basis the French Discourse Analysis, trying to analyze the conditions of production of different discourses that produced by different materiality. Especially those concerning the digital materiality, as well as their relationship with the externality, was taken as a material analysis, for understanding the discursive practices that qualify new and possible forms of sociability, discursive working tools, resources, graphical layouts of pages, contracts (terms and conditions), notices to users, of user posts and other materials on the social networking site Facebook. The relevance of the research lies in the pursuit of understanding of sociability mechanisms between subjects, the different and not watertight forms of “interaction” in the materiality of Facebook, and the movement of public and private senses, not discarding of how analysis the effects of these senses that produce cultural, ideological and historical slights. The identity construction has perceived as producing discourse – that is, to produce wording, the subject had produced – thus thinking of the man disparity. Thus, its overall objective was to analyze the discursive functioning of social networks, in order to understand from the theoretical and analytical devices of this field of science (Discourse Analysis), the socialization of meanings and interaction and privacy from the advent of digital technologies. From the analysis, theoretical and analytical devices have been deployed to understand the processes of production and circulation of meanings, many paraphrases schemes were designed as an interpretation of gestures, trying to deconstruct the possible controls engendered by the social network Facebook. It was observed how way, power always likely to be others, from a series of formulations and formulations again that, first, seek control, but at the same time disperse in relation to the possible forms of sociability of subject, putting into operation mistakes, drift, meaning spaces and (new) signification in which different directions can be produced.

**Keywords:** Digital Speech. Facebook. Sociability. Privacy.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Recorte 1: Ícone curtir .....	50
Figura 2 – Esquema de paráfrases do comando “Curtir” .....	52
Figura 3 – Esquema de paráfrases “relação de afinidade” .....	57
Figura 4 – Esquema de paráfrases “visualizar’ .....	60
Figura 5 – Recorte 2: Postagem do “usuário K” – Troco <i>Likes</i> .....	62
Figura 6 – Esquema do batimento, curtir e não curtir.....	65
Figura 7– Esquema de formações discursivas do “Não Curtir” .....	66
Figura 8 – Recorte 3: Postagem do “usuário X” – “Curtir versus Não Curtir” .....	69
Figura 9 – Recorte 4: Comentários da postagem do “usuário X” .....	70
Figura 10 – Recorte 5: Postagem do “usuário W” .....	71
Figura 11 – Recorte 06: “ <i>Emoticons</i> ” que buscam representar o “reagir” .....	76
Figura 12 – Recorte 07: Descrição da ferramenta “reagir” .....	79
Figura 13 – Recorte 08: Ícones, derivados do “Curtir”– “Reagir” .....	80
Figura 14 – Recorte 09: Ícones, palavras e classes gramaticais.....	83
Figura 15 – Recorte 10: Página inicial do <i>Facebook</i> – Ícone do cadeado.....	98
Figura 16 – Recorte 11: Barra tarefas do <i>Facebook</i> – Atalhos de privacidade .....	100
Figura 17 – Recorte 12: Termos de uso do <i>Facebook</i> .....	103
Figura 18 – Recorte 13: Termos de uso <i>Facebook</i> – “Você está no comando” .....	104
Figura 19 – Recorte 14: Preferências de privacidade do <i>Facebook</i> .....	107

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 ANÁLISE DE DISCURSO.....</b>	<b>17</b>
1.1 Uma disciplina de entremeio.....	17
1.2 O discurso e sua exterioridade .....	18
1.3 Uma teoria face aos dispositivos teóricos e analíticos .....	20
1.4 A deriva dos sentidos e o pré-construído.....	24
1.5 Uma nova perspectiva de leitura e escrita .....	27
1.6 O mesmo e o diferente na produção de sentidos .....	29
<b>2 O DISCURSO DIGITAL .....</b>	<b>33</b>
2.1 O digital funcionando em práticas discursivas .....	33
2.2 O discurso capitalista em funcionamento nas redes sociais.....	36
2.3 O nascimento da rede social <i>Facebook</i> .....	39
2.4 O <i>Facebook</i> na velocidade da globalização.....	40
2.5 A materialidade digital do <i>Facebook</i> .....	42
<b>3 DIFERENTES FORMAS DE SOCIABILIDADE NO <i>FACEBOOK</i>.....</b>	<b>44</b>
3.1 A circulação dos sentidos pela materialidade digital .....	45
3.2 Processos Discursivos do comando “Curtir” .....	47
3.2.1 As derivas produzidas pelo comando “curtir” .....	50
3.2.2 A relação de afinidade entre usuários no <i>Facebook</i> .....	57
3.2.3 O efeito de sentido de “visualizar” face ao comando “Curtir” .....	59
3.3 O funcionamento parafrástico de “Curtir” → ‘Não Curtir’ .....	64
3.3.1 Os diferentes efeitos de sentido do “Curtir” em funcionamento.....	68
3.3.2 “De tanto que me solidarizo”, “Não curto” e/ou “Curto” .....	71
3.4 “Reagindo” a partir das Condições de Produção .....	73
3.4.1 Linguagem não verbal produzindo derivas.....	75
3.4.2 A (co)relação incompleta entre o jogo de imagens, palavras e sentidos.....	79
3.4.3 O espaço digital produzindo condições específicas .....	85

<b>4 SENTIDOS DE PRIVACIDADE NO FACEBOOK.....</b>	<b>87</b>
<b>4.1 Do público ao privado, as vertentes da intimidade em transição .....</b>	<b>91</b>
4.1.1 O domínio público, quebra de barreiras paradigmáticas .....	93
<b>4.2 Cadeado, conteúdo, imagem e o sentido de privacidade.....</b>	<b>97</b>
4.2.1 O atalho em uma perspectiva de controle .....	99
<b>4.3. Privacidade, uma questão relevante.....</b>	<b>102</b>
4.3.1 A ilusão de estar no comando .....	104
4.3.2 Sensibilidade, símbolo constitutivo da preferência .....	106
<b>4.4 Privacidade apoiada por aspectos legais: “Responsabilidade Civil” .....</b>	<b>110</b>
4.4.1 Muito além de uma relação social, uma relação de consumo .....	111
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>117</b>

## APRESENTAÇÃO

A densa relação entre homem, mundo e linguagem não se faz estanque, muito menos transparente, a partir do campo teórico da Análise de Discurso, pois as diversas possibilidades de produção de linguagem ultrapassam as barreiras pragmáticas e literais, até mostrar que os processos de linguagem e de produção de sentidos estão presentes, tanto no mais simples gesto de não falar, até na ilusória intenção de se fazer entender.

A dissertação, aqui materializada, é o resultado de diversas análises feitas a partir da perspectiva discursiva, desta forma considerando a Análise de Discurso como referencial teórico. Este trabalho não objetiva mostrar o conteúdo dos textos analisados, mas sim mostrar o funcionamento discursivo dos mesmos, levando o leitor a uma ótica discursiva dos enunciados, a compressão dos processos significativos, funcionamento e produção de sentidos.

Na Análise de Discurso, teoria que orienta este trabalho, o entremeio entre a Linguística, a História e a Psicanálise desloca as questões relacionadas à identidade do sujeito (usualmente entendida como natural e evidente em outras disciplinas) para o processo de produção de sentido e de sujeito, via língua.

Uma vez que o homem é constituído e ao mesmo tempo constitui a língua, estudos direcionados à linguagem fizeram-se necessários para a investigação destes funcionamentos que, mais tarde, sofreriam derivas para diversos campos teóricos que admitem e, ao mesmo tempo, questionam a Linguística (ORLANDI, 2009).

Pensar na linguagem em uma perspectiva lógica é tomá-la a partir de regras e normas que, não dispensadas para a constituição e ordem da língua, passam a ser objeto positivista de estudos da linguagem. Ainda recente, a Linguística instituída no século XX faz com que a linguagem se instaure no campo da ciência, ao considerar a língua como seu objeto e analisar seu funcionamento no campo das ciências humanas.

Marcados pelo racionalismo, alguns pensadores da linguagem concentravam-se em estudar a relação entre a língua e o pensamento, assim a este uma representação material da língua. Desde então, diversos outros estudos foram produzindo deslizamentos e deslocamentos a partir da Linguística.

Na Grécia antiga, os pensadores estendiam-se em longas discussões para saber se as palavras imitam as coisas ou se os nomes são dados por pura convenção. Ou então mantinham calorosos debates sobre a própria organização da linguagem: ela se organiza, perguntavam eles, de acordo com a ordem existente no mundo, seguindo princípios que têm como referência as semelhanças ou diferenças? (ORLANDI, 2009, p.8).

O homem quando fala ou escreve produz sinais que, além de serem produzidos como formas de expressão, fazem com que ele produza sua própria vida – tais sinais podem ser chamados de signos linguísticos. Uma vez que a Linguística tem como objeto de estudo a linguagem verbal – oral ou escrita –, este trabalho se apoiará também nestes aspectos da linguagem escrita que, porém, não são os únicos objetos a serem interpretados.

Abordar a história pelo viés da Análise de Discurso Francesa é considerá-la fator atuante na produção de sentidos; a história não se compõe somente por acontecimentos, porém, estes fazem funcionar diferentes sentidos. Ao fazer parte da história, o homem se inscreve nela além de personagem, produtor da própria história – daí o motivo de pensar não em fatos históricos, mas a história como historicidade ou acontecimentos que produzem sentidos, independentemente da temporalidade do evento.

Os aspectos de ordem social e histórica são abordados a partir da perspectiva teórica do materialismo histórico. A partir daí, é possível se questionar sobre o funcionamento da língua, na relação entre sujeito e história. Pode-se dizer que filiar-se ao materialismo histórico é considerar a exterioridade do discurso, pois ao ser dito, a (inter)relação com outros discursos se faz necessária para a produção de sentidos, afinal o sujeito, mesmo enunciando, jamais será a origem do dizer, pois através desta relação entre os já ditos é que o dizer se constitui; logo na produção de discursos o sujeito se constitui ao mesmo tempo que produz sentidos.

Resta-nos lembrar que a análise de discurso trabalha com a materialidade da linguagem, considerando-a em seu duplo aspecto: o linguístico e o histórico, enquanto indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que (o) significam. O que me permite dizer que o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído (ORLANDI, 2007b, p.37).

Além da relação com os já ditos, considera-se neste campo teórico que as determinações históricas constituem as condições em que o discurso é produzido,

sendo de fundamental relevância para que tais sentidos sejam compreendidos a partir de dispositivos teóricos e analíticos propostos pela Análise de Discurso.

A forma material afeta o sujeito de modo a produzir sentido. Este sujeito é sempre já afetado pela história, constituído pela ideologia. Este sujeito, ao qual se refere este trabalho, não é o sujeito da pragmática, nem da Psicanálise, mas sim o sujeito do discurso.

Trilhar os caminhos propostos pela Análise de Discurso é levar em consideração o sujeito, demonstrado por este campo teórico em sua não transparência. Todavia, ponderar a opacidade tanto da linguagem, quanto do sujeito, coloca-nos a analisar os deslizamentos destas noções. O jogo dos sentidos funciona no trânsito entre sujeitos, discursos e sentidos, pois não existe discurso sem sujeito, e nem sentido sem discurso; daí considerar a não transparência na linguagem é fundamental para a Análise de Discurso.

Segundo Orlandi (2011), estar no entremeio de outros campos teóricos faz com que a Análise de Discurso não simplesmente busque definições ou funcionamentos destas, mas que questione características anacrônicas:

O quadro epistemológico colocado por Pêcheux, para a análise de discurso, se apresenta como articulação de três regiões do conhecimento científico: (1) materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações, aí compreendida a teoria da ideologia; (2) a linguística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; (3) a teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Além disso, segundo Pêcheux, essas regiões são atravessadas por uma teoria da subjetividade, na natureza psicanalítica [...] (ORLANDI, 2011, p.108).

Perceber e analisar os processos discursivos é a principal função desta pesquisa, que toma a Análise de Discurso como referencial teórico. Logo a Análise de Discurso ao mesmo tempo que considera, indaga a Linguística, a História e a Psicanálise, por isso é considerada uma disciplina de entremeio.

Esta pesquisa busca compreender o funcionamento dos discursos, nas materialidades apresentadas nos recortes que serão analisados – espaço digital, e proporcionará ao leitor compreender além do texto, não buscando desvendar o implícito – o que está por detrás dele, mas o que funciona nele, podendo produzir diferentes efeitos de sentido.

Lévy (2000), afirma que as relações interpessoais, além de produzirem, promovem modificações, transformações avassaladoras nos espaços digitais, onde a consideração da riqueza dos processos discursivos que ali funcionam é de fundamental importância para as Ciências da Linguagem. Esses espaços digitais, principalmente os que funcionam como redes sociais, propiciam uma interação efetiva, mesmo tendo em vista as possíveis distâncias físicas.

A problematização desta pesquisa, consiste em compreender discursivamente o funcionamento de alguns ícones/comandos presentes na rede social *Facebook*, bem como a produção de sentidos que funcionam a partir desses comandos. Analisar discursivamente as relações atuais balizadas pelas redes sociais, de forma particular no *Facebook*, e seus impactos na produção de sentidos.

No entanto, analisar o funcionamento discursivo de recortes na rede social *Facebook*, bem como as derivas nos sentidos de sociabilidade e privacidade que funcionam a partir do advento das tecnologias digitais. Já os objetivos específicos elenca-se em: (1) analisar textos escritos, fotos, compartilhamentos e postagens de usuários de redes sociais, entendidos como produções discursivas; (2) descrever e interpretar, através do referencial-teórico metodológico da Análise de Discurso, as ferramentas, ícones de comando propostas pela rede social *Facebook* – “Curtir”, “Atalhos de privacidade”, “Reagir” e “Compartilhar”; (3) analisar os diferentes funcionamentos dos discursos de sociabilidade, privacidade e interação social.

A execução deste trabalho científico se justifica pela oportunidade de introduzir aspectos para a compreensão não somente da superfície de diferentes textos relacionados ao tema, mas, analisar estes mesmos, por meio do dispositivo teórico e analítico proposto pela disciplina de Análise de Discurso.

Pode-se afirmar que a Análise de Discurso é relevante para as Ciências da Linguagem que, sempre de forma cautelosa, busca processos e procedimentos que tragam uma nova compreensão da relação entre linguagem e sociedade. A noção de discurso que, por sua vez, sempre está em curso – ou seja, contempla a dinamicidade na mesma velocidade das mudanças, propicia a compreensão do que está ali materializado, através de um dizer ou não dizer e é justamente esta contradição que se faz presente nesse processo discursivo, que além do que se vê, busca aprimorar as técnicas do entender algo que ali está, considerando a opacidade da linguagem.

Em síntese, a (inter)ligação dos objetivos de pesquisa junto ao modo de trabalho proposto pela Análise de Discurso, torna tal trabalho de grande relevância para a sociedade e para a comunidade acadêmica, a partir da abordagem da linguagem. Justifica-se, desta forma, na importância da compreensão do funcionamento dos discursos inscritos pela tecnologia na rede social *Facebook*, bem como seus efeitos de sentido.

Serão tomados como corpus, recortes como ferramentas, recursos e disposições gráficas, contratos (termos e condições), os avisos aos usuários, ícones de direcionamentos e outros materiais relativos ao funcionamento do aplicativo *online Facebook*.

Além disso, algumas postagens de usuários destas redes constituirão os demais recortes a serem analisados e interpretados pelo mesmo dispositivo teórico e analítico citado. Estes foram selecionados a partir de inquietações do pesquisador – analista frente a esse campo teórico – o da Análise de Discurso.

Esta pesquisa conta com 14 recortes:

- Recorte 1 – Ícone Curtir (Figura 1);
- Recorte 2 – Postagem do “usuário K” – “Troco *Likes*” (Figura 5);
- Recorte 3 – Postagem do “usuário X” – “Curtir *versus* Não Curtir” (Figura 8);
- Recorte 4 – Comentários da postagem do “usuário X” (Figura 9);
- Recorte 5 – Postagem do “usuário W” (Figura 10);
- Recorte 6 – *Emoticons* que busca representar o “Reagir” (Figura 11);
- Recorte 7 – Descrição da ferramenta “Reagir” (Figura 12);
- Recorte 8 – Ícones, derivados do “Curtir”– “Reagir” (Figura 13);
- Recorte 9 – Ícones, palavras e classes gramaticais (Figura 14);
- Recorte 10 – Página inicial do *Facebook* – Ícone do cadeado (Figura 15);
- Recorte 11 – Barra de tarefas do *Facebook* – Atalhos de privacidade (Figura 16);
- Recorte 12 – Termos de uso do *Facebook* – “Sua privacidade é muito importante para nós” (Figura 17);
- Recorte 13 – Termos de uso do *Facebook* – “Você está no comando” (Figura 18);
- Recorte 14 – Preferências de privacidade do *Facebook* (Figura 19);



Levando em consideração os caminhos sinuosos da ciência, e a partir de alterações propostas pela ferramenta *Facebook* (a inclusão de novos ícones que poderiam vir a substituir a utilização do comando “curtir”) durante a própria escrita do trabalho, foi necessário incluir novos materiais na análise.

Esta dissertação conta com quatro capítulos sendo eles:

- Capítulo 1 – Análise de Discurso Francesa;
- Capítulo 2 – O Discurso Digital;
- Capítulo 3 – Diferentes formas de sociabilidade no *Facebook*;
- Capítulo 4 – Sentidos de privacidade no *Facebook*.

O primeiro capítulo, representado como o referencial teórico, traz noções da Análise de Discurso, disciplina de entremeio que dispõe ao leitor uma nova maneira de interpretar, a partir da compreensão dos processos discursivos que funcionam em diversos enunciados. Este capítulo tem como fio condutor a noção de interdiscurso, bem como sua relação com a memória – a historicidade, o político e sua exterioridade.

No capítulo dois, a abordagem da informatização funcionando discursivamente, propõe a compreensão do discurso capitalista sendo produzido na materialidade digital; o advento das tecnologias digitais *online* – redes sociais, sendo disseminada e popularizada na atualidade. Outras importantes abordagens que este capítulo traz ao leitor, são informações relevantes do histórico do *Facebook*, trabalhando cronologicamente e historicamente seu funcionamento no mundo.

Transitando por análises discursivas, o terceiro capítulo conta com recortes fundamentais para esta produção acadêmica. Ícones são minuciosamente interpretados a partir da Análise de Discurso, no qual processos perifrásticos são mobilizados para compreensão dos processos discursivos que funcionam nos enunciados – recortes. Intitulado como ‘Diferentes formas de sociabilidade no *Facebook*, esse capítulo mostra as possíveis derivas produzidas pelo comando “Curtir”, e ícones do comando “Reagir”.

Os possíveis sentidos de “Público” e “Privado” que funcionam no *Facebook*, bem como os aparatos que esta rede social disponibiliza para os usuários, mesmo que este controle seja ilusório, ou pseudo-controle. No capítulo quatro, também com diversas análises, aborda os possíveis deslizamentos e deslocamentos entre “Público” e “Privado”, face a intimidade/exposição dos usuários; tal qual as “Responsabilidades Cívicas” devem ser levadas em consideração na produção dos sentidos.

A partir dos quatro capítulos que serão percorridos nesta pesquisa, desnaturalizar o controle da/ na rede social Facebook, bem como apontar processos parafrásticos e polissêmicos que funcionam nos discursos digitais é a principal tarefa do autor, que tendo como referencial teórico a Análise de Discurso, mostra que o sentido sempre pode vir a ser outro.

## 1 ANÁLISE DE DISCURSO

### 1.1 Uma disciplina de entremeio

Na França, a partir da década de sessenta, foi projetada, por Michel Pêcheux e seus colaboradores, uma nova possibilidade de interpretação da linguagem: a Análise de Discurso – uma disciplina de entremeio atuante no campo das Ciências Sociais e da Linguística. Desde então, em vez de meramente leituras convencionais de textos e falas, passou-se à utilização de dispositivos teóricos e analíticos visando à interpretação do simbólico; o objeto interpretado pelos princípios da Análise de Discurso permite compreender a maneira com que a ideologia se materializa no discurso.

Questionando a Linguística, o Materialismo História e também a Psicanálise, como foi dito anteriormente, a referida disciplina busca analisar diferentes discursos, que são produzidos em diversas condições de produção. A Análise de Discurso propõe um sujeito que é constituído também pelo inconsciente – formações ideológicas, que sofre, constantemente, efeitos dessa constituição na produção discursiva. A história, que não é somente cronológica, mas o funcionamento da historicidade, também faz parte do campo teórico da Análise de Discurso Francesa (MALDIDIER, 2003).

A partir da teoria fundada por Pêcheux é possível colocar em relação os diferentes discursos que constituem sentidos sobre diferentes formas de sociabilidade nas redes sociais, de forma especial, o que fará parte do corpus dessa pesquisa, o *Facebook*. Também, é abordada nesta pesquisa, a produção de sentidos nos mais variados discursos que funcionam sobre a temática das dispersões entre o público e o privado – assim notando as possíveis derivas que o movimento na história tratou de efetuar, bem como o pré-construído presente nos mesmos.

De acordo com Orlandi (2015b), muito mais que a transmissão de informações, o discurso traz em si sentidos e efeitos diferentes. Abordado pela história, pela sociedade, pela memória e por diversos fatores em sua elaboração, reúne repercussões diferentes de sentidos, baseado nas diferentes condições de produção. “Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão

separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso” (ORLANDI, 2015b, p. 21).

Para tanto, os conhecimentos necessários para a composição do campo teórico da Análise de Discurso congregam diferentes regiões do conhecimento, que ao mesmo tempo em que se contradizem, se reúnem em pariformes linhas: a teoria da sintaxe e da enunciação, a teoria da ideologia e a teoria do discurso.

Diferente do que se pensa, a Análise de Discurso Francesa pecheutiana, não busca desvendar o que está escondido nos discursos, mas como os possíveis sentidos são constituídos por determinadas condições de produção.

Essas são disciplinas que se configuram em sua especificidade nos anos 60, fundamentalmente. Ao falarmos da análise de discurso e de seu modo de constituição, estaremos aí representando o processo de construção dessas disciplinas, em geral. O fato delas não acumularem positivamente no espaço indistinto das relações entre disciplinas, relações estas que não são quaisquer umas, mas que têm sua especificidade [...] (ORLANDI, 2007b, p.23).

Por ser uma disciplina de entremeio, a Análise de Discurso não vem complementar as disciplinas das ciências sociais e linguística, mas é colocada justamente no questionamento destas áreas, fazendo contrapontos entre elas. Muito mais do que uma ligação direta, ela circula em uma área particular, que não deixa de considerar pontos destas disciplinas, mas põe em funcionamento uma nova maneira de entendê-las e até mesmo faz nascer novas noções de pontos estruturantes.

## **1.2 O discurso e sua exterioridade**

Atravessada pelas especificidades do discurso, a Análise de Discurso compreende cada discurso a partir das particularidades. Desta forma, além de se analisar o que está concretamente no enunciado – palavras, cores, imagens ou expressões, observa-se, também a constituição dos mesmos; ou seja, a relação do discurso com outros discursos. Assim, considerá-lo é o mesmo que aceitar que o homem não é origem do que diz – esquecimento número dois.

O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo do nosso dizer, formam famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro [...].

Outro esquecimento é o esquecimento número um, também chamado esquecimento ideológico: ele é a instância do inconsciente e resulta de modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes (ORLANDI, 2015a, p. 32).

Compreendendo os sujeitos e também a memória que constitui os discursos, acredita-se, então, que as condições em que o discurso foi produzido, compreendendo a complexidade e contextualização entre os elementos sócio-históricos e, também, ideológicos que funcionam nestas condições de produção. Estes acontecimentos, simultâneos à produção dos discursos, relacionam-se não só com que “já foi dito” histórico-ideologicamente, mas com o que “está dito” sobre tal assunto, ou em determinado discurso.

Conforme Piovezani e Sargentini (2011), qualquer dito em um determinado momento da história, na verdade, produz uma memória discursiva, que é caracterizada por aquilo que se fala em algum outro lugar, espaço ou conjuntura. A memória discursiva, que difere de meras lembranças do passado, funciona no interdiscurso – conjunto de formulações que afetam o dizer, e que se baseiam também nos esquecimentos; ou seja, a ilusão do que é dito é inédito, assim produzindo a impressão que os dizeres têm origem no próprio sujeito.

As formações discursivas, compostas pelas memórias do dizer, pelos esquecimentos sendo da ordem segunda (enunciação), ou sendo da primeira (ideológica). Assim, quando se diz algo, este dizer poderia ser dito de diferentes formas, compondo assim famílias parafrásticas. Afetando o sujeito, e o fazendo ter uma noção ilusória que aquele dito é inédito, sendo que está de alguma forma presente na memória discursiva.

Conforme Pechêux (1988), processos parafrásticos e polissêmicos se fazem presentes no funcionamento discursivo, propondo a tensão entre o mesmo e o diferente. A paráfrase compõe a mesma família ‘do dizer’, mantendo desta forma algo em relação ao dizível. Por outro lado, as possibilidades de sentidos que são deslocados em outros dizeres podem ser consideradas processos polissêmicos. Por reconhecer a nebulosidade/opacidade da linguagem por conta de suas complexidades, tornando os processos parafrásticos e polissêmicos para interpretar a incompletude da linguagem (ORLANDI, 2015a).

Percebe-se que os discursos são relacionados entre si, não existindo assim, início absoluto para tal, tampouco o mesmo se finda cabalmente. Esta relação entre sentidos e discursos pode ser denominada de relações de sentidos, considerando a interação entre os já ditos, constituídos através da historicidade. Todo dizer possui uma história, e é nessa historicidade que os discursos se constituem. Nem o sujeito, muito menos o discurso, mostram-se transparentes; é justamente nesta opacidade que a investigação do analista de discursos é colocada em funcionamento.

O materialismo histórico, um dos pilares que constitui a teoria da Análise de Discurso, compreende a história não como fatos cronológicos distribuídos ao longo dos anos, mas pela perspectiva que o homem participa da história e, desta, os sentidos são produzidos.

Baseados na noção de relações de forças pode-se perceber que o sujeito se instaura a partir da forma do seu dizer, sendo assim, a 'posição-sujeito' pode variar de acordo com a formulação discursiva, produzindo diferentes feitos em relação à forma-sujeito que fora construída. 'O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc.' (ORLANDI, 2015a, p. 39).

Em uma sociedade em que a hierarquia pressupõe uma forma particular em relação às posições de poder, ela, a hierarquia busca abarcar sentidos de poder, podendo assim produzir possíveis posições-sujeito em relação ao poder que é exercido na sociedade. Este poder é exercido na sociedade através de relações de força, produzido por uma posição em que o mesmo ocupa perante a comunidade; construindo assim variáveis de sentidos a partir desta posição.

### **1.3 Uma teoria face aos dispositivos teóricos e analíticos**

Os sentidos não são inertes, muito menos há padronização em sua constituição; as posições ideológicas são estabelecidas a partir da (inter)atuação dos interdiscursos e suas formações sócio-históricas. A memória discursiva, relaciona-se com a história e às condições de produção, no entanto, baseado em Pêcheux (1988), pode-se afirmar que o sentido é materializado por uma ou mais palavras, ou expressões que se interagem simultaneamente, criando assim diferentes sentidos a partir da simultaneidade do mesmo, em formulações diferentes (paráfrase) e uma

nova forma do dizer (polissemia), afetando o sujeito constituído, inclusive, pela ideologia e pelas relações de poder.

É nesta dinamicidade entre processos parafrásticos e processos polissêmicos que a língua se materializa através do discurso; é nesta tensão que o mesmo e o diferente funcionam. O discurso – sempre em construção – traz a noção da incompletude por saber que nem o sujeito, muito menos seus dizeres estão finalizados. Daí percebe-se que não se define um fim para um discurso, e um início para o outro; a variabilidade do mesmo produz na língua marcas significantes.

Mencionando neste estudo o elo entre sujeito e ideologia, surge a questão: como um discurso produz sentidos? O que permite que um sentido se formule e não outro? E a partir destes questionamentos, percebe-se que não existe discurso sem interpretação, muito menos interpretação sem ideologia, pois o indivíduo é interpelado em sujeito a todo instante pela ideologia. Desta forma, na maioria das vezes, não muito evidente, o analista de discursos precisa amparar-se em um dispositivo analítico a fim de analisar os processos discursivos e ideológicos.

Considera-se assujeitamento uma forma histórica do sujeito que, ao mesmo tempo em que possui uma liberdade sem limites, é comprometido a uma submissão persistente, imposta pelo entendimento da língua que se propõe a saber. O capitalismo vivido atualmente, e construído ao longo da história, promove um tipo específico de assujeitamento dos indivíduos em relação aos seus discursos que, simbolicamente, fazem-se existir elencado aos processos de relações de pertença e poder.

Entendendo que a linguagem permeia todos os campos de atividade do homem, não há dúvidas que a mesma se mostra não transparente e cheia de movimentos, pois, como mencionado por Orlandi (2015b), o discurso coloca-se sempre em curso; ele movimenta-se submetendo a processos históricos de constituição dos sentidos. Em suma, nunca se pode afirmar que um analista esgotará a interpretação de um discurso, pois, mesmo com métodos, diversas formações discursivas podem ser mobilizadas pelos analistas a partir do dispositivo analítico.

Os sentidos sempre podem vir a ser outros, produzindo assim a subjetividade não estruturada no empirismo, mas pela complexidade e incompletude da linguagem. Como afirma Orlandi (2015b, p. 54), “pela natureza incompleta do sujeito, dos

sentidos, da linguagem (do simbólico), ainda que todo sentido se filie a uma rede de constituição, ele pode ser um deslocamento nessa rede”.

Por também contar com um dispositivo teórico/metodológico, a Análise de Discurso se caracteriza por apresentar uma metodologia própria de análise, que segue princípios teóricos e epistemológicos próprios. Por não existirem sentidos literais, no campo teórico da disciplina de Análise de Discurso Francesa, o analista deve levar em consideração o funcionamento da ideologia, a memória discursiva, dentre outros importantes (quesitos/conceitos) mencionados ao longo deste texto.

Uma vez que o objeto da Análise de Discurso é o discurso, levar em conta a diferença entre segmentar o texto e recortá-lo torna-se um ponto fundamental para entender tal método de interpretação (ORLANDI, 2015b). Este primeiro recurso (segmentar) é excluído do método da Análise de Discurso, pois o mesmo separa parte do texto; desta forma, considerando o que está mencionado de forma delimitada na parte segmentada e cortando qualquer tipo de vínculo com outros ditos, não considerando a exterioridade.

Já o recorte é a escolha de uma parte do objeto, vindo de uma inquietação ou questionamento do analista, podendo estar materializado no texto, imagem, música, dentre outros. No entanto, para se fazer um recorte do discurso, necessita reconhecer a dinamicidade deste com os demais componentes do discurso.

Deve ser compreendida a noção de corpus na Análise de Discurso; ou seja, o objeto no qual o analista buscará interpretar de acordo com a metodologia em diferentes naturezas de linguagem – letras, sons, imagens, expressões, dentre outras. Para determinar, ou definir o corpus da pesquisa, o dispositivo teórico segue rumo à pergunta que organiza a análise, colocando a interpretação nos possíveis caminhos da pergunta que se busca compreender.

Outra etapa do processo tomado pela Análise de Discurso é a da superficialidade linguística, que consiste em reconhecer a materialidade linguística que compõe o discurso – como se diz, quando se diz, quem o diz e de que forma se diz. Desta forma, identifica-se superficialmente alguns elementos essenciais para a interpretação do discurso. Nestas condições podem ser utilizados processos parafrásticos ou polissêmicos, a fim de se buscar compreender como os sentidos se constituem e funcionam a partir da materialidade linguística analisada.



Torna-se substancial no processo de interpretação, a observação do funcionamento de um discurso, que pode funcionar em um fragmento do texto, sendo ele escrito ou falado, através de palavras, cores ou imagens. Considera-se então, elementos do texto, intradiscurso; justapostos com o interdiscurso; desta forma trazendo à tona a historicidade que funciona no discurso, abolindo a observação meramente do conteúdo textual, mas reconhecendo a região menos evidente, menos visível – porém, que opera no mesmo. “Não vemos nos textos os “conteúdos” da história. Eles são tomados como discursos, em cuja materialidade está inscrita a relação com a exterioridade” (ORLANDI, 2015b, p. 68).

Observa-se nas interpretações que as formações imaginárias tomam conta dos discursos pois causam um efeito de realidade. Desta forma, o real do discurso representa a dispersão, a falta, o equívoco e a incompletude do mesmo. Por outro lado, a representação imaginária do autor, que se inscreve em uma posição-sujeito, dá lugar às posições imaginárias, associando o sujeito, o texto e o autor.

Quanto ao social, não são os traços sociológicos empíricos – classe social, idade, sexo, profissão – mas as formações imaginárias, que se constituem a partir das relações sociais, que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um operário, de um presidente, de um pai, etc. (ORLANDI, 2007b, p. 30).

Submetendo ao processo de análise a uma correlação, formula-se um procedimento que tem o intuito de auxiliar o processo de interpretação: (primeira etapa) passagem da superfície linguística para o objeto de discurso; (segunda etapa) passagem do objeto de discurso para o processo discursivo; (terceira etapa) processo discursivo (ORLANDI, 2015b).

A etapa inicial, que compõe o método da análise, busca compreender na superfície linguística (na enunciação) vestígios do esquecimento número dois, a partir do corpus (objeto discursivo a ser interpretado), em que coloca o sujeito na ilusão de que aquilo que foi dito poderia ser somente daquela forma, assim elaborando o dizer atual (a enunciação). Neste momento, é importante a noção de processos parafrásticos e polissêmicos, entre o dito e o não dito, ou até mesmo o porquê não foi dito de outra forma.

Tomado pelo objeto discursivo representado pelo texto, a identificação das formações discursivas torna-se essencial para a eficácia do segundo passo deste

método, que buscam associações dos já ditos (sítios discursivos), independente da temporalidade cronológica, mas que se constitui a partir da memória discursiva.

#### **1.4 A deriva dos sentidos e o pré-construído**

O efeito metafórico põe em funcionamento o discurso e a língua, a produção de sentidos a partir de formulações (co)relacionadas. Este é um fenômeno semântico, não só por trabalhar a superfície linguística do enunciado, mas também por produzir deslizes e deslocamentos. “Falamos a mesma língua, mas falamos diferente” (ORLANDI, 2015a, p. 78).

A percepção da filiação do dizer (à uma formação discursiva, por exemplo) coloca o analista face à interpretação de outros dizeres constituídos pela materialidade histórica, pela língua e pelo inconsciente; logo, o discurso é relacionado a diversos outros discursos.

O processo discursivo, instaurado a partir de condições específicas de produção, leva em conta a heterogeneidade do texto e a opacidade do discurso. Estas condições afetam a interpretação do discurso, uma vez que a compreensão de determinadas condições, faz com que o próprio discurso perpassa por formações específicas. Esta etapa pode ser sinalizada como terceira, que mergulha na discursividade do texto, relacionando-o ao interdiscurso – na relação ao dito, às filiações e formações discursivas, ao intradiscurso e à enunciação que o compõe.

A ideologia interpela o indivíduo em sujeito, que produz discursos afetados por processos ideológicos. A função do analista não está na identificação desta ideologia, mas em sim compreender seu funcionamento, ou seja, analisar os efeitos de evidências.

Filiando-se na teoria e metodologia da Análise de Discurso, que conduz a uma nova forma de ler, a uma forma de compreender não somente o texto, mas o discurso que ali funciona, faz com que a atenção não seja exclusiva ao que foi dito, mas também ao que está por dizer, ao não-dito, ou até mesmo ao que foi silenciado. Por trabalhar com a exterioridade representada por várias questões, principalmente pela ideologia, a noção do não dizer se aflora nos objetos analisados de forma que até mesmo o silêncio se materializa e representa, efetivamente, como efeitos de sentido, produzindo assim determinadas representações de linguagem.

Há um longo percurso entre o interdiscurso (memória discursiva) e o texto: ordem das palavras, repetições, relações de sentidos, paráfrases que diluem a linearidade mostrando que há outros discursos no discurso, que os limites são difusos, passando por mediações, por transformações, relação obrigatória ao imaginário. Farto trabalho da ideologia (ORLANDI, 2008, p. 110).

Quando se lê Pêcheux a partir do campo das Ciências da Linguagem, especificamente na Análise de Discurso, uma diferente interpretação é engendrada, em que o analista de discurso lança mão do gesto de leitura, percebendo que o sujeito e o sentido se constituem, simultaneamente (ORLANDI, 2008).

Interpelado pela ideologia, o sujeito se produz ao mesmo tempo que produz sentidos e é a partir desta perspectiva que a Análise de Discurso põe em funcionamento uma nova maneira de interpretar, levando em consideração processos de produção de sentidos, e não meramente buscando desvendar tais sentidos.

O que diferencia a Análise de Discurso que circula hoje, em relação à linguística do século XIX, é justamente a entrada do sujeito e do sentido na composição dos discursos, pois considerar uma linguística autônoma é desconsiderar a opacidade da linguagem; também não levando em conta o movimento dos discursos, muito menos as posições-sujeito que se inscreve simultaneamente com os discursos, e seus respectivos sentidos. Ou seja, o sujeito se inscreve no discurso a partir da interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia.

Em nossa perspectiva, qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, compromisso com diferentes posições sujeito, com diferentes formações discursivas, distintos recortes de memória, distintas relações com a exterioridade (memória) (ORLANDI, 2007b, p. 14).

Pensar em questões sócio-históricas, a partir da abordagem discursiva, é de fundamental relevância para uma teoria que se edifica na relação entre sujeito, história e linguagem – tríade que ocupa um lugar diferenciado às demais teorias da linguagem, dando lugar à interpretação do simbólico.

Como mencionado anteriormente, mas vale a pena retomar, a teoria do discurso (Análise de Discurso Francesa) se interessa nos processos de significação, assim considerando a história não como dados históricos, mas como a historicidade que funciona na sociedade através da exterioridade. Por isso a explicação da origem

das palavras já funcionar nos discursos, a partir de registros fundamentados pela historicidade.

Além dos processos sócio-históricos, a Análise de Discurso Francesa de filiação pecheutiana provoca deslizamentos e deslocamentos em noções psicanalíticas; importantes para a compreensão dos sujeitos, que não mais só da Psicanálise, mas do Discurso; produz efeitos de sentido.

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história (ORLANDI, 2015a, p. 17).

As palavras não possuem sentidos sozinhas, isoladas, mas circulam produzindo sentidos, a partir dos discursos. Logo, chega-se a colocação de que a textualidade se instaura, justamente nos processos de significação, a partir das palavras, textos e discursos. Há uma diferença entre o texto e textualidade, onde o texto é um objeto sócio-histórico-linguístico, onde a própria linguística intervém neste objeto sócio-histórico. Por não ser meramente um conjunto de enunciados, o discurso significa a partir da historicidade, da textualidade presente nele, que por sua vez incompleto, leva em consideração o interdiscurso.

Considerar a historicidade do discurso é repensar a relação entre ideologia e sujeito, levando em consideração o interdiscurso – ou seja, a relação entre o discurso e sua exterioridade, outros discursos, afinal, por não existir começo e fim, os discursos funcionam como fatos discursivos a partir de suas materialidades.

Para Orlandi (2007a), o materialismo em si não é aplicado na Análise de Discurso, mas uma nova noção de forma material é instaurada a partir da ideologia – as posições sujeito e a produção de sentidos, deslocando o objeto da Análise de Discurso como o próprio discurso.

Os sentidos não são repassados pelos interlocutores, mas sim funcionam como efeitos relativamente incontroláveis, e por isso pode-se dizer que não se transmite mensagem, mas sim se produz discursos. E, a partir desta afirmação, o gesto de interpretação do analista é de interpretar os processos discursivos, e não os

resultados dos discursos. No entanto, sugere-se que a interpretação aparece em dois momentos da análise:

Em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise (ORLANDI, 2015a, p. 58).

Há uma nova entrada de interpretação na Análise de Discurso Francesa, mobilizando a noção de gesto de interpretação, que além de ser um dispositivo analítico, toma parte de um texto, ou seja, leva em conta a materialização do discurso através de uma unidade discursiva. Passa-se do texto ao discurso, desta forma remetendo-o às diferentes formações discursivas que o atravessam, assim distinguindo-o pela ideologia.

### **1.5 Uma nova perspectiva de leitura e escrita**

O batimento entre descrever e interpretar é fundamental para a Análise de Discurso Francesa. Desta forma toma-se a descrição, mas não deixando de levar em consideração os processos de significação face a esta maneira particular de interpretar. Os sentidos não estão escondidos no texto, muito menos estão por detrás dele; o sentido está na discursividade do texto e é a partir de gestos de interpretação que o analista o considera.

Em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação. Por isso é necessário introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetivos simbólicos que analisa, produzindo deslocamentos em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação (ORLANDI, 2015c, p. 59).

A literalidade é um produto da história, ou seja, é constituída a partir da historicidade que funciona no discurso. Nesse campo teórico, o da Análise de Discurso, não se pode afirmar que os sentidos são literais, mas que eles são produzidos a partir de acontecimentos, estes também discursivos. Ainda assim, o texto pode possuir uma (co)relação que produzirá sentidos, fazendo-se ultrapassar somente as barreiras textuais.

A relação entre o texto e o discurso põe em funcionamento uma relação dinâmica, pois o discurso é materializado no texto, assim produzindo sua textualidade. Bem como o texto está para o discurso, o sujeito está para o autor, na (inter)relação da textualidade e discursividade, uma vez que o discurso é uma unidade teórica e significativa; independentemente de seu conteúdo quantitativo.

A teoria desenvolvida por Pêcheux, muito mais que uma maneira de leitura, coloca o sujeito em uma posição de analista na qual, através de gestos de interpretação, chega-se à compreensão dos discursos, nos quais a inteligibilidade, interpretação e compreensão tornam-se esferas fundamentais para tal ação interpretativa.

“Já de início é preciso distinguir, no interior da noção de exterioridade, o que é real e o que é a realidade. Aí intervém o conceito de interdiscurso que provê o dizer de uma memória, de uma tradição de sentidos: o saber dos sentidos” (PECHÊUX, 2015, p. 52).

Considerando o gesto de interpretação como parte medular dessa teoria contemplada nesta pesquisa, já que o analista além de ter uma nova perspectiva de leitura, lança a mão da escrita analítica, utilizando dispositivos teóricos e analíticos, como mencionado anteriormente. Compreender os processos simbólicos é documentá-los através da análise, torna-se a principal tarefa do analista de discurso, que descreve e interpreta a partir da textualização do político (COURTINE, 1981).

Não há sujeito sem ideologia, nem sentido sem sujeito; portanto, este processo funciona de forma a produzir evidências a partir da constituição dos sujeitos e dos sentidos. A relação ideologia e inconsciente está engendrada na interpelação do indivíduo em sujeito, no entanto, o deslocamento na noção de inconsciente passa a circular na análise de discurso como efeito ideológico, pois mesmo sem ter ciência a ideologia afeta e constitui sujeitos e sentidos.

A ideologia, aqui, não se define como conjunto de representações, nem muito menos como ocultação da realidade. Ela é uma prática significativa. Necessidade da interpretação, a ideologia não é consciente: ela é efeito da relação necessária, para que se signifique. O sujeito, por sua vez, é o lugar historicamente (interdiscurso) constituído de significação (ORLANDI, 2007b, p. 48).

Segundo Orlandi (2015b), considera-se assujeitamento a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, dessa forma o constituindo enquanto sujeito do

discurso, colocando em circulação o “estar sujeito a” ou estar sujeito a algo para tornar-se sujeito. A forma-sujeito histórica faz relacionar o capitalismo com a constituição do sujeito, uma vez sendo afetados pelo Estado, o mesmo passa a funcionar como sujeito de deveres e direitos (jurídicos).

O sujeito individuado – aquele afetado pela ideologia e pelos processos sócio-históricos e políticos, o constitui, ao mesmo tempo que se identifica com determinadas formações discursivas. Na identificação destas filiações do dizer, o sujeito participa efetivamente do processo de identificação destas formações, assim fazendo gradativamente o movimento de identificação. Ainda, pode-se dizer sobre a possibilidade da ruptura do sujeito em relação de identificação com determinadas formações discursivas, assim demonstrando resistências (MALDIDIER, 2003).

Por hora, os efeitos ideológicos podem afastar o homem em compreender o real da história, pois o imaginário funciona de maneira significativa no processo de assujeitamento, inclusive na individuação deste sujeito na relação: ideologia e história.

## **1.6 O mesmo e o diferente na produção de sentidos**

Na produção dos discursos, o efeito metafórico funciona a partir do mesmo e o diferente; funcionamento não estanque de sentidos com outros sentidos. Por isso é possível que vários outros discursos sejam possíveis por esta relação com a historicidade/exterioridade, já que a língua não é um sistema fechado em si.

No processo de deriva, determinados sentidos podem se manter, porém o diferente também pode funcionar a partir do mesmo. Basta o analista, através de gestos de interpretação, tomar a análise a partir da opacidade do texto, da ausência necessária – que é fundamental na constituição dos discursos, afinal não se pode dizer tudo ao mesmo tempo, por isso o sujeito se filia a diferentes formações discursivas, a partir da memória do dizer. “Quanto à completude, já tivemos ocasião de observar em diversas ocasiões que a incompletude é fundamental no dizer. É a incompletude que produz a possibilidade do múltiplo, base da polissemia” (ORLANDI, 2015b, p. 47).

Mencionado anteriormente, os discursos são constituídos a partir de processos simbólicos e é por esse motivo que a linguagem se faz opaca e cheia de desvios em meio à discursividade. Não se esgotando de lembrar que os sujeitos e os sentidos são

produzidos a partir da materialidade discursiva; ou seja, a relação entre a constituição (interdiscurso) e a formulação (intradiscurso) podem produzir antecipações ou efeitos de antecipação. Estes mecanismos naturais linguísticos fazem com que o sujeito acredite o seu dizer será compreendido.

De acordo com a Análise de Discurso, o esquecimento número dois, remete a instância da formulação, fazendo com que o sujeito ao enunciar tenha a ilusão do controle da linguagem/mundo/pensamento, trazendo o pensamento de que exista uma relação direta entre essas esferas – assim, tendo a ilusão de que aquilo que foi dito só pode ser dito daquela forma, esquecendo as demais possibilidades de formulações.

O esquecimento da ordem primeira (o esquecimento número um) é parte da instância da ideologia que conduz o sujeito ao dizer. Pensa-se que o dito tem justamente origem nele, no sujeito, porém sabe-se que também é uma ilusão, pois o mesmo é afetado por outros discursos (interdiscurso), através da memória que funciona inconscientemente, pois ela não tem acesso à composição dos sentidos no sujeito. Percebe-se, então, que estes funcionamentos produzem equívocos nos processos discursivos.

Pensando-se a interpretação, esse efeito aponta-nos para o 'discurso duplo e uno'. Essa duplicidade faz referir um discurso a um discurso outro para que ele faça sentido; na Psicanálise, isso envolve o inconsciente, na Análise de Discurso, envolve também a ideologia. Essa duplicidade, esse equívoco é trabalhado como a questão ideológica fundamental, pensando a relação material do discurso à língua e a da ideologia ao inconsciente (ORLANDI, 2015a, p. 79).

Compreende-se que os gestos de interpretação são carregados das relações entre linguagem e sociedade, onde sentidos derivam a sítios discursivos distintos, podendo assim deslizarem-se ou deslocarem-se a partir do jogo dos dizeres. Deste modo, a noção de interpretação na Análise de Discurso é ampla e possui características particulares, em que o trabalho simbólico produz na sociedade efeitos de sentido que não se cercam.

Observa-se então que a interpretação está presente ao menos em duas instâncias: na de quem fala, e na de quem analisa; qual seja a materialidade. Para o analista, interpretar não concerne em chegar à intenção do discurso, muito menos em um sentido uno e literal; mas sim, na discursividade que funciona no texto. Não existe



sentido em si, mas sentidos que estão ligados às diversas formações discursivas, uma vez que o sentido é “relação a”.

O que diferencia a Análise de Discurso Pecheutiana, em relação aos demais campos teóricos que estudam o discurso, é a ideologia. Uma vez que a noção de ideologia em nossa filiação não aparece como um conjunto de ideias, mas como o processo pelo qual se evidencia um sentido em detrimento de outros possíveis – efeito de evidência. A ideologia não oculta o sentido, muito menos seus possíveis efeitos, mas evidencia o imaginário em que o sujeito se relaciona, a partir de suas condições de existência.

No questionamento das disciplinas da Linguística e das Ciências Sociais é que se chega à noção entremeio, a qual não funciona no intervalo destas disciplinas, mas justamente na contradição e na incompletude das mesmas, uma vez que esta abertura na linguagem se faz objeto para a Análise de Discurso, observando assim os processos simbólicos.

Aparece-nos então a importância de nosso objeto de conhecimento, o discurso. E aí ganha a especificidade o que dissemos acima sobre materialidade: a materialidade específica do discurso é a língua e o fato de que a língua funciona como funciona resulta de que o discurso é a materialidade específica da ideologia (ORLANDI, 2007b, p. 153).

Questionando e ao mesmo tempo refletindo sobre a Linguística, sobre a História e a Psicanálise, Pêcheux faz o batimento entre as disciplinas, promovendo deslocamento de conceitos estabilizados para noções que na Análise de Discurso circula a partir de outros sítios de significação. A relação entre locutores e o transporte da comunicação não é o objeto de estudo da análise de discurso, mas a produção de sentidos – os efeitos que são produzidos (ORLANDI, 2015a).

Muito mais que uma troca de informações, a produção de sentidos é simultânea entre locutores, tanto na interpretação, quanto na produção de sentidos, remetendo a outros discursos – interdiscurso. Estas importantes mobilizações, “coloca-nos” na posição de analista de discurso, frente aos dispositivos teóricos e analíticos desta teoria, fazendo dos gestos de interpretação uma assimétrica maneira de compreender como os discursos se constituem, bem como seu jogo de sentidos.

Os efeitos da tecnologia sobre o discurso fazem com que a memória seja evidenciada e não apagada (DIAS, 2012).

O jogo dos sentidos e a compreensão da constituição dos sentidos, no referido trabalho, dar-se-á pelos “cliques” (ou não cliques) na rede social *Facebook*.

[...] Essa relação injuntiva de clicar [...] produz efeitos de controle sobre o trajeto de leitura. A textualidade [...] produz, então, um efeito de leitura que demandaria uma prática específica pondo em relação ao leitor e o material, prática que seria produzida pelo gesto de clicar [...]. Contudo, as informações disponibilizadas nas páginas acessadas já estão previamente organizadas e, nessas condições, ao leitor é permitido ler o que está formulado e que ficará acessí(á)vel pela iminência do clicar (NUNES, 2013a, p. 115).

O jogo discursivo dos sentidos nas redes sociais compõe a textualidade. Segundo Nunes (2013a, p. 107), é pelos cliques que se estabelecem os trajetos de leitura e de interpretação, “porque ler é interpretar, e o sujeito não tem como não significar”.

## 2 O DISCURSO DIGITAL

Na contemporaneidade, diferentes compreensões da presença humana é colocada em funcionamento a partir dos processos discursivos, onde habitar nos espaços digitais torna-se uma nova maneira de produzir sujeitos e sentidos nas diversas possibilidades de materialidades, trazendo novos conceitos e noções de espaço, tempo e linguagem.

O discurso digital, coloca em funcionamento uma nova maneira de compreensão de espaço, pois o próprio digital se faz espaço além de discursivo, significante para os processos de linguagem, logo percebe-se que diferentes materialidades ao funcionar nestes espaços, vários discursos e sentidos são produzidos. Para Cardoso e Castells (2005), além de uma era tecnologicamente globalizada, a sociedade está imersa em uma conjuntura em que as barreiras geográficas são rompidas, oportunizando novas maneiras de interatividade, potencializadas pelas redes sociais, que funcionam no vertiginoso passo na internet.

Em relação às barreiras geográficas rompidas (ou encurtamento de distâncias), para Chiaretti (2016), as inovações tecnológicas têm como uma de suas consequências a promoção de novas formas de relacionamento entre os homens e novos protocolos de convivência.

A crescente revolução tecnológica tem consequências tanto na constituição dos sujeitos quanto na forma como eles se relacionam uns com os outros. Em linhas gerais, podemos considerar que essa revolução tecnológica se propõe a 'diminuir distâncias' por meio de uma rápida rede de comunicação virtual que 'conectaria' todos os usuários da internet (CHIARETTI, 2016, p.1).

Ainda segundo Chiaretti (2016), “não devemos nos ater a uma compreensão dos avanços científicos a partir daquilo que “facilitam” ou “dificultam”, mas sim a partir do modo como engendram maneiras de ser e de se relacionar”.

### 2.1 O digital funcionando em práticas discursivas

Diferentes são as conceituações de rede social que são colocadas em funcionamento. Isso deve-se ao pré-construído de que “estar em rede” é fazer valer

as ligações propostas por conexões ilimitadas - ilusão engendrada pelo discurso digital, entre pessoas. Assim, identificar e analisar sua estrutura ou a composição e funcionamento da mesma, coloca o analista fora da zona de conforto, possibilitando que o mesmo mergulhe no denso terreno das relações, sejam elas sociais ou individuais.

Em relação ao espaço, deslocamentos são evidenciados na relação entre literalidade física do mesmo e lugar em que a linguagem funciona e produz sentidos. Desta forma, há essencialmente derivas nas noções de espaço físico, para espaço digital, sendo este segundo território habitado por sujeitos e sentidos, como mencionado anteriormente.

Segundo Dias (2004), o espaço tecnológico pode ser experimentado de maneira digital, sem se manter fisicamente preso a lugar algum, mas sim funcionando a partir do efeito de onipresença produzida pela linguagem. Contudo, uma nova configuração de mundo é posta em circulação, asseverando as inesgotáveis formas do sujeito estar e pertencer ao mundo.

É por isso também que dizemos que a invenção de diferentes tecnologias gera necessariamente uma mudança na cultura e na memória. A cultura oral, a cultura do manuscrito, a cultura do impresso, a cultura de massa (midiática), a cultura digital. Cada uma delas traz em si uma memória e uma sociedade [...]. Assim, falar, escrever, digitar/teclar vão produzir sentidos diferentes e diferentes conhecimentos do mundo, pois cada um desses gestos tem repercussões no modo como nos relacionamos dimensionalmente [...] (DIAS, 2009, p. 10-11).

Parece que as mudanças ocorridas no mundo, principalmente as mudanças de caráter tecnológico, têm afetado a maneira como o sujeito se significa, uma vez que ele, ao construir o mundo, se constrói e vice e versa, aproveitando deste espaço digital para promover evoluções em diversos campos de sua vida, sejam eles profissionais ou pessoais, se assim poder-se-á desassociar.

[...] Dimensão significativa, onde se juntam o físico e espacial (material) e o humano, o simbólico e o político. Ou seja, é aí que a questão do espaço se articula à do sujeito, à memória, em termos da significação. O modo de se significar um espaço vai de par ao modo como são significados os sujeitos desse espaço (ORLANDI, 2009, p. 225).

A cultura do digital (cibercultura), a partir de Castells (2007), tornar-se-á referência e base de direcionamentos para o homem do século XXI, quando o mesmo

terá uma grande dificuldade de diferenciar o que é “real” e o que é “virtual”, revestindo a informação de materialidades digitais, tornando possível a informatização dos relacionamentos ou, ao menos, a ilusão de que as relações terão o caráter muito mais digital do que físico.

A *Web 2.0* propõe uma atenção especial na forma com que os discursos são produzidos/enunciados, onde a palavra possui um grande poder de disseminação, e logo que expressada, toma grandes e incontroláveis proporções no jogo dos sentidos, justamente pelo advento na onipresença e pela velocidade da dispersão. Reduplicá-las e fazê-las circular em diferentes espaços digitais quebra a barreira da distância geográfica, de forma que sejam significadas e (re)significadas com a mesma naturalidade que o sujeito, hoje, significa a internet.

O homem, mesmo vivendo em milhares de espaços distintos, comunga do mesmo espaço digital, através das redes sociais de relacionamento, produzindo a impressão de uma proximidade, muitas vezes não existente, mas que produz sujeitos e busca compreender novas formatações e regimes de sociabilidade. Transitar entre os espaços digitais sugere ao homem maior poder de interação, possibilitando a maior interpretação e significação de si e do outro.

Se antes os suportes da mídia se caracterizavam por espaços limitados, tendo contado a intenção comunicativa, com as redes sociais abre-se o jogo para novas formas que não se prendem a modelos estáveis. Tudo e todos estão soltos e conectados ao mesmo tempo, formando um grande espaço constituído de fragmentos de subjetividades que circulam a todo instante. Ou seja, as redes figuram hoje como um ambiente que se caracteriza pela instabilidade e heterogeneidade (FERREIRA; MARTINS, 2012, p. 97).

Contudo, o espaço digital dinamiza a relação entre vida física e realidade digital, dinamiza noções que são interagentes e indissolúveis, uma vez que ao estar na rede o sujeito projeta sua realidade na mesma, e de forma simultânea ele a constitui (a rede) e a toma como espaço de vivências cotidianas, transformando-a em um espaço doméstico. Portanto, concebe-se o espaço digital como uma espécie de porta que possibilita a ligação entre o usuário e a rede, seja qual for a materialidade utilizada para manter a conexão.

## 2.2 O discurso capitalista em funcionamento nas redes sociais

O funcionamento do capitalismo no espaço digital é evidente e estratégias mercadológicas são postas em torno do consumo, a partir de práticas publicitárias que visam instigar o gasto desenfreado, induzindo o homem à construção de uma identidade baseada na constituição no consumo— ou seja, na relação entre sujeito, dinheiro e mercado.

Segundo um dos precursores da Teoria da Burocracia – Max Weber (2004) –, o pensamento racional da economia baseava-se, para os sujeitos, na adoção de alguns tipos de condutas: através da “internalização psíquica” das necessidades básicas e da protelação dos prazeres da vida; desta forma proporcionando ao homem o enriquecimento. No entanto, mesmo abrindo mão de alguns ‘prazeres’, o sujeito, a partir da perspectiva de Weber (2004), cumpre tarefas e deveres a fim de poder usufruir, mais tarde, das recompensas que o dinheiro pode trazer.

Verifica-se que nas redes sociais, de maneira especial o *Facebook* que a escrita de si ao mesmo tempo que se torna mais aberta, propõe também pseudo maneiras de filiação a determinados grupos de referência (o sujeito pode imaginar que a associação a estes grupos de referência é simples, que a partir de um clique as afinidades veem à tona, ilusão que funciona nas redes sociais), que popularmente são denominados como ‘tribos’. A narração de si produz sentidos que apontam às posições sujeitos digitais, que conectados, firmam conexões de afinidades a outros sujeitos, produzidos pelos discursos mercadológicos.

Baseando-se nesse fio do discurso – em que a rede viabiliza uma nova noção de espaço, tempo e relações –, basta tomar as redes sociais como uma nova maneira de significar, em particular, de forma a estabelecer relações sociais de maneira ampla; ou seja, rompendo as barreiras da distância física e propondo através das mais distintas materialidades (computadores pessoais – *notebooks*, computadores de mesa, celulares, *tablets*, dentre outros), sentidos que não se cercam, muito menos se estancam, através da textualidade e discursividade dos enunciados.

Para Castells (2003), a experiência humana com a mídia, vem sendo organizada a partir de estruturas hierárquicas verticais, maneira em que o poder se torna fundamental na definição, ou até mesmo na denominação, intitulação do que

possa ser o sujeito, logo percebe-se a relação o espaço midiático *online* e a luta de poder.

A elasticidade da Internet a torna particularmente suscetível a intensificar tendências contraditórias presentes em nosso mundo. Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade [...] [A invenção da Internet] reforça também a ideia de que a cooperação e a liberdade de informação podem ser mais propícias à inovação do que a competição e os direitos de propriedade (CASTELLS, 2003, p. 75).

As redes sociais surgem em um momento em que a internet não tinha a interatividade como ponto forte, e a disseminação de informações era sua principal função. A nova geração da internet possibilitou, além de postar e retirar “conteúdos” da rede, uma maior interatividade entre usuários através da participação dos mesmos nas redes sociais *online*. Neste sentido, uma diferente formatação de relacionamento funciona nos espaços, onde os limites entre o individual e o coletivo torna-se cada vez mais díspares. Pelos acontecimentos postos em funcionamento, percebe-se também a potencialização do consumo e suas consequências para o mercado.

Na coexistência das redes sociais, valida-se a verticalização nas relações, onde é perceptível que os centros de poderes não estão mais focados nas pessoas (mesmo as grandes empresas de aplicativos de relacionamento pregando o contrário), a abordagem capitalista tem maior funcionamento nestas redes sociais, nas quais os agentes mercadológicos são evidenciados na relação sujeito e rede – oferta e demanda. Portanto, se a internet viabiliza este modelo de relação – descentralizada do “ser”, mas atenta ao “ter” –, evidencia a opacidade e a não linearidade da linguagem, pois o sujeito busca através da escrita demonstrar quem ele é; todavia ao se inscrever como sujeito na sociedade, ele se inscreve como sujeito de consumo.

“[...] As escritas de si constituem objetos privilegiados quando se trata de compreender a constituição do sujeito na linguagem (ou nas linguagens) e a estruturação da própria vida como um relato – seja escrito, audiovisual ou multimídia” (SIBILIA, 2008, p. 35). Portanto, ao enunciar sobre si, o sujeito trabalha o jogo do real e do imaginário, não vedando uma coisa da outra, mas admitindo essa dinamicidade do “ser” e do “querer ser”.

Registra-se, através de uma marca, mesmo que imaginária, a noção de pertença em determinadas “classes” de poderes, também chamadas de classes

sociais, que utiliza ferramentas de publicidade para firmar sua marca na cabeça dos consumidores potenciais, formulando a projeção de uma imagem. Assim, a marca passa a ser parte democraticamente do “ser ideal”, buscando disseminar-se o mais rápido possível, aos potenciais “seguidores”.

O contexto fundamental é o capitalismo contemporâneo ou a economia em rede, essa megamáquina de produção e exploração das subjetividades, que, de forma capilar, absorve a vida a partir de dispositivos, mecanismos e agenciamentos de poder – biopolítica – e coloca a vitalidade cognitiva e afetiva para trabalhar. Em meio a fluxos intensos de produção de sentidos, essa imensa rede de conexões do capitalismo captura a inteligência, a criatividade e a inventividade que as transforma em valor econômico (MOLLICA; PATUSCO; BATISTA, 2015, p. 33).

No século XX, comunidades em redes se originaram baseadas na conectividade posta em torno da globalização, efeito que tem se constituído a partir de uma nova abordagem da informação que avança em direção ao estreitamento da distância promovida pelos caminhos da fibra ótica. Muito mais que o elo entre sujeitos, o aparecimento dos meios digitais traz consigo uma forte visão econômica estimulada pelo consumo desenfreado.

A partir das diferentes significações de rede que foram constituídas ao longo do tempo, mesmo não se remetendo somente à instância digital, a quebra das fronteiras mostra-se como aparato de suporte ao sistema físico. A rede social, derivando deste conceito, passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação, fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é a estrutura formal (CARDOSO; CASTELLS, 2005, p. 17).

O sujeito constrói a perspectiva da riqueza individual, a partir do momento em que se projeta da maneira que se busca idealizar-se, tendo assim a oportunidade de politizar-se através das redes sociais. Para a teoria marxista, o “eu social” não é formulado por características psíquicas, muito menos genéticas, mas funciona a partir do fato que o “ter” se relaciona com a sociedade capitalista. Portanto, o sujeito politizado é aquele que compreende e considera a historicidade na produção do



mundo/sociedade, pelas relações e intermediações destes espaços discursivos; desta forma projetando-se como “sujeito político”, o ato de tornar-se público através de atos políticos e disseminadores (SENNETT, 1993).

### **2.3 O nascimento da rede social *Facebook***

Dentro da literatura contemporânea, os conceitos atribuídos ao enunciado redes sociais não são novos e, por alguns momentos, acusa-se o *Facebook* de “roubar” ideias originais de seus antecedentes – ideias que já se configuram há mais de 40 anos.

A ideia inicial de interatividade *online* concebida por engenheiros, passou a integrar pessoas geograficamente distantes que se agrupam em pequenos grupos. O primeiro grupo foi o *Usenet*, em 1979 – este tratava de compartilhar mensagens por grupos e assuntos de interesses específicos. Em 1987, “comunidade virtual” foi enunciada como “um grupo de pessoas que podem ou não se encontrar pessoalmente [...] e que trocam palavras e ideias com a intermediação de quadros de avisos eletrônicos e redes de computadores” (KIRKPATRICK, 2011, p.78).

Em 1988 a *IBM* e *Sears* criaram o *Prodigy* – um ambicioso serviço comercial *online* que, junto ao AOL, passaram a dominar os negócios nos Estados Unidos. Seus idealizadores perceberam uma brecha mediante a grande familiarização das pessoas com a comunicação eletrônica.

Logo em 1990 o correio eletrônico ganha seu espaço como uma comunicação regular. O mesmo aconteceu na sequência com os serviços de mensagens instantâneas – estes foram os primeiros espaços onde as pessoas puderam fazer uso de pseudônimos para se comunicar; ou seja, oportunidades umas de não expor suas reais identidades para se integrarem. Em igual proporção, alastraram-se os sites de relacionamentos. O primeiro foi o *Match.com* em 1994.

Contudo, a evolução das redes sociais só chegou em 1997, passando a serem enunciadas como “um serviço no qual os usuários podem construir um perfil público ou “semipúblico”, [...] ver e percorrer suas listas de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema” (KIRKPATRICK, 2011, p.79). O perfil criado, dotado de informações permitia se expor, ao mesmo passo que encontrar pessoas expostas por um meio eletrônico.

Mais tarde, em 2003, somente em São Francisco, registrou-se uma multidão de sites de redes sociais florescendo. Nessa ocasião, os conceitos não eram tão novos, contudo, a energia e a modelagem eram inovadoras. Nessa ocasião surge um nome que marca a história – Hoffman. Este lançou o *Friendster* e, na sequência, o *LinkedIn* – uma rede social para negócios, onde o perfil do usuário se resume em seu currículo; no mesmo instante em que esse profissional procura emprego, pode ser indicado e recomendado por usuários da rede.

Ainda em 2003, registrou-se um aumento de 25% de americanos usando a banda larga. Possibilitando uma visualização mais rápida e um carregamento de fotos mais dinâmico, veio facilitar o acesso de muitas famílias que passaram a usar câmeras digitais comercializadas com um preço mais acessível. Na ocasião, o *MySpace* passa a ocupar um espaço digital social.

Hoje em dia, as redes sociais estendem-se por todo planeta. O *Facebook* é a maior dentre elas. É raro um estudante de ensino médio ou universitário que não use rotineiramente o *Facebook* ou o *MySpace*. Esses sistemas tornaram-se tão difundidos como meio de comunicação que muitas pessoas de todas as idades já quase não usam o e-mail [...]. As redes sociais tornaram-se uma parte familiar e onipresente da *internet* (KIRKPATRICK, 2011, p.96).

Entretanto, junto à banda larga, veio seu público – os adolescentes. Estes enxergaram na rede um espaço para encontrar bandas de músicas, de locais de dança, de formação de fã-clubes, ao mesmo passo em que como lugar de encontro de parceiros. Passaram a existir perfis com “pouca roupa” e fotos sensualizadas entre os adolescentes. A rede atinge seu marco de mais de 1 milhão de usuários.

Em 2004 o *TheFacebook* foi lançado, com uma estética clean e com funções limitadas às universidades de elite. Surge como um verdadeiro contraste com o *MySpace*. No mesmo ano, praticamente junto, lançou-se o *Orkut*, com uma aceitação imensa dos usuários brasileiros e americanos. Hoje, ele pertence ao *Google* e, ainda é uma das maiores redes sociais do mundo.

## **2.4 O Facebook na velocidade da globalização**

Outras ações realizadas desde o início se acumularam permitindo essa rápida ascensão, a começar pela oferta inicial de uma interface simples, limpa e organizada.

Posteriormente, sua natureza baseada em identidade o diferenciou da maioria das outras redes.

A escala de crescimento global do *Facebook* nos últimos anos é difícil de entender. Mas como se deu esse crescimento tão rápido? Um marco significativo foi em 2008, com a inauguração de um projeto de tradução, onde a rede passou a ser usada em 35 línguas. Em 2010 já eram 75 idiomas.

O crescimento do *Facebook* em todo o mundo se contrapõe ao frequente equívoco americano de que se trata de um site principalmente para jovens. Enquanto nos Estados Unidos muitos adultos ainda desprezam o serviço ou logo se cansam dele, na maioria dos outros países o *Facebook* é utilizado por pessoas de todas as idades (KIRKPATRICK, 2011, p. 299).

O seu crescimento ocorreu, mundialmente, entre os usuários com 35 a 49 anos. Este grupo representa 1/3 dos seus usuários. As mulheres representam metade dos usuários do *Facebook*. Este quadro retrará a afirmativa de que “o *Facebook* faz valer o direito de uma pessoa de ser ela mesma” (KIRKPATRICK, 2011).

Contudo, apesar do crescimento, a rede ainda enfrenta rivais, tais como o *Orkut*, o *Tuenti*, o *StudiVZ* e o *Friendster*. Devido ao fato do *MySpace* ter se especializado em um portal de música e entretenimento, não o considera mais como rival da rede. A rápida evolução do *Facebook* foi um fato que muito evidenciou a rede perante seus “concorrentes”, bem como passou a “seduzir” novos usuários.

Outras iniciativas – tais como a utilização do *Windows 95*, ou “*FB 95*” – contribuíram para o aumento da velocidade do fluxo de informações entre os usuários; ou seja, os chamados “compartilhamentos”. Nas mudanças, tanto o mural, quanto o *Feed* de Notícias personalizado passaram a exibir mais informações sobre o usuário. A visão passou a ser a de “tudo junto, em um mesmo lugar”. Ainda a função “editor” veio melhorar a qualidade das publicações do usuário, permitindo ao mesmo refinar suas atualizações de status. Nestas atualizações, a descrição do que se estava fazendo naquele momento, concedeu espaço para postagem de *links* interessantes a serem divulgados e, na sequência, foi inserida a condição de lhe permitir o compartilhamento com os amigos sobre “no que você está pensando agora?” Toda a evolução do *Facebook* se prende ao seu patrimônio de continuar a se comunicar com pessoas que você conhece “*off-line*”.

Contudo, o *Twitter* chega em 2008 superando o *Facebook*, pondo-se como um modelo “elegante” de rede social. Especulações apontaram o fato da possibilidade do *Facebook* comprar o *Twitter* – mas o acordo não aconteceu. Assim, no final do mesmo ano, o *Facebook* passou a adotar o *Facebook Connect* – uma forma de manter os amigos informados acerca dos sites que você navega; é uma espécie de plataforma externa ao *Facebook*. É considerada por muitos como uma forma das empresas se comunicarem e se instalarem entre o *Facebook* e seus “usuários clientes”

Quando os leitores se conectam à internet para fazer um comentário ou interagir em um dos sites ou dispositivos que utilizam o *Facebook Connect*, ou outros elementos da plataforma *Facebook*, são identificados por sua foto e por seu nome verdadeiro (KIRKPATRICK, 2011, p. 327).

Em março de 2009, o *Facebook* promoveu mais mudanças, visando cooptar com o *Twitter*, passando a aparecer no perfil do usuário, na página inicial, a visualização de informações sobre seus amigos. A parte superior da página transformou-se em um “fluxo” de atualizações contínuas dos amigos. O novo fluxo permitiu que o usuário passasse a determinar o que queria ver no mesmo, uma espécie de filtro. O *Feed* de Notícias passou a se diferir do anterior, pois passou a se atualizar em tempo real (como o *Twitter*). Assim, ainda por muito tempo, a competitividade entre as duas redes ocorreu – e ocorre até hoje.

## **2.5 A materialidade digital do *Facebook***

A gestão de relações disponibilizadas pelo *Facebook*, segundo os interesses de seus usuários, promove uma possibilidade: a de cultivo de amizades, ou seja, a possibilidade de estabelecer, fortalecer, desfazer “amizades” por meio de comandos ou ferramentas específicas pré-estabelecidas pela rede social.

Definido como um *website* de relacionamento, o *Facebook* coloca em rede páginas – retratadas como “perfil” de milhares de usuários –, proporcionando uma nova experiência de interatividade. No essencial, esta rede social considerada a mais utilizada no mundo, põe em funcionamento atividades que se relacionam entre si, sitiando-se em três formações imaginárias: (1) ligar-se a outros utilizadores; (2) criar grupos/listas de “amigos” e; (3) promover a interação entre eles.

Mediado pela tecnologia, especificamente por aquelas que utilizam a internet como força motriz, as redes sociais apropriam-se da noção de sistema para retratar seu funcionamento na sociedade. Esses sites de relacionamento, bem representado pelo *Facebook*, compreende uma nova configuração de relacionar-se, em que permite a publicização dos sujeitos.

[...] A perspectiva sistêmica é fruto de uma necessidade da ciência de compreender os fenômenos em sua totalidade e não mais como independentes uns dos outros. Ou seja, para entender um fenômeno é necessário observar não apenas suas partes, mas suas partes em interação (RECUERO, 2009, p. 17).

Diferentes estruturas sociais surgiram com o funcionamento do *Facebook*, local em que a geração de informações é mediada pela quantidade de fluxo que as mesmas representam na rede. Desta forma percebe-se que tal *aplicativo* torna-se objeto intrigante de estudos das Ciências Sociais, e também das Ciências da Linguagem.

Considerar as diferentes materialidades no discurso, é compreender a opacidade da linguagem, pois trabalhando com o mesmo e o diferente – paráfrase e polissemia, os discursos produzem derivas a partir da materialidade que o constitui. Desta forma, considerar as condições de produção, coloca-nos frente à essas diferenças e similaridades que produzem discursos e sentidos. “Quando dizemos materialidade, estamos justamente referindo à forma material, ou seja, a forma encarnada, não abstrata nem empírica, onde não se separa forma e conteúdo: forma linguístico-histórica, significativa” (ORLANDI, 2015a, p. 51).

Todavia, ao fazer o batimento entre descrição e interpretação, mobiliza os dispositivos teóricos e analíticos fundamentais para a constituição da teoria da AD. Ao descrever, a superficialidade linguística do enunciado, formas materiais são identificadas e analisadas, assim produzindo efeitos de sentido.

A interpretação de alguns recortes que concernem a rede social *Facebook*, possibilita o leitor a perceber os processos discursivos, além do funcionamento da evolução e avanço tecnológico produzidos ao longo do tempo. Compreender tanto a aplicação como o funcionamento dessa rede (*Facebook*), possibilita perceber as derivas produzidas pelo discurso digital, bem como o efeito de abarcamento que o *Facebook* busca engendrar sobre os sentidos.

### 3 DIFERENTES FORMAS DE SOCIABILIDADE NO *FACEBOOK*

Além do desenvolvimento tecnológico em diversas áreas da ciência, a tecnologia da informação é colocada como objeto de estudo, principalmente por representar grande parcela midiática no século XXI. Trazer para este estudo recortes da rede social e de relacionamento *Facebook*, é engrandecer a curiosidade em relação aos processos discursivos que funcionam na mesma, assim sendo analisadas por uma nova perspectiva, a da Análise de Discurso.

Tal rede social que surgiu a partir de uma experiência do jovem em *Harvard*, que na ocasião buscava desenvolver um site que media a popularidade das pessoas, através de comparações entre perfis, traz, hoje, uma memória afiliada à projeção da imagem que, não diferente de antigamente, busca evidenciar várias formas sujeito, retratando sua particularidade (traços da personalidade), sendo reais ou imaginários (KIRKPATRICK, 2011).

O comando mais famoso do *Facebook*, inclusive base da ideia precursora de sua criação, para a qual, comparar pessoas era sua principal tarefa, colocava os usuários em uma situação de escolha, na qual era necessário eleger entre o mais e menos atraente, ou mais e menos sensual era sua principal função – isto no início desta rede que, ainda, não era denominada *Facebook*.

Na ocasião o chamado *Facemash* circulava em torno de um aplicativo, no qual após comparar as fotos (*face books*/livro de rostos) de duas pessoas do mesmo sexo, poderia dizer através da seleção de um comando quem era a mais “*sexy*”. Ao fazer a escolha, novas comparações eram feitas, a fim de serem analisadas e escolhidas.

Por tratar-se de uma rede social de relacionamentos, põe-se em funcionamento condições de produção específicas da busca de interação social, principalmente, por retratar a projeção do “eu ideal”.

A AD diz que os sujeitos se constituem simultaneamente ao discurso - que está sempre em curso na relação com os sentidos. Em suma, a ideologia não se define entre uma ou outra, ela funciona, interpelando indivíduos em sujeitos ao mesmo tempo que produz discursos e sentidos (ORLANDI, 2007a).

Ao mesmo tempo que o discurso é constituído, ele se transforma, por isso o discurso está sempre “em curso” não como termo imóvel, mas como efeito de sentido

que ultrapassa as barreiras conteudistas e produzem sentidos – e é este processo que, aqui, interessa (ORLANDI, 2015a).

Tanto o dispositivo teórico, quanto o dispositivo analítico, constituem a teoria da Análise de Discurso Francesa; afinal o que interessa ao analista não são sentidos específicos, literais ou colados às palavras, mas, os processos de significação e seus efeitos de sentido. No entanto, além da inteligibilidade do texto, a noção de compreensão do mesmo é mobilizada como função essencial do analista de discurso, que muito mais que ler pragmaticamente, toma consigo uma nova forma de leitura, na qual a interpretação dos processos simbólicos, distinta da convencional, considera que os processos sócio-históricos funcionam na discursividade do enunciado.

A marca especificadora de minha filiação na Análise de Discurso é minha proposta de considerar a relação contraditória entre a paráfrase e polissemia como eixo que estrutura o funcionamento da linguagem (ORLANDI, 1996). Aí está posta a relação entre o mesmo e o diferente, a produtividade e a criatividade na linguagem. Esta é uma relação contraditória porque não há um sem o outro, isto é, essa é uma diferença necessária e constitutiva (ORLANDI, 2007b, p. 44).

Por se tratar de processos de significação, como mencionado anteriormente, o significante ocupa um lugar de produção de possíveis sentidos, mobilizados por efeitos metafóricos, sendo eles fundamentais para o processo de interpretação. Trabalhando a partir dos possíveis formas de sociabilidade no *Facebook*, pode-se compreender os deslizamentos dos sentidos de acordo com as condições de produção postas em funcionamento, pois em uma rede social em que a massificação de usuários propõe uma nova noção de sociabilidade, ou até mesmo as diferentes maneiras do sujeito “ser” e “pertencer” a certos grupos de referência.

### **3.1 A circulação dos sentidos pela materialidade digital**

A presença física do ser humano vem sofrendo derivas na relação entre sujeitos e sentidos, uma vez que pelo advento da internet, as barreiras geográficas são estreitadas, fazendo funcionar uma espécie de “onipresença” do homem, mesmo com às limitações de espaço.

Estar a quilômetros de distância não é mais sinônimo de estar alienado aos acontecimentos globais, pois ao mesmo tempo que se está na solidão do quarto, o

sujeito pode se projetar em diversos lugares a partir da internet, podendo assim ocupar diferentes posições sujeito ao mesmo tempo, pois a “hiperconexão” “coloca-nos” na realidade subjetiva de “estar aqui” e “estar lá” de forma simultânea. Ou ainda, uma “reocupação” daquilo que, anteriormente, estava previsto em outro contexto, como por exemplo, um telefonema, uma nota de falecimento em um jornal, dentre outros.

O termo “clean”, do inglês “limpar” quando mencionados pelos jovens, soa como forma de representar a sede pelo mais fácil (mais limpo); pelo caminho mais curto. Tal encurtamento traz a ilusão de onipresença; ou melhor, “estar em todos os lugares”, palpitando, interagindo e discordando é uma das formas de se inscrever no mundo.

O sistema político moderno é um todo global, unificado e unificante, mas porque implica um conjunto de subsistemas justapostos, imbricados, ordenados, de modo que a análise das decisões revela toda espécie de compartimentações e de processos parciais que não se prolongam uns nos outros sem defasagens ou deslocamentos (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 89).

A circulação dos discursos nas redes sociais, inclusive aquelas que funcionam nos ambientes digitais, produzem sentidos (co)relacionados à objetividade dos processos, em que a brevidade se torna comum em uma relação trabalhosa; onde a massificação dos relacionamentos incide na ilusão da facilidade de que, através de “apenas um clique”, todas as complexidades estarão resolvidas – principalmente, aquelas que se movimentam ao redor das diferenças.

Ao período de quando a burguesia avolumou a economia industrial, tomando como ferramentas de disseminação da tecnologia – as máquinas, as matérias primas, os estoques – colocando assim à disposição dos operários o acesso às evoluções. Assim, fazendo circular novas formas de poder político, no qual a disseminação da tecnologia tornasse popularizada na sociedade (FOUCAULT, 2012, p. 69).

Portanto, quando se fala de materialidade, além da produção de evidências dos sentidos, ela também representa, mas não somente, a parte material do discurso – o espaço que circulam e se fazem presentes os processos discursivos.



### 3.2 Processos Discursivos do comando “Curtir”

Falar sobre redes sociais é mais uma forma de buscar compreender o complexo funcionamento das relações interpessoais; pois neste espaço funciona novas formatações, diferentes posições sujeitos e sentidos nas mais diferentes materialidades, principalmente quando tomamos como foco o discurso digital.

A análise a seguir busca compreender possíveis sentidos do ícone “curtir” da rede social *Facebook*, bem como investigar o funcionamento discursivo em determinadas condições de produção. No primeiro momento da análise, será mobilizada, a partir do esquema de paráfrases, a evidência das relações de “afinidade” entre os usuários de tal rede, que a utilizam para firmar laços de “compatibilidades” ou delinear “incompatibilidades”.

Através do dispositivo analítico, percebe-se que a possibilidade do não acionamento do comando “curtir”, produz tantos efeitos de sentido, quanto poderiam ser produzidos caso acontecesse este acionamento.

Na rede social *Facebook*, percebe-se o movimento da identidade na relação sujeito e projeção individual que está baseada em diversos fatores para que esse movimento seja possível, por exemplo o capitalismo, que produz sujeitos de consumo; o hedonismo que mostra a capacidade do sujeito buscar sem medidas o prazer como o bem supremo. Identidades são produzidas na ilusão de serem controladas a partir das formas que são descritas/escritas, faladas ou representadas através das redes sociais. Logo, percebe-se que, no ambiente digital, os usuários utilizam da escrita – linguagem escrita para “ser” – logo, para pertencer (“ser”) a grupos sociais é preciso se inscrever nos mesmos como participantes ou simpatizantes das mesmas ideias ou formações ideológicas.

Percebe-se no *Facebook*, o jogo dos sentidos e o movimento dos sujeitos na relação indireta – entre linguagem, pensamento e mundo; no entanto, identidades transitam na rede na velocidade da tecnologia, onde o sujeito com a ilusão do “poder ser” o que quiser, o leva em uma projeção baseada em aspectos narcisistas.

O Narcisismo tenciona a relação do ser humano com sua imagem, ou até mesmo com a autopromoção, ainda mais nas redes sociais, em que a rapidez na propagação da identidade, mesmo que ilusória, a torna uma espécie de “espelho

digital”, que além de refletir a própria imagem, produz uma falsa admiração, engendrada pela popularidade.

Segundo Dias (2004), há uma mudança importante na noção de língua e escrita, consequência do uso do computador e das redes de relacionamento construídas pela internet. Para Nunes (2013b), no espaço fluido da internet as categorias identitárias produzem outros sentidos, que estão traçados na escrita, no modo de grafar. Grafia (verbal), imagem (visual), sujeito, língua estão constitutivamente ligados e significando neste processo. Para a autora, esta ordem discursiva no espaço digital traz implicações e consequências para a compreensão do funcionamento da língua, pois esta se desloca de seu eixo de funcionamento sistemático e abstrato, calcado na representação, e passa a formular-se como corpografia.

Nesse mesmo sentido, um outro esclarecimento se impõe: a riqueza das experiências subjetivas é imensa, sem dúvida nenhuma. São incontáveis, e muito variadas, as estratégias individuais e coletivas que sempre desafiam as tendências hegemônicas de construção de si. Por isso, pode ocorrer que certas alusões aos fenômenos e processos analisados neste ensaio pareçam reduzir a complexidade do real, agrupando uma diversidade incomensurável e uma riquíssima multiplicidade de experiências sob categorias amorfas como subjetividade contemporânea, mundo ocidental, cultura atual ou todos nós (SIBILIA, 2008, p. 26).

Ao evidenciar-se, o sujeito se submete a situação de exposição e julgamentos, este último podendo ser constrangedor quando negativo, ou estimulante quando o ego é inflado com elogios, ou colocações positivas. O que não se pode negar é a necessidade do homem interagir com o ambiente que o circunda. Essa interação com o ambiente produz uma relação entre aspectos usualmente chamados de intrapessoais e interpessoais, que possibilitam a dinamização das diferentes posições sujeito, produzidas no discurso oportunizando a vivência e a mediação de forma potencializada.

Rememorando a idealização da criação do *Facebook*, ainda na época do *Facemash*, o propósito de então era espalhar-se na comunidade acadêmica, assim “identificando” e “descobrimo” a pessoa mais “atraente” do *campus* de *Harvard* – aspecto significativo da relação interpessoal. Na ocasião, o uso do *Facemash* se espalhava e a proposta circulava em torno de um aplicativo que possibilitava a comparação entre usuários, a fim de “comparar” fotos de duas pessoas do mesmo

sexo, e dizer através da seleção de um comando quem era a mais “sexy”. Ao fazer a escolha, novas comparações eram feitas. Estas fotos da rede *Facemash* eram chamadas de *face books* (livro de rostos). Todavia, sugere-se que o ato de comparar as pessoas, que é uma das várias formas de julgamento, propiciada pelas afinidades e incompatibilidades.

Atualmente, as redes sociais, de forma especial o *Facebook*, possibilitam-nos indiretamente a realizar estas escolhas baseadas em comparações e julgamentos. Na rede, temos a oportunidade de realizar estas escolhas de maneira sutil, funcionando inclusive, através do “Curtir”, ou até mesmo “deixar de curtir” conteúdos e perfis.

Analisando este comando “Curtir” discursivamente, uma nova maneira de abordá-lo é colocada em funcionamento, pois a superficialidade linguística relaciona-se à textualidade de tal ícone, à discursividade que o mesmo produz. Portanto, analisar o comando “Curtir”, é transitar pelo jogo dos sentidos, observando os processos que os produzem, evidenciando as inúmeras possibilidades de produção de efeitos de sentido.

Diversas possibilidades de sociabilidade são colocadas em funcionamento da rede social *Facebook*; que tenta busca “controlar” ou ao menos “abarcando o controle” (mesmo ilusoriamente) a partir de comandos que propõe seu acionamento de forma simples e eficaz. Porém percebe-se que comportar-se de forma “indiferente” (não estar na relação) às postagens de outros usuários da rede, pode produzir um efeito de “indiferença” (mesmo que ilusório), viola a “impressão” de dominância e controle daqueles que postam, em relação às postagens, pois no momento em que se deixa de curtir postagens de “amigos”, como são chamados os usuários do *Facebook* – uma relação de “não reciprocidade” pode se produzir.

No advento das redes sociais, derivas são produzidas nos efeitos de sentido em relação aos comandos que o *Facebook* disponibiliza; pois considerando a linguagem um sistema aberto, muitas possibilidades se edificam na produção de evidências.

A Figura 1 exibe um recorte que mostra o comando “Curtir”, que se encontra disposto abaixo de cada postagem, podendo ser acionado a qualquer momento, tornando assim possível o funcionamento de vários efeitos de sentido, assim mostrando o linguístico (verbal) tentando administrar os sentidos.



Figura 1 – Recorte 1: Ícone curtir  
 Fonte: Página do *Facebook* (2016)

Do lado inferior esquerdo de cada postagem – seja ela na forma de texto, imagem ou vídeo, encontra-se o comando nomeado pelo próprio *Facebook* de “Curtir”, acompanhado com o ícone figurado por uma mão com o polegar levantado, indicando o sinal de positivo; um signo linguístico que retoma a memória do “joia”, do “positivo”.

A partir de processos parafrásticos (o mesmo) e polissêmicos (o diferente), o discurso se produz à medida que o interdiscurso afeta a formulação, ou seja, ao dizer algo, outros discursos afetam e funcionam naquilo que “enunciamos”. Dá-se aí o que a Análise de Discurso propõe como constituição histórica dos sentidos.

Considerando a memória do dizer, o indicativo do sinal de positivo, ao ser representado simbolicamente pelo “joia”, pode-se recorrer a uma interpretação possível que se orienta em direção a “gostar”. Interpretação que pode se “sobrepôr” a outros sentidos, que por sua vez continuam funcionando e produzindo sentidos. Analisando linguisticamente, a palavra “curtir” funciona em uma relação sinonímica com a palavra “gostar”, que traduzido da palavra inglesa “*like*”, deriva para diversas possibilidades de sentidos, filiando-se também a diferentes discursos.

### 3.2.1 As derivas produzidas pelo comando “curtir”

A manifestação da opinião em relação a qualquer postagem na rede social *Facebook* pode ser feita através do comando “Curtir”, este que não coincide somente com o sentido de “Gostar”, mas produz derivas a partir de diferentes formações discursivas. Esta análise busca compreender estes possíveis caminhos que o discurso percorre na produção de efeitos de sentido.

Como mencionado anteriormente, no Brasil, o comando é nomeado como “Curtir”, diferentemente da maioria dos países do continente americano e europeu, mesmo com língua diferente da língua inglesa, que mantém o ícone com o nome “like”. Verifica-se, então, que a modificação do nome do comando orienta as interpretações possíveis sobre ele no contexto brasileiro, fazendo com que os sentidos deste comando tomem novos rumos, novas possibilidades de sentidos que não se cercam na associação do gostar; mesmo funcionando aí esse pré-construído.

A partir de um esquema parafrástico, percebe-se o movimento dos sentidos, desta forma mostrando mais uma vez que a relação mundo, pensamento e linguagem não é direta. Os processos simbólicos trazem à análise um olhar diferenciado, o olhar que a Análise de Discurso constitui seus dispositivos teóricos e analíticos (ORLANDI, 2007b).

Trabalhando a interpretação, compreendida a partir da corrente teórica da Análise de Discurso Francesa, evidenciar as famílias parafrásticas e as possíveis polissemias é tarefa do analista que lança mão de dispositivos teóricos e analíticos, praticando uma nova maneira de ler e interpretar, que leva em consideração a heterogeneidade do texto.

O estudo sobre a heterogeneidade discursiva possibilita o compreender as relações entre formações discursivas e formas-sujeito, ao passo que estabelece relações de confronto e de liderança ao mesmo tempo, “o que implica a concepção de uma Formação Discursiva heterogênea, em que o mesmo convive com a diferença e a divergência, dando origem à contradição” (INDURSKY, 2001, p. 30).

Considerar o discurso como uma relação entre outros discursos (interdiscurso), pode-se dizer que, em sua produção, efeitos metafóricos funcionam na tensão entre o mesmo e o diferente; ou seja, a produção de efeitos de sentido no jogo e no movimento com outros discursos. No entanto, é possível vários outros discursos afetarem de forma significativa, aquele discurso formulado, justamente pela relação da historicidade e exterioridade.

Pensar em formações discursivas na Teoria do Discurso é buscar a compreensão de memória discursiva e do interdiscurso, pois existirá uma direção que a memória do dizer toma na relação entre os discursos. Estas não podendo ser escolhidas pelo interlocutor, pois funcionam de maneira involuntária e afetada pelos processos ideológicos. Uma vez que a ideologia não pode ser mensurada em

unidades de ideias, muito menos em pensamentos específicos em relação a uma situação; jamais o homem pode escapar dela, pois é justamente pela interpelação da mesma, que o indivíduo ocupa o lugar do sujeito de discurso, vivendo a multiplicidade da linguagem através desse funcionamento.

Todavia, a constante circulação de identidades no *Facebook*, a partir da exposição direta, ou indireta de si, produz o exercício da soberania de si – práticas que transpõe a singularidade do sujeito à sua publicização descontinuada e muitas vezes sem medidas; fazendo circular então, o sujeito “hedonista”, que em busca do prazer –, mesmo que ilusório, propõe o funcionamento da aprovação, de aspectos positivos, mesmo sabendo das dificuldades e contratempos comuns à vida humana.

Logo, dá-se visibilidade nesse gesto analítico, mobilizado pelas análises discursivas desta pesquisa, dois discursos dominantes abarcam sítios discursivos explicitados no esquema abaixo – uma “matriz de sentidos hedonistas” e uma outra “matriz de sentidos ligada à vigilância”.

Observam-se no esquema parafrástico da Figura 2, uma certa noção hedonista em funcionamento nas derivas propostas na série da esquerda, em que o “gostar” inicia esse movimento no jogo dos sentidos.

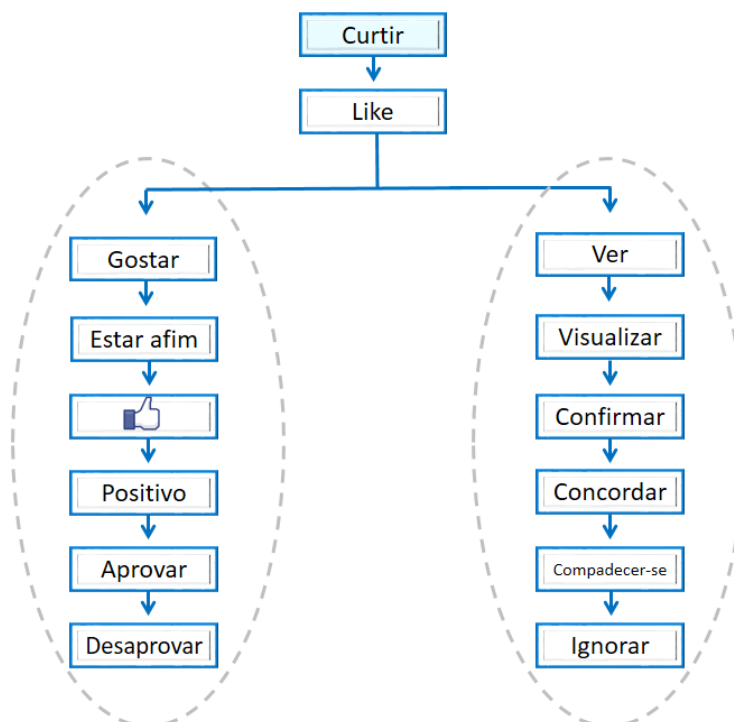


Figura 2 –Esquema de paráfrases do comando “Curtir”  
Fonte: Elaborada pelo autor (2016)

Uma vez que a ideia de que para o ser viver a completude da vida é preciso buscar o prazer e a felicidade constantemente. Percebe-se que o prazer e a felicidade muito mais que uma situação da vida, passam a ser elementos que protagonizam a identidade do sujeito.

Baseado na busca de prazer, o sujeito vive a tensão entre a “felicidade” vinda do prazer e a ausência de contrariedades que delimitam ou até mesmo impedem que as situações prazerosas venham à tona. Porém, quanto mais o sujeito tenta diminuir o “sofrimento”, colocado em contraponto com o prazer, mais frustrado o mesmo se torna, uma vez que a vida é feita também de situações não muito agradáveis, que o sofrimento é natural e dominante. Verifica-se que o sujeito nas redes sociais, projeta uma identidade ao mesmo tempo livre de sofrimentos (quando convém), mas na contramão do bem-estar proporcionado pelo prazer, em que a associação com a fruição, faz produzir sujeitos e sentidos “hedonistas”.

O hedonismo, por sua vez, decorre dessa dinâmica identitária. O narcisista cuida apenas de si porque aprendeu a acreditar que a felicidade é sinônimo de obtenção de prazer. Quanto maior, mais imediato, mais constante for o prazer, mais feliz é o sujeito (COSTA, 2001, p.1).

Segundo Costa (2001), o homem se produz como um ser ansioso frente aos sofrimentos naturais da vida; e em cada possível situação da falta de prazer, ele reage como produtor do mesmo a partir de alguma falha de conduta, e/ou cumprimento de obrigações. Portanto, o “sentido de prazer” pode ser mobilizado pelo comando “Curtir”, que representa a busca constante do sujeito pela aprovação de outros sujeitos, como se houvesse necessidade de receber através de um gesto positivo de confirmação, e/ou aprovação do conteúdo ou até mesmo do usuário.

O sujeito contemporâneo, no entanto, trata a valorização do prazer como premissa para o bem-estar na sociedade, onde a significação de “felicidade” desliza-se por diversos processos sociais e ideológicos, podendo produzir ideais formadores de identidade. “Os conflitos mentais, na maior parte, derivam das contradições entre as diversas formas de valorar desejos, aspirações, ideais, impulsos etc., na tentativa de alcançar o grande objetivo da vida, a felicidade” (COSTA, 2001, p. 1).

Contudo, além de derivar-se para o sítio de sentido relacionado ao “hedonismo/externalização da subjetividade”, produz efeitos de sentido distintos

daqueles analisados no esquema de paráfrases acima, em que o “*like*” pode deslizar para o “Ver”.

Além da visão fisiológica do homem – retratada como um dos cinco sentidos humanos, essa análise busca compreender os possíveis sentidos do “ver”, mobilizado recentemente pelo esquema de paráfrase que produz os seguintes deslizamentos:

1. Ver;
2. Visualizar;
3. Confirmar;
4. Concordar;
5. Compadecer-se;
6. Ignorar.

Trabalhar o mesmo e o diferente na Análise de Discurso é fundamentar o funcionamento da língua, que para representar algo precisa remeter o que foi dito, o enunciado, às formações discursivas – estas que representam sítios de sentidos, que ligados pelos já ditos, buscam na memória os processos discursivos do dizer.

Verifica-se nesse esquema parafrástico que diferentes sentidos podem ser produzidos a partir do interdiscurso; colocando em funcionamento uma série de processos discursivos e efeitos de sentido, dentro de um “discurso de vigilância”.

O esquema de paráfrases exposto acima mostra esse movimento do mesmo e do diferente, da paráfrase e da polissemia trabalhando na produção e circulação do dizer. Este trabalho, como mencionado em outras ocasiões, coloca o analista em uma posição diferenciada de leitura e interpretação daquela do intérprete comum; posição esta que considera não o sentido literal – colado nas palavras, mas os possíveis efeitos de sentido engendrados pela heterogeneidade dos discursos.

Considerando o movimento dos sentidos, não é impossível afirmar a literalidade de um enunciado, que pode deslizar-se ou/e deslocar-se por diferentes direções no discurso; sendo assim, o enunciado “ver” pode deslizar para o “visualizar”, que seguindo o jogo dos sentidos, deriva-se para outros prováveis.

Sem esquecer um princípio que proponho como fundamental à análise de discurso, qual seja o de que a linguagem se funda no movimento entre processos parafrásticos (o mesmo) e polissêmico (o diferente), de tal modo



que a distinção se faz difícil: dizemos o mesmo para significar outra coisa e dizemos coisas diferentes para ficar no mesmo sentido (ORLANDI, 2015a, p. 94).

Trabalhando, pois, as derivas do “Curtir” que se filiam ao sentido de “vigilância”, ou “monitoramento” dos sujeitos a partir das postagens nas redes sociais, percebe-se que a questão não é o fato de “não ver” o que o outro usuário posta, mas sim se ocupar dele (sujeito), percebendo suas vulnerabilidades em relação ao ser percebido de alguma forma. Não se trata tanto de evitar um olhar, mas de reforçá-lo para poder ver, não tanto as diferenças, mas o que nos torna semelhantes. A insegurança e a vulnerabilidade podem ser formas de aproximação ao outro, formas de reforço social (ROSELLO, 2008).

As análises consequentes, buscam compreender os processos de significação propostos pela Análise de Discurso Francesa, que demonstra em seu campo teórico a importância do analista, que pode mobilizar diversos e variados recortes textuais, que por sua vez estejam relacionados a diferentes redes discursivas e subjetividades diferenciadas. Por tal ação lhe é dado o poder de conduzir e de estabelecer uma trama ou um tecer entre os diversos recortes discursivos, providos de textos diversificados e afetados por diversas formações discursivas e diferentes posições-sujeito.

Esse trabalho discursivo de textualização, em minha perspectiva, quando bem-sucedido, é o responsável pelo efeito de textualidade, do qual decorre um outro efeito essencial, o de homogeneidade do texto. Esse efeito é indispensável para que o sujeito-autor se constitua e é isto que o coloca na função enunciativa de autoria de um texto. É este trabalho discursivo de internalização e organização da exterioridade que produz o que chamo de relações textuais. Tais relações não se confundem com as relações coesivas e de coerência de que a Linguística Textual se ocupa. Logo, para que um texto seja considerado enquanto tal, faz-se necessário que os recortes provenientes do exterior pareçam ter sido ali produzidos; impõe-se que as marcas de “costura” dessas diferentes alteridades tornem-se imperceptíveis. A superfície textual precisa parecer perfeitamente plana, lisa, uniforme, enfim, sem asperezas. Só assim a ilusão de homogeneidade se instaura e o efeito-texto se produz (INDURSKY, 2001, p. 33-34).

Assim, o efeito de homogeneidade do texto ocorre no momento em que os recortes discursivos se textualizam, produzindo então o trabalho discursivo. O efeito-texto não passa de um efeito da realidade do enunciado.

O enunciado, objeto desta análise, é o ícone “Curtir”, porém, observa-se que a interação do mesmo com outras significações, propõe uma nova maneira de

interpretá-lo; considerando múltiplas possibilidades de sentidos. O interdiscurso no processo de produção dos possíveis sentidos de “Curtir”, perpassa a memória do “gostar”, da “aprovação do outro”, a partir do que ele diz em tal rede através de suas postagens. No entanto, o usuário, sempre “livre” para postar, também possui uma liberdade para “Curtir”, ou deixar de curtir postagens de outros usuários; sendo as duas ações produzidas por inúmeras possibilidades.

Conforme abordado anteriormente, compreende-se que o “Curtir” apela para uma memória discursiva relacionada à aprovação, afinal, o usuário pode acionar o comando do “Curtir”, silenciando assim outras formas do gostar, a não ser pela aprovação, assim censurando outros sentidos (ORLANDI, 2015).

O ícone “Curtir” no *Facebook* propõe também a circulação do sentido “gostar de”, ou pelo menos, os usuários são inseridos em condições de produção que possibilita seu acionamento. Logo, percebe-se que o modo como o *Facebook* se organiza, suas ferramentas etc., possibilita que tal pré-construído possa entrar em funcionamento, a fim de articular a ilusão da unicidade desse sentido (gostar), em que a aprovação é materializada através do acionamento do comando.

A Análise de Discurso não se fundamenta em desvendar um único sentido, tampouco elucidar a intenção do falante. O convite é para o caminho da interpretação, que busca compreender os processos de significação e produção de sentidos, e deste modo, “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2015, p. 13).

Sendo assim, perceber o funcionamento discursivo do comando “Curtir” possibilita compreender os processos de significação de tal corpus ao ser analisado. Não se pode dizer que seus sentidos foram estancados pela identificação de tais efeitos, mas que foram evidenciados alguns possíveis sentidos.

Assim, o discurso, em seu trabalho, vem mobilizar a heterogeneidade a partir da qual o mesmo se constitui. Para a Análise do Discurso, o que importa é a maneira como um texto se organizou em sua relação com a exterioridade – ou como se organiza produzindo efeitos de um texto homogêneo, a despeito da sua heterogeneidade constitutiva. A partir daí, não se pode pensar o texto enquanto um enunciado homogêneo. Um texto, se dotado de tais características, segundo a qual

diferentes textos, discursos e subjetividade estão presentes, pode ser pensado como um espaço heterogêneo.

### 3.2.2 A relação de afinidade entre usuários no *Facebook*

Dentre várias direções que os sentidos de “Curtir” podem tomar, que neste campo teórico tratar-se-á por meio da noção de deriva, atentar-se-á a dois discursos dominantes, que se movimentam na evidência e apagamento de alguns sentidos, para que outros circulem e, assim, fazendo assim funcionar processos de significação.

Logo “Curtir”, que é verbo transitivo direto, exige um complemento – objeto direto; porém percebe-se que no comando o objeto não é explicitado; permitindo um espaço equívoco pela elipse do complemento, ou melhor, não se sabe o que precisa, ou o que é para curtir.

Embasado no gesto analítico a seguir, será evidenciado primeiro a relação entre o “Curtir” versus a “relação de afinidade entre usuários”, assim apresentando os processos discursivos do ícone, figurado pela mão acenando positivo, conforme a Figura 3.

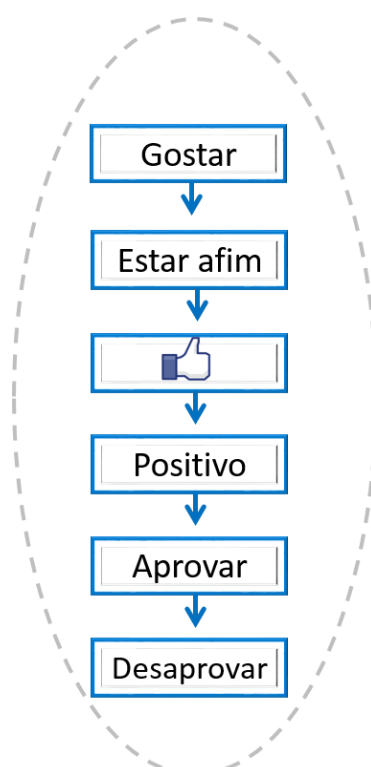


Figura 3 – Esquema de paráfrases “relação de afinidade”  
Fonte: Elaborada pelo autor (2016)

Todavia, quando se aciona o botão curtir, pode-se fazer circular o sentido de “aprovar”, concordar com o elemento postado, demonstrando afinidade não somente ao conteúdo postado (que podem ser muitos), mas também àquele que posta.

A aprovação pode sofrer deslizamentos significativos, possivelmente sendo assinada tanto pelo ícone “Curtir”, quanto pelo ícone compartilhar – sentido de uma escala mais apurada do aprovar; ou seja, de tanto que se aprova, também compartilha.

Desconsiderar as condições de produção dos discursos é o mesmo que dificultar a interpretação de outras direções para os sentidos, pois além de se tratar de uma importante parte do processo discursivo, esta mobilização ajuda na interpretação das formulações do dizer.

A “evidência” da identidade não deixa ver que esta resulta de uma identificação – interpelação do sujeito. A essa contradição “sofrida” (o sujeito é “já sempre” sujeito) responde a contradição “aprendida” e “exibida” que se apresenta como um sintoma da contradição inerente, da discrepância entre um “já-lá” pensado “antes, em outro lugar, independentemente” e o que se apresenta como origem espontânea de si (ORLANDI, 2008, p. 101).

O assujeitamento ideológico é aquele em que o sujeito individual se inscreve em uma formação discursiva, e desta forma se identifica em um sítio de sentidos e não outros, desta forma fazendo produzir tanto processos ideológicos, já que pode ser considerado uma prática. Funcionando de forma a interpelar o indivíduo em sujeito, a ideologia produz evidência a partir da constituição dos sujeitos e dos sentidos. A relação ideologia *versus* inconsciente está engendrada na interpelação do indivíduo em sujeito, no entanto o deslocamento na noção de inconsciente passa a circular na Análise de Discurso, como efeito ideológico, pois mesmo sem ter consciência disso, a ideologia funciona na constituição de sujeitos e sentidos.

A forma de compreender o mundo e suas relações sociais coloca o sujeito frente a formações discursivas variadas, e são elas a serem abordadas neste trabalho, representando as diferentes classes sociais, representada pelos bens materiais instaurados por este regime econômico.

No espaço digital, a influência do Estado Capitalista torna-se perceptível através das postagens dos usuários da rede *Facebook*, na qual circula além de grupos específicos baseados na situação socioeconômica, um bombardeio de publicidade

tem tomado o espaço de interação entre as pessoas, evidenciando aspectos financeiros como divisor de grupos de referência, ou seja, só pertença quando tenho.

A partir da aprovação, engendrada pelo comando “Curtir”, uma espécie de aprovação circula entre os sítios de formações discursivas relacionadas à afinidade, ou melhor, ao curtir a postagem de um usuário, os sentidos podem ser diversos, mas também podem funcionar como “ponte” para pertença a um grupo de referência.

### **3.2.3 O efeito de sentido de “visualizar” face ao comando “Curtir”**

Como abordado anteriormente, na Análise de Discurso, os conceitos dos campos teóricos da Linguística, Psicanálise e História não se aplicam de modo direto à teoria do discurso, eles sofrem deslocamentos; portanto esta disciplina, a Análise de Discurso, é considerada uma disciplina de entremeio por justamente questioná-las, a partir de seu posicionamento no espaço de intersecção dessas disciplinas; porém essas compreensões precisam ser claras para que a verificação do contraponto entre as mesmas, tornem-se objeto de ciência.

Pertencer a uma formação discursiva, em suma, é filiar-se a redes de sentidos, assim, associando o discurso a sua exterioridade que funciona na relação dos já ditos; ou seja, a estratificação de sentidos engendrados por uma memória, aqui chamada de memória discursiva.

As filiações históricas, dirá ainda Pêcheux, são sempre “tomadas em redes de memória”, dando lugar a filiações identificadoras e não a aprendizagens por interação: a transferência não é uma “interação”, e as filiações históricas nas quais se inscrevem os indivíduos não são “máquinas de aprender” (ORLANDI, 2007b, p. 86).

Por analisar a produção de sentidos e sujeitos, a presente pesquisa segue buscando a compreensão de outros sentidos possíveis presentes no comando “Curtir”. Um esquema, na Figura 4, mostra os possíveis equívocos que são produzidos a partir do comando “Curtir”, quando se o filia a uma matriz de sentido relacionada à vigilância; portanto, ao acionar o ícone “curtir”, o sentido de mostrar que o conteúdo foi “visto” também ser considerado como efeito de sentido.

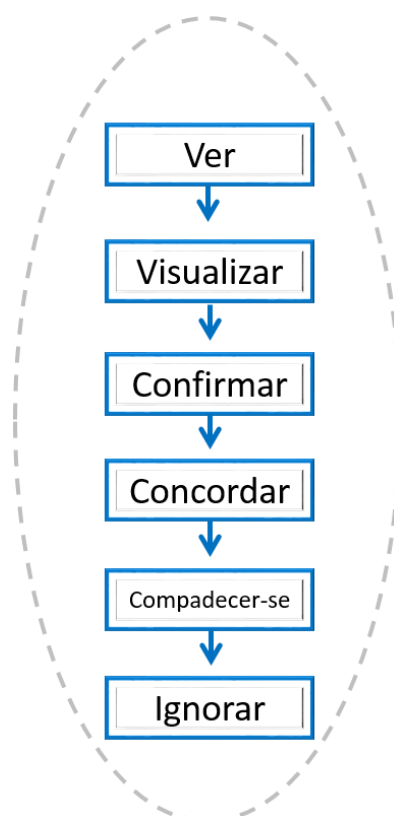


Figura 4 –Esquema de paráfrases “visualizar”  
 Fonte: Elaborada pelo autor (2016)

É possível observar que nem sempre, quando se curte alguma postagem no *Facebook*, o sentido comum de “gostar” (“like”) é colocado em circulação, pois, por conta das projeções sociais, o comando também pode ser acionado porque a postagem está ligada a alguém com quem se busca estabelecer uma “relação”.

Segundo Nunes (2013b), na especificidade da busca da relação entre o clique e o “gostar” é determinante que haja um gesto que os coloque em funcionamento, ou seja, há uma injunção [do sujeito] a se clicar. A partir do proposto por Nunes, podemos considerar a existência de uma outra injunção: “clicar-gostar”, compreende-se que este gesto se efetua no sentido de obrigatoriedade e pressão das circunstâncias – ou interesse específico.

Negroponete (2006) parte do princípio de que o gesto de “clicar” e “curtir” é estruturante da relação sujeito com a materialidade digital, sendo que tal gesto inscreve simbolicamente o sujeito nesta relação. O autor é citado por Nunes (2013b, p. 327), considerando que esse gesto é uma “propriedade que funda uma evidência: quando se está navegando, lendo em tela, falando com alguém no *Facebook* há injunção ao clicar!”

O gesto de clicar tem funcionado sob o efeito de evidência em relação às práticas de leitura da sociedade contemporânea em sua vida digital (NEGROPONTE, 2006).

A compreensão desta injunção ao clicar pode ser compreendida ao observarmos o quanto pode ser significativo o gesto de deletar algo que lemos e que não concordamos ou quando adicionamos ou mesmo excluimos alguém de algum site de relacionamento. Nestas condições podemos afirmar que a injunção a clicar em links se produz como forma material (ORLANDI, 1990), aquela que não é só linguística (um funcionamento formal, abstrato), nem somente empírica (com seu conteúdo-produto), mas é, sobretudo, forma junto com conteúdo, processo histórico de significação em que o sujeito, a história e a linguagem, estão materialmente pensados e implicados. O sujeito se significa nesta injunção e esta injunção é possível pelas condições de produção do discurso eletrônico. (NUNES, 2013b, p. 327- 328).

Através de um simples clique, o sentido de “pertença” ou de “visualização” da postagem, o usuário pode estabelecer uma relação com outro usuário (aquele que postou tal conteúdo). No entanto, quando a busca do *networking*, “corporativiza” as relações humanas, o simples ato de mostrar-se presente (neste caso, através do acionamento do comando curtir) possibilita a compreensão de que, quando se curte uma postagem, o efeito de “confirmação” pode ser colocado em funcionamento.

A quantidade de curtidas de uma postagem no *Facebook* pode representar a popularidade tanto do conteúdo postado, quanto do usuário que posta. Desta forma, reforça a possibilidade da circulação do sentido mencionado a pouco, da necessidade da projeção social através de uma rede de relações, na qual a “troca” de curtidas funciona como “moeda” para a popularidade.

No recorte da Figura 5, será analisado o funcionamento do “mercado de curtidas”, representado pelo enunciado “troco *likes*”, ou “#sdv”:

No entanto, compreende-se mais um funcionamento do comando “Curtir”, o da relação de “consumo”, “mercadológica” circula nas redes sociais de maneira explícita; retratada pelo recorte da rede social *Instagram*, em que usuários anunciam a troca de *likes*, ou seja, o comércio de curtidas baseado numa relação de “barganha”, de “troca”.

Os enunciados são colocados em funcionamento de maneira explícita, demonstrando assim a importância de se trocar “*likes*” em uma relação em que estar na rede é o mesmo que estar anunciando um produto, que neste caso, é o próprio perfil no *Instagram*. Ao dizer: “SEGUE? SDV SDV / TROCO LIKEES E ELOGIOS SO

COMEÇAR NEM PRECISA AVISAR RETRIBUO NO MESMO MINUTO VEEM PODEM CONFIAR ME AJUDEM POR FAVOR AGOOORA”, o “discurso promocional”, ou o “discurso mercadológico” é colocado em funcionamento de maneira que o usuário B do *Instagram* faz um anúncio de troca e retribuição de “likes” na rede, utilizando expressões e siglas próprias para direcionamento/abarcamento dos efeitos de retribuição – “SDV (sigo de volta)”.



Figura 5 – Recorte 2: Postagem do “usuário K” – “Troco Likes”  
Fonte: Página do *Instagram* (2016)

Tal enunciado mostra, linguisticamente, instrumentos de potencialização ou até mesmo de ênfase das palavras, ao utilizar letras excedentes na palavra “LIKEEES” “AGOOORA” o efeito de prolongamento e ênfase é colocado em circulação no



enunciado, assim podendo produzir sinais de discursos anunciativos ou publicitários/promocionais.

Uma vez acionando o botão “curtir”/“like”, os usuários de redes sociais podem fazer circular uma relação de pertença ou admiração, ou simplesmente uma relação de “consumo” entre “curtidas”, “likes”, propondo o funcionamento em que para ser curtido é preciso curtir as postagens de outros usuários, estabelecendo uma relação de admiração e pertença a certos grupos sociais.

Os deslizamentos no sentido de “ver” movimentam-se na formação discursiva que qualifica as práticas ligadas à “visualização” nas atuais condições de produção desta rede social, uma vez que o fato de curtir, não necessariamente representa o sentido de gostar, mas sim de que aquele conteúdo disponibilizado foi visto/visualizado. Compreende-se que estes deslizamentos acontecem pelas derivas do “curtir”. É importante notar também que para visualizar não necessariamente é preciso literalmente ler as postagens.

Outro possível efeito de sentido do comando “Curtir” é o de “importar-se”, “compadecer-se”, ou até mesmo o “ignorar” – este último que circula no contraponto do sentido de compadecimento. Diferentes efeitos de sentido podem ser produzidos a partir do comando “Curtir”, logo a possibilidade de uma postagem ser vista e não ser curtida faz funcionar possivelmente o efeito de “neutralidade” – ou seja, fazendo com que o usuário seja indiferente à postagem de outro usuário, seja por qual for o motivo do não acionamento. Contudo, mesmo vendo uma determinada postagem, o usuário pode escolher curtir ou “deixar de curtir”, mostrando que nem sempre visualizar é garantia de curtir, pois a postagem pode ser vista e ignorada. Isso também diferencia o “visualizar” do “ver” perceptivo, já que não se trata pura e simplesmente de ver o que está lá, mas de se posicionar (qual seja o posicionamento) diante do que foi postado.

Verifica-se que o silenciamento, na análise de discurso funciona como modo de silenciar certos sentidos para evidenciar outros; desta forma também estando como ponto fundamental e de sustentação para os deslizos e deslocamentos entre as formações discursivas.

Então, ao invés de pensar o silêncio como falta, podemos, ao contrário, pensar a linguagem como excesso. Essa possibilidade, aliás, já está

tematizada na linguagem corrente em expressões que se opõem como as que seguem:  
 Estar em silêncio/Romper o silêncio. Guardar o silêncio/Tomar a palavra.  
 Ficar em silêncio/Apropriar-se da palavra (ORLANDI, 2015a, p. 31).

A partir da obra “As Formas do Silêncio” (ORLANDI, 2015), entende-se que o silêncio atravessa as palavras dando sentido às mesmas; portanto, não se tratará do silêncio como ausência de palavras, ou como pausa da fala, mas como parte do processo de produção de sentidos. Verifica-se que a partir do silenciamento do enunciado “Curtir”, outros sentidos são colocados em funcionamento, mesmo não estando linguisticamente inscritos, mas funcionam como se estivessem materialmente presentes; aspecto retratado na próxima análise – a do “Não Curtir”.

### 3.3 O funcionamento parafrástico de “Curtir” → “Não Curtir”

Nesta análise, serão utilizados esquemas para desenvolver melhor a compreensão da discursividade do comando “Curtir” na sua relação com a paráfrase “Não curtir”. Os possíveis sentidos de uma publicação no *Facebook*, bem como a possibilidade de “interação entre usuários” em relação às postagens, partimos para o dispositivo da paráfrase “Curtir” → “Não curtir”.

Em uma produção de discurso, o efeito metafórico funciona com o mesmo e o diferente, ou seja, a produção de efeitos de sentido com outros sentidos. No entanto, é possível que existam vários outros discursos a partir do mesmo sítio discursivo, justamente pela relação com a historicidade e exterioridade, já que a língua não é um sistema fechado em si.

Para a Análise de Discurso, não se trata de transmissão de informações, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando o processo de significação e não estão separados de forma estanque (ORLANDI, 2015a, p. 19).

No processo de deriva, algum sentido pode se manter, porém, o diferente também funciona em meio ao mesmo. Basta, através de gestos de interpretação,

tomar a análise a partir da opacidade do texto, da ausência necessária – que é fundamental na constituição dos discursos (não se pode dizer tudo ao mesmo tempo) – e, por isso, o sujeito se filia a diferentes formações discursivas a partir de uma memória.

O esquema de paráfrases que segue na Figura 6, apresenta uma possível relação entre “Curtir” e “Não curtir”.

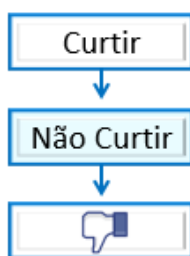


Figura 6 – Esquema do batimento, curtir e não curtir  
Fonte: Elaborada pelo autor (2016)

O funcionamento do *Facebook* vem sofrendo modificações e adaptações ao longo de sua existência, porém, a memória discursiva engendrada na prática de “comparar” ainda circula nos processos simbólicos da rede, produzindo sujeitos e sentidos a partir de discursos narcisistas, onde a comparação na relação “eu e os outros”/”outros e os outros” trabalha o imaginário da língua.

Uma vez que a Análise de Discurso busca compreender os processos simbólicos que funcionam nos discursos, aí que sinalizaria uma aprovação, sitiando-a a diversas possibilidades de filiação a distintas formações discursivas; diferente da interpretação pragmática, em que considera o texto um objeto positivista (ORLANDI, 2008).

Analisando, ainda o esquema da Figura 6 (paráfrases de “Não curtir”), evidentemente, tendo a palavra “não” como ruptura do sentido convencional de “aprovação”, um novo sentido é colocado em circulação – o da “discordância permitida”, onde o sujeito coloca a prova sua postagem, assim aparentemente autorizando-a a passar por opiniões contraditórias

O “não curtir” remete a uma memória de depreciação em relação a opinião alheia, principalmente em uma rede social com a dimensão do *Facebook*, na qual escolher o comando “não curtir” em relação as postagens alheias, faria funcionar a desaprovação de tal postagem ou de seu conteúdo.

Retomando a análise do “curtir”, tem-se um paralelo que, ao mesmo tempo, funciona em uma perspectiva parafrástica. Os processos polissêmicos se engendram no funcionamento do ícone “curtir”, pois a textualidade do enunciado “curtir” irrompe a unicidade de significação e se dispersa por diversas interpretações e significações. Dentre várias, poderia se dizer que o ícone “curtir”, funciona a partir da Teoria do Discurso como “não curtir”, pois mesmo esse último não existindo, seu funcionamento coloca-se em circulação, produzindo sujeitos e sentidos do discurso (ORLANDI, 2015b).

No sítio dos sentidos que se relacionam com a “desaprovação”, a “afronta” pode produzir sentidos de “repulsa”, ou até mesmo, “condenação” da postagem, no esquema, na sequência. No mesmo, percebe-se o funcionamento da “intolerância” das “diferenças”, sejam elas sociais, intelectuais, culturais ou, até mesmo, socioeconômicas; situações que, ao postar um conteúdo em que a “livre expressão” é articulada. O incômodo daquele que vê, pode ser uma forma de discordar, como pretexto para críticas ou até processos de segregação previstos pelo *Facebook* – por exemplo, por meio de outros comandos como “ocultar atualizações” ou “não quero mais ver isso”, “bloquear” ou “denunciar” – como na Figura 7.

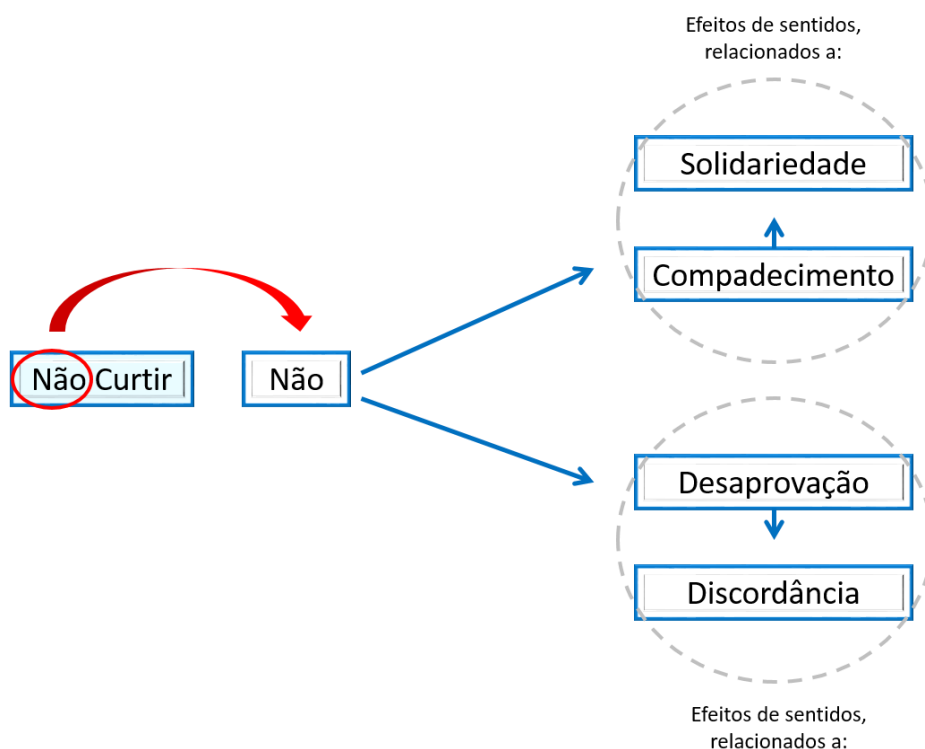


Figura 7– Esquema de formações discursivas do “Não Curtir”  
Fonte: Elaborada pelo autor (2016)

Existem diversos exemplos de postagens que sofreram e sofrem, a todo instante, processo de juízo de valor, pondo em prova a opinião daquele que posta, em relação daquele que lê ou vê, dando margem aos acolhimentos ou debate das diferentes ideias de tal conteúdo.

Dizer, não dizer, ou até mesmo dizer de outras formas um enunciado, remeteria, então, no discurso além de esquecimentos, silenciamentos, apagamentos ou, até mesmo, censura. Não dizer algo, eventualmente, relaciona-se com a censura, por sua vez, circula na memória do dizer; associando-a aos processos ditatoriais, porém percebe-se que os funcionamentos da censura vão além destes acontecimentos históricos – ele sempre existiu e funciona de forma ampla no real da língua.

O silenciamento, na Análise de Discurso, funciona como modo de apagar certos sentidos para produzir outros; desta forma, funciona como ponto fundamental e de sustentação para os deslizos e deslocamentos das formações discursivas. Um usuário pode deixar de postar algo que acredita que não será bem recebido pelos outros usuários – essa “crença” sobre o conteúdo de sua postagem vem das formações imaginárias em circulação (GADET; HAK, 1997).

Trabalhar com a permissão e a proibição é trabalhar, também, com o silêncio na forma da censura que, enquanto fato de linguagem, se inscreve nos discursos através da proibição de dizeres que acontece a partir de acontecimentos discursivos, desta forma, produzindo sujeitos e sentidos do mesmo caráter.

Submeter-se à censura é participar dos processos do silenciamento local, no qual o sujeito oprimido produz discursos de opressão e de resistência em relação ao proibido. Pode-se dizer que, junto com a censura, verifica-se o processo de repressão; ou seja, o sujeito pode até ser impedido de dizer algo de alguma forma, mas não de todas as formas.

Segundo Orlandi (2015b), o silêncio não é transparente, mas é fundador, ao mesmo tempo que trabalha as ambiguidades, tanto quanto as palavras. O estar em silêncio, não necessariamente, produz o sentido de abster-se do dizer; pelo contrário, silenciar-se pode dizer bem mais do que as palavras podem expressar.

Mesmo não possuindo o comando icônico no *Facebook* do “não curtir”, não impede, muito menos apaga a memória da censura; pelo contrário, ela funciona na repressão da “livre expressão”, do dizer algo querendo dizer outro, pois este outro

circula na memória do dizer. Atualmente, mesmo não existindo oficialmente (o comando não curtir), seu funcionamento se mostra ativo nas postagens que são curtidas, não no sentido de aprovadas, mas no sítio discursivo da “evidência” e fazer ser visto tal conteúdo.

### 3.3.1 Os diferentes efeitos de sentido do “Curtir” em funcionamento

O que traz a esta análise é, justamente, o incômodo nas questões que concernem as possíveis formas de sociabilidade produzidas pelo ícone “Curtir”, logo percebe-se que derivas são produzidas pelos processos discursivos desse comando, podendo levar à diferentes sentidos que não estão abarcados ao discurso de “gostar”. Percebe-se então, a equivocidade e a dispersão dos sentidos produzidos pelo “Curtir”,

Nesse espaço de necessidade equívoca, misturando coisas e pessoas, processos técnicos e decisões morais, modo de emprego, escolhas políticas, toda conversa (desde um simples pedido de informação até a discussão, o debate, o confronto) é suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis – com, de vez em quando, o sentimento insidioso de uma simplificação unívoca, eventualmente mortal, para si mesmo e/ou para os outros (PÊCHEUX, 2015, p. 33-34).

Busca-se exemplificar o funcionamento da paráfrase “não curtir”, a situação do recorte 3, que segue na Figura 8, por meio de seu recorte, em que um usuário do *Facebook* posta em seu perfil uma imagem com os dizeres em letras maiúsculas e garrafais “O Brasil vai mudar quando o povo entender que herói... É isso aqui e não isso aqui”.

O “é isso aqui” refere-se à imagem da esquerda na qual é possível observar um homem, possivelmente, escrevendo fórmulas em um quadro-negro. Já o “e não isso aqui” refere-se à imagem da direita na qual é possível observar Neymar, famoso jogador da seleção brasileira com seu uniforme.

Ao realizar essa postagem, com diferentes materialidades significantes, o usuário pode assumir uma posição em relação a situação do Brasil – de (des)valorização da educação, uma vez que a imagem à esquerda deixa funcionar a memória do professor convencional – lecionando a partir de anotações no quadro-negro, mesmo que o sujeito professor não esteja graficamente explícito. O contraponto entre o professor e o jogador de futebol é colocada na relação da posição-

sujeito “herói”, pois o ponto de paridade e diferença entre os dois sujeitos está justamente ligada a maneira que a sociedade “povo”, representa cada um.



Figura 8 –Recorte 3: Postagem do “usuário X” – “Curtir versus Não Curtir”  
 Fonte: Página do *Facebook* (2016)

Os aspectos econômicos, ou financeiros dos diferentes cargos representados no recorte, é silenciado pelo status dos próprios cargos (relação de poder), pois na textualidade apresentada acima, não é mencionado (mas tomado de memória), o salário do professor e do jogador, mas, o mesmo está dito através do interdiscurso; ou seja, a memória do dizer.

O discurso materializado pela palavra “herói”, mostra-nos o funcionamento de, ao menos, dois processos discursivos:

- 1) O herói da luta, da batalha, do sofrível e;
- 2) O herói que usufrui do status da vitória.

Ressalta-se que, ambos podem ganhar ou perder no seu trajeto.

Logo após observar os mecanismos de funcionamento dos sentidos no discurso acima, referente ao recorte 3 da Figura 8, pode-se analisar dois de vários comentários da postagem, exibidos pelo recorte 4, na Figura 9.

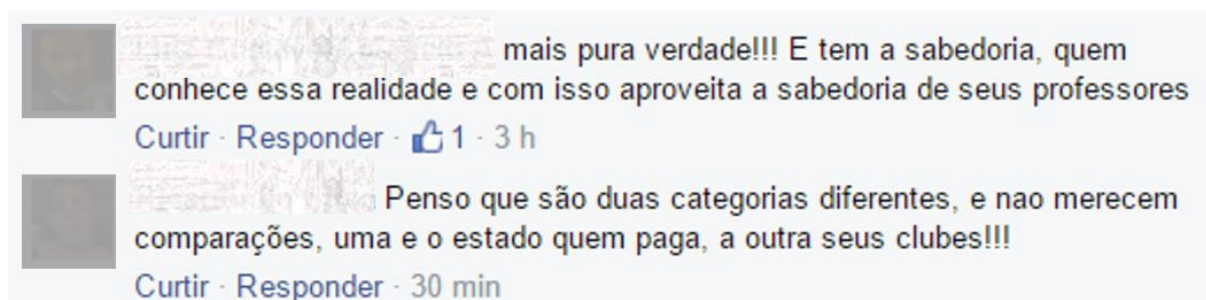


Figura 9 – Recorte 4: Comentários da postagem do “usuário X”  
Fonte: Página do *Facebook* (2016)

Depois de visualizarem a postagem do “usuário X”, mais dois usuários resolveram comentar a postagem – chamar-se-á de “usuário Y” (o primeiro comentário) e “usuário Z” (o segundo comentário). Tanto o “usuário Y”, quanto o “usuário Z” curtiram a postagem; porém, cada qual filiado a uma formação discursiva distinta. O primeiro (usuário Y), concorda com os dizeres da postagem, e ainda ratifica a importância dos professores mediante a realidade da educação do país “mais pura verdade!!! E tem a sabedoria, quem conhece essa realidade e com isso aproveita a sabedoria de seus professores”. Desta forma, compreende-se que neste caso o “curtir” funcionou como confirmação/aprovação/concordância com a postagem.

Já o “usuário Z”, assume uma posição-sujeito diferente do primeiro (usuário Y), pois quando diz “Penso que são duas categorias diferentes, e não merecem comparações, uma é o estado quem paga, a outra, seus clubes!!!”; compreende-se a “discordância ou desaprovação” da postagem que compara os dois cargos. No entanto, quando o “usuário Z” curte a publicação, mas discorda da mesma, possivelmente, acionaria o comando “não curtir”, caso o mesmo estivesse disponível em tal rede social. Porém, mesmo não existindo fisicamente, o comando funciona produzindo um deslocamento no sentido de “curtir”; afinal, nem sempre o “curtir” significará “gostar de algo”, ou “concordar com”, pois o silenciamento do “não” funciona na presença do mesmo.



### 3.3.2 “De tanto que me solidarizo”, “Não curto” e/ou “Curto”

Em uma segunda interpretação possível do sentido de “curtir” aqui está relacionada ao “compadecimento ou solidariedade”. O “não curtir” materializado no “curtir” também pode ter o sentido do “lamento”, do compadecimento às questões dos outros, pois quando se “curte” a postagem do outro, não necessariamente o sentido de “gostar” está em funcionamento, mas, diferentes sentidos podem ser produzidos a partir desta formação discursiva mencionada a pouco (compadecimento).

Notar como a própria ferramenta pode estabelecer a possibilidade de que este compadecimento ocorra. Num certo sentido, é como se o próprio *Facebook* fosse organizado para que este funcionamento entrasse em cena. Logo, pode-se dizer que algo da materialidade própria desta rede social permite que determinados sentidos se estabeleçam em detrimento de outros.

O recorte 5 na Figura 10, do próprio *Facebook*, traz outro recorte do próprio *Facebook*, permitindo a compreensão deste mecanismo de significação, onde em seu perfil do *Facebook* o “usuário W” posta:

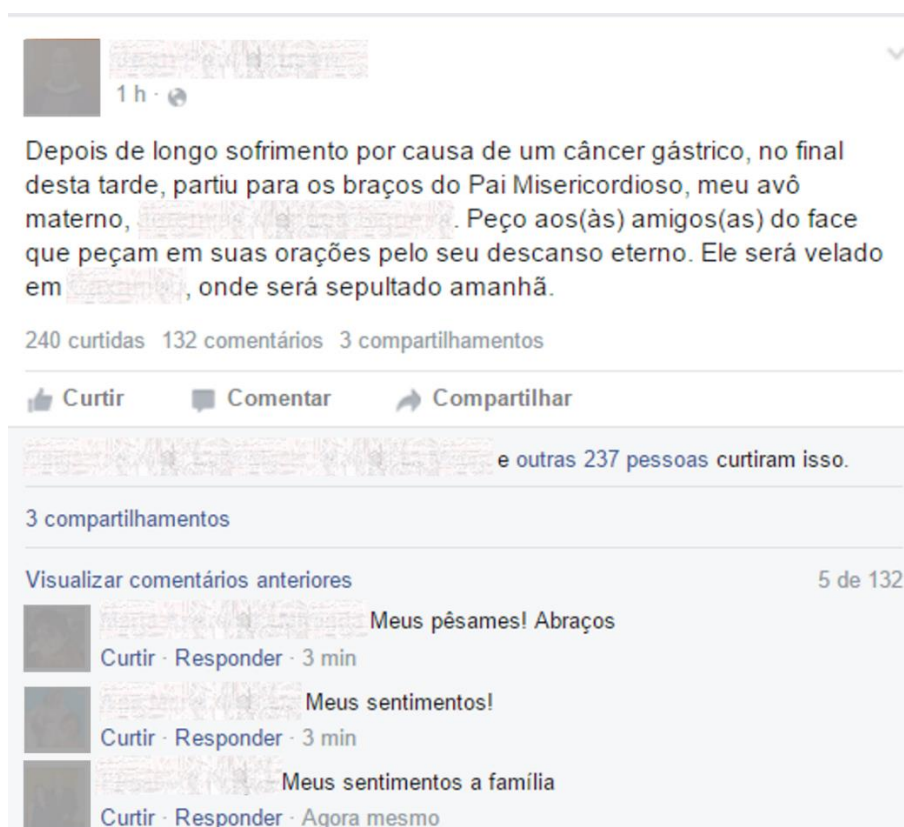


Figura 10 – Recorte 5: Postagem do “usuário W”  
Fonte: Página do *Facebook* (2016)

Ao deixar público na rede social *Facebook* uma situação/momento doloroso, o “usuário W”, além de informar, possivelmente mobiliza o sentimento de lástima de alguns outros usuários. Os elementos textuais utilizados pelo “usuário W”: “Depois de um longo sofrimento por causa de um câncer gástrico, no final desta tarde, partir para os braços do Pai Misericordioso meu avô materno, XXXXXXX. Peço aos (às) amigos (as) do Face que peçam em suas orações pelo seu descanso eterno. Ele será velado em XXXXXXX onde será sepultado amanhã”.

A utilização dos dizeres “Peço aos (às) amigos (as) do face”, remete a maneira que tal rede social trata a relação entre seus usuários – relação entre amigos, ou relação de amizade, desta forma, ratificando os aspectos emocionais presentes nas relações. Nessa rede, “amigos” mais do que uma relação entre pessoas faz referência ao próprio modo como o *Facebook* “linka”/liga as pessoas.

A partir desta postagem, observa-se que a mesma, em aproximadamente uma hora, alcançou 240 curtidas, 132 comentários e 03 compartilhamentos; percebe-se que o funcionamento do “curtir” sofreu um deslocamento, assim propagando o sentido de “compadecer-se”.

Os sentidos produzem derivas que se estabelecem na relação indireta entre sujeito/mundo/pensamento; não sendo transparente, muito menos linear, pois os sentidos jamais estão colados em seus objetos, ou ainda mais, os objetos ocupam lugares diferentes na memória do dizer. “O sentido, para a AD, não está já fixado a priori como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há a determinação histórica. Ainda um entremeio” (ORLANDI, 2007b, p. 27).

Mais um deslocamento se estabelece na relação do “curtir”, “não curtir”, pois, culturalmente, seria inviável curtir, no sentido de “gostar” de uma postagem lamentável como esta apresentada no recorte anterior. No entanto, nestas condições de produção, o curtir funciona como “Não curtir”, e/ou sitiado na formação discursiva do “compadecimento”, em que o curtir na verdade, circula no fio discursivo do lamentar por algo, por isso o comando do curtir é acionado com tanta expressividade.

Atentando-se para a materialidade discursiva do enunciado “curtir”, analisou-se a pouco o funcionamento do “não curtir”, a partir de determinadas postagens. No entanto, poderia se relacionar “a postagem” ao comando “curtir”, pois a ligação entre ambos é interagente e dependente – afinal, não existe sujeito sem sentido, muito menos sentido sem discurso.

Além de “curtir/não curtir” a postagem, os demais usuários que interagem na postagem, fazem refletir as condolências ao “usuário W”, reforçando o sentido presente na formação discursiva mencionada há pouco.

Assim, não são os sujeitos físicos nem os lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso (ORLANDI, 2015a, p. 38).

Em suma, o discurso, bem como a língua é um sistema aberto, onde os sentidos não estão em seu interior já prontos, mas sim, circulam na mesma intensidade da ideologia. Por isso, não se pode reduzir a produção de sentidos como o funcionamento da língua mais o contexto, mas, processos sócio-históricos que circulam nos discursos, inclusive compreendendo de uma forma constitutiva a produção de sentidos, não sendo reduzidos como uma correlação entre sujeitos e sentidos (ORLANDI, 2015a).

### **3.4 “Reagindo” a partir das Condições de Produção**

Considerando a linguagem dinâmica, e o discurso sempre em curso, é importante ressaltar que durante a escrita desta pesquisa onde as análises do ícone “Curtir” já estavam sendo elaboradas, um novo ícone é colocado em funcionamento, ou ao menos disponibilizado pela rede social *Facebook* para utilização, o “Reagir”. Contudo, nas análises a seguir, a tentativa de controle (abarcamento) dos sentidos é colocada em funcionamento pela rede social *Facebook* (mesmo que ilusoriamente); porém, desmantelada pelo próprio funcionamento discursivo.

O comando que acaba de ser mencionado, “Reagir”, “coloca-nos” frente a uma nova perspectiva discursiva em relação ao “curtir”, pois sendo uma nova formulação, o ícone é representado por várias imagens já utilizadas no meio digital – os “*emoticons*”, que do inglês “*emotions*”, significa emoção; palavra que mobilizará uma série de paráfrases que mostram o movimento dos sentidos, o que de fato interessa aos analistas de discurso.

De um ponto de vista ingênuo, eu diria que esse dilema nasce do fato de que, tratando-se do discurso, não podemos excluir as determinações concretas que o caracterizam e, ao mesmo tempo, não podemos nos perder nessa concretude (empirismo?), ficando ao sabor dos fatos, de tal forma que cada discurso seja um discurso sem ter nada a ver com os outros. Essa atomização negaria qualquer possibilidade de sistematicidade do objeto e, conseqüentemente, a própria possibilidade da análise (ORLANDI, 2011, p. 217).

Podemos considerar que a utilização de figuras/ícones promove a ilusão de se estar no controle dos sentidos. No entanto, a partir da Análise de Discurso, é possível perceber a não contenção dos sentidos, muito menos seu controle, já que a linguagem está em uma relação não-linear com o sujeito, pensamento e mundo. Ao mesmo tempo que o sujeito percebe o mundo, ele faz parte dele; ou melhor, ele é agente integrante e construtor simultâneo deste mundo, a partir dos processos de linguagem.

A exterioridade é um dos elementos essenciais dos estudos da Análise de Discurso Francesa, que não se fecha na literalidade das palavras, mas nos processos de significação engendrados pela linguagem, por ora opaca e não linear, segue em derivas, possibilidades que não estão no controle do homem, mesmo estando imerso neste universo em todos os momentos.

O texto em si não assume a responsabilidade de que o leitor possa perceber toda a alteridade que o constitui. A partir de suas histórias de leitura, cada sujeito-leitor passa a estabelecer relações diversas, pois é capaz de mobilizar uma interdiscursividade diferente daquela do sujeito-autor, integrando suas condições de produção de leitura. Assim, “a cada novo sujeito-leitor, novas relações podem ser estabelecidas, novas leituras podem ser produzidas, novos efeitos de memória podem ser mobilizados, novas interpretações podem ser projetadas” (INDURSKY, 2001, p. 39).

O trabalho discursivo de evidenciação e compreensão de sentidos, se instaura com a produção de leitura que passa a constituir em sujeito-leitor. Em outras palavras, se discursivamente praticada, a leitura é capaz de instaurar um embate entre interpretações, um embate entre o sujeito-leitor, o sujeito-autor e todas as outras vozes anônimas provenientes do interdiscurso, pelo viés do efeito-texto (INDURSKY, 2001).

Nas análises que estão por vir, evidenciar os processos e caminhos dos sentidos e seus efeitos é a principal tarefa do analista de discurso, que a partir de seu

material de análise, lança mão de dispositivos teóricos e analíticos a fim de instigar o leitor a perceber os processos discursivos e suas condições de produção.

### **3.4.1 Linguagem não verbal produzindo derivas**

Pode-se considerar que ao “reagir”, o sujeito responderia a um estímulo, de forma consciente ou inconsciente, assim produzindo sentidos e, até mesmo, diferentes posições-sujeito, a partir das condições de produção. A situação, o sujeito e a memória do dizer produzem juntos as condições de produção do discurso; ou seja, produzem as circunstâncias em que o discurso é produzido, trabalhando assim o eixo da enunciação, as vertentes imediatas nas quais o discurso é produzido.

A produção discursiva da leitura não pode se limitar à desconstrução do efeito-texto que foi produzido pela função-autor. Para que esta função se cumpra, faz-se necessário a imposição do texto de forma recomposta. É no preenchimento das “brechas” produzidas pela prática discursiva que o sujeito-leitor vai reconstruindo o texto, dando-lhe uma nova estrutura que passa a ser heterogênea ao passo que provisória.

Pensar no discurso como produção de sentidos, considerando o contexto sócio-histórico-ideológico que o constitui, é de extrema relevância para esta teoria que se fundamenta na palavra em movimento (ORLANDI, 2015a). Por meio do Materialismo Histórico, entende-se a relação entre sujeito e ideologia, na figura da interpelação, processo por meio do qual se constituem sentido e sujeito.

Pode-se dizer que não existe uma ideologia, mas como já mencionado, ela interpela o indivíduo em sujeito a partir de distintas formações discursivas ou, até mesmo, de diferentes posições ideológicas que podem variar, inclusive, de acordo com as condições de produção. O sujeito quando ocupa uma posição – mesmo não ocupando por escolha – se constitui a partir e com os sentidos, por isso, a identidade do sujeito não é fixa, da mesma forma que os sentidos e os sujeitos não são inertes, eles circulam em relação ao movimento do discurso.

Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições. E isto se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente, mas o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias. Daí que, na análise, podemos encontrar, por exemplo, o operário falando do lugar do patrão (ORLANDI, 2015a, p. 38).

Sendo imaginárias, as posições-sujeito são colocadas em funcionamento, não somente a partir de posições sociais, mas também a partir das imagens que circulam na sociedade a partir destas mesmas posições ocupadas pelos sujeitos e seus discursos.

Quando o indivíduo tem a possibilidade de “reagir” frente a uma publicação, percebe-se a possibilidade do mesmo ocupar diversas posições sujeito, a partir das quais ele é instado a dizer a partir de vários lugares na relação ao sujeito *versus* ideologia, ocupando as mais variadas possíveis posições-sujeito. Todavia, as possibilidades de reações do sujeito empírico, não estancas em apenas seis maneiras (como formula o *Facebook*), são prova da infinitude da linguagem, pois através e a partir dela, o sujeito se materializa ou busca explicitar seu pensamento, mesmo sendo através de um clique, de um comando.

No recorte 6, mostrado na Figura 11, é materializado em um novo comando do aplicativo *Facebook* – “Reagir”. Tal comando encontra-se associado ao tradicional comando “curtir”, como se fosse o detalhamento do mesmo, tal qual, aqui, já se analisou.



Figura 11 – Recorte 06: “Emoticons” que buscam representar o “reagir”  
Fonte: Página do *Facebook* (2016)

Este recorte mostra uma nova ferramenta do *Facebook*, colocada em circulação no ano de 2016, tempos depois dos usuários deste aplicativo terem a possibilidade de acionar o ícone “curtir”, assim podendo representar (mesmo que ilusório) possíveis sensações.

Por meio das práticas discursivas o “sujeito usuário”, ou seja, aquele que interage nessa rede social – *Facebook* – necessita inscrever-se pela ordem da memória para que consiga atrelar o texto à teia discursiva do interdiscurso, passando

assim a percebê-lo em sua existência histórica. A partir de tal percepção ele já é capaz de significar o texto continuamente e, por meio de tal ato, passa a se esquecer dessa memória e começa a (re) significar o texto e, por consequência, passa a produzir novas laçadas com a teia do interdiscurso (INDURSKY, 2001).

Associado ao comando “curtir”, o comando “reagir” (como é nomeado pelo próprio *Facebook*), funciona como uma espécie de “extensão” do “curtir”, associando-se a outros ditos (inter)relacionados ao enunciado – interdiscurso. Quando se posiciona o mouse sobre o dispositivo “curtir” em alguma publicação, aparece em fileira horizontal as imagens dos *emoticons*. Portanto, é importante salientar que não existe um ícone/comando próprio para o “reagir” – ele encontra-se dentro do “curtir”, de forma a compartilhar de alguma maneira um sítio discursivo.

O que interessa neste trabalho não é descobrir a funcionalidade desse ícone, muito menos cercá-lo de sentidos colados a ele mesmo; em suma, a proposta da Análise de Discurso, corrente teórica para tal, é propor através de dispositivos teóricos e analíticos, a análise discursiva de tais recortes, percebendo sua relação com o mundo e com os outros discursos, que por sua vez é caracterizada pela equivocidade e pela opacidade.

Logo acima das imagens (*emoticons*), o enunciado “adicionar uma descrição” permite que o usuário da rede, busque descrever o que está “sentindo”, “achando”, “percebendo”, a partir das possibilidades de escolher, qual *emoticon* representa melhor sua “reação” em relação a tal postagem. Observa-se a possibilidade de uma nova forma de “interação”, uma nova maneira de “curtir”, como se a ferramenta proporcionasse então a possibilidade de uma maior “precisão”, ao escolher o “tipo de reação” mais adequada tanto à postagem, quanto à “intenção” daquele que reage.

Ao descrever algo, o sujeito busca tomar o sentido como único, ou seja, através da descrição é engendrada uma espécie de “garantia” de que aquilo que se diz é transparente em relação à “intenção” de quem disse. Porém, através do estudo em Análise de Discurso, chega-se à fundamentação teórica de que a linguagem é atravessada por diferentes elementos, assim a tornando não transparente e repleta de equívocos.

Percebe-se então, na utilização de ícones, imagens, figuras (os *emoticons*) uma tensão entre o verbal e não-verbal, daquilo que diz como imagem e do que diz enquanto palavras. Por trabalharem com diferentes materialidades, os discursos

propõem a circulação de diversos sentidos a partir dos deslizamentos e deslocamentos.

O sentido tem uma matéria própria, ou melhor, ele precisa de uma matéria específica para significar. Ele não significa de qualquer maneira. Entre as determinações – as condições de produção de qualquer discurso – está a própria materialidade simbólica: o signo verbal, o traço, a sonoridade, a imagem etc. a sua consistência significativa. Não são transparentes em sua matéria, não são redutíveis ao verbal, embora sejam intercambiáveis, sob certas condições (ORLANDI, 1995, p. 39).

A discursividade presente nas materialidades significantes das redes sociais, principalmente no *Facebook*, faz com que o analista de discurso perceba o funcionamento dos processos discursivos, que por sua vez oportuniza a evidenciação tanto dos processos, quanto dos possíveis efeitos de sentido produzidos a partir dos gestos de interpretação.

O poder midiático, principalmente o que funciona pelo discurso capitalista, utiliza de imagens, figuras, cores; buscando a significação, ou até uma (re)significação de elementos que circulam nos meios de comunicação, independentemente de sua materialidade. Todavia, mesmo imerso em sentidos dominantes, as imagens circulam de forma equívoca, não delimitando de forma absoluta sentidos ou significações; porém, trazem consigo memórias do dizer, que em nosso campo teórico, é chamado de memória discursiva.

Por conta da circulação em determinado espaço, as imagens ou figuras podem ser associadas à memória do dizer; ou seja, produz-se a impressão de que o sentido está colado, afetando assim a interpretação. Contudo, percebe-se que a partir da Análise de Discurso, a deriva nos sentidos continua a ocorrer, pois nunca um dizer (seja ele através de imagem, ou qualquer outra materialidade) significará o mesmo para todos – daí a (co)existência do sujeito e do sentido.

Segundo Orlandi (2011), mesmo sabendo que os sentidos não são estanques, na relação entre sujeito, interpretação e significação. Pensar em sentidos dominantes é trabalhar de uma outra forma à literalidade que, também como memória do dizer, produz incompletudes no jogo dos sentidos. Os fenômenos linguísticos colocam a própria linguagem na dinamicidade do simbólico, quebrando, assim, o paradigma da literalidade, do sentido estar colado nas palavras.



### 3.4.2 A (co)relação incompleta entre o jogo de imagens, palavras e sentidos

Esta pesquisa busca analisar discursivamente o jogo dos sentidos que circulam nas redes sociais, de forma especial a partir de algumas ferramentas de comando do *Facebook* que, na maioria das vezes são representadas através de ícones, imagens que funcionam produzindo efeitos de obviedade; ilusão que cerca os sujeitos de discurso (INDURSKY, 2001).

Segundo Indursky (2001), o texto se distancia e ao mesmo tempo se aproxima do discurso, é que a leitura se torna uma prática social, ao passo que se faz plenamente historicizada. Assim, o sujeito-leitor surge desse ciclo como sujeito-autor, na medida em que começa a organizar as diversas vozes “anônimas” de interdiscursividade, que começam a atravessar e a sustentar sua prática de leitura; começa-se, então, a ser responsabilizado pelo novo efeito-texto, que se faz (re) significado a partir da produção desta leitura, tão heterogêneo e provisório quanto aquele que lhe deu origem.

No recorte 7, mostrado pela Figura 12, se encontra acima dos “*emoticons*” que representam o “reagir”, de forma a explicar qual “ação” poderá ser executada, a partir da possibilidade de escolher um ícone para representar, equivaler-se ao pensamento do usuário.



Adicionar uma descrição

Figura 12 – Recorte 07: Descrição da ferramenta “reagir”  
Fonte: Página do *Facebook* (2016)

A própria ferramenta em circulação pelo aplicativo *Facebook* “coloca-nos” em uma situação de uma suposta decisão, escolha cercada por possibilidades (pré) formuladas, como se o sujeito “fosse obrigado” a eleger um ícone para representar sua reação perante a postagem. Ao enunciar acima dos ícones (*emoticons*) os dizeres “adicionar uma descrição”<sup>1</sup>, o *Facebook* propõe a ideia de que é necessário designar

<sup>1</sup> “Adicionar uma descrição” – Este enunciado está disponível somente para a versão do *Facebook* para computadores.

um dos comandos para representar aquilo que se sente; como se todo o leque de emoções singulares do homem estivesse representado por meio dos ícones propostos.

O ato de descrever o que se sente ou o que se pensa coloca em funcionamento a falsa impressão que há correspondência entre sujeitos, mundo e pensamento. O que interessa então à Análise de Discurso não é a organização dos dizeres, mas a ordem simbólica que os compõe; ou seja, interessa os fatores sócio-históricos que funcionam nos processos de linguagem.

Assim procedendo, Pêcheux abre um espaço entre o formalismo e o sociologismo, duas reduções, a meu ver, que incidem sobre a língua, sobre a sociedade, e conseqüentemente, sobre o sujeito e o sentido. Ultrapassando desse modo a organização (regra e sistematicidade), podemos chegar à ordem (funcionamento, falha) da língua e da história (equivoco, interpretação), ao mesmo tempo em que não pensamos a unidade em relação a variedade (organização) mas como referida à posição do sujeito (descentramento) (ORLANDI, 2007b, p. 47).

Logo, compreende-se a “insuficiência” da língua em relação à linguagem, pois a delimitação do dizer acaba por ser percebida como ineficaz na e para a constituição dos sentidos. O jogo dos sentidos, bem como o funcionamento da linguagem é extremamente amplo, portanto, é impossível representar as palavras, em uma relação direta a seus sentidos, pois dependerá das condições de produção para que o mesmo dizer faça sentido em determinado espaço.

O recorte 8, mostrado pela Figura 13, destaca os ícones que o *Facebook* oferece como reações e que representariam em um universo exaustivo proposto pela ferramenta todas as possibilidades de reações – intenção que é contrariada por esta análise que busca evidenciar a insuficiência do dizer na relação entre o “dito” e as suas “interpretações”.

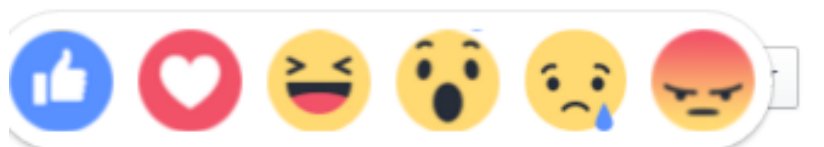


Figura 13 – Recorte 08: Ícones, derivados do “Curtir”– “Reagir”  
Fonte: Página do *Facebook* (2016)

Tal série de *emoticons* encontra-se abaixo das postagens do *Facebook*, e é revelada assim que o usuário passa o cursor sobre o comando “Curtir”. Verifica-se que estas figuras aparecem somente enquanto o cursor está direcionado sobre o ícone “Curtir”, desaparecendo todas as vezes que o cursor é afastado deste ícone. A partir deste fato, verifica-se que o ícone principal/oficial continua sendo o comando “Curtir”, pois, além de ser mais utilizado pelos usuários (mesmo tendo a oportunidade de “Reagir”), funciona discursivamente como uma forma heterogênea de representar a relação do usuário e a postagem.

O primeiro ícone desta série de ícones, nomeados pela rede social *Facebook* como “Reagir” é composto pelo próprio “curtir”, simbolizado por uma mão com o polegar levantado, remetendo à memória de “positivo”. Logo em seguida, um coração branco dentro de um círculo rosa é acompanhado pelo enunciado “amei”. De todos os ícones representados pelo “reagir”, o terceiro é materializado por um *emoticon* sorrindo, normalmente utilizado em aplicativos de mensagens *online* e bate-papos de redes sociais – este utiliza da onomatopeia “*haha*” como nomeação.

A expressão “uau” acompanha o *emoticon* figurado pela relação com a surpresa, na qual um rosto “boquiaberto” atenua uma expressão facial bem delineada. O próximo ícone exibe um *emoticon* com traços de “cabisbaixo”/“abatido”, inclusive com uma lágrima saindo do seu olho direito – este vem acompanhado pelo enunciado “triste”. A última representação icônica dessa série de *emoticons*, é explicitada por um rosto “bravo”, com as sobrancelhas abaixadas, mostrando também o rosto avermelhado, como se estivesse “esquentado” por uma “insatisfação”. Ao passar o cursor do mouse nesta figura, uma outra onomatopeia é apresentada: “*grr*”.

Uma vez que o processo discursivo conta com o funcionamento de elementos textuais e não textuais para a produção de sentidos, percebe-se então a incompletude da linguagem deixa de ser velada no caso desse funcionamento específico na medida em que pela apresentação de diferentes materialidades significantes (imagens e palavras) deixa entrever a insuficiência de cada uma delas. É porque não basta a apresentação do *emoticon*, sujeito à múltiplas interpretações, que é necessário apresentar uma palavra associada a ele. Isso desfaz a completude de sentido.

Além disso, a partir dos estudos morfológicos da Língua Portuguesa, as palavras podem ser classificadas em diferentes classes gramaticais que, por sua vez, podem ser utilizadas pela perspectiva da Análise de Discurso, como evidenciação da

superficialidade linguística do enunciado. É fundamental para a eficiência da Análise de Discurso que, a superficialidade linguística das palavras seja utilizada como “ponte” entre a textualidade e a discursividade, tomando assim, o objeto discursivo não pela perspectiva gramatical ou pragmática, mas pela vertente discursiva – ou seja, pela evidenciação dos processos de significação, que pode ser chamado também de superficialização (ORLANDI, 2015a).

Dessa maneira, o texto não é definido pela sua extensão: ele pode ter desde uma só letra até muitas frases, enunciados, páginas etc. Uma letra “O”, escrita em uma porta, ao lado de outra com a letra “A”, indicando-nos os banheiros masculino e feminino, é um texto pois é uma unidade de sentido naquela situação (ORLANDI, 2015a, p. 67).

Dessa maneira, compreende-se que as palavras mobilizadas na série de enunciados relacionados ao “reagir”, ao pertencer a específicas classes gramaticais e não outras, colocam em funcionamento sentidos e sujeitos distintos, que se inscrevem no discurso como a própria produção deste discurso, assim considerando a não relação direta entre mundo, pensamento e sentido. Considera-se então, as palavras não apenas como um dado linguístico, mas como elas funcionam nos processos discursivos, trazendo como essência a memória do dizer e outros elementos submetidos a esse campo teórico.

Diferentes classes gramaticais foram utilizadas para representar as palavras que se associam aos ícones do comando “reagir”. Em vista disso, percebe-se que o *Facebook* se esforça para “controlar”/“prever” e especialmente “prescrever” as “reações” de seus usuários em relação às postagens, limitando-as em apenas seis possibilidades (supostamente inequívocas) de escolhas, ou reações.

Ao enunciar as palavras, associadas aos ícones de imagens, o *Facebook* silencia outras possíveis, que funcionariam como (co) relações entre reações e efeitos de sentido. Desta forma, será analisado na sequência, os enunciados organizados no recorte 9, mostrado pela Figura 14 e também legendado, que acompanham os *emoticons*, bem como sua superficialidade linguística.

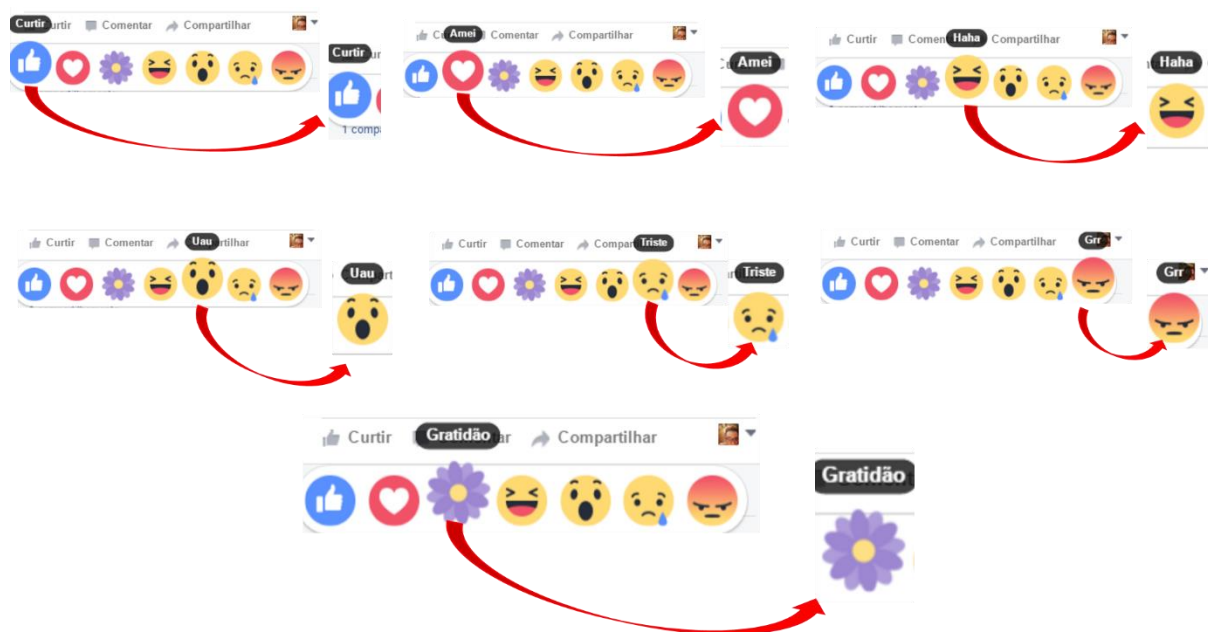


Figura 14 – Recorte 09: Ícones, palavras e classes gramaticais  
 Fonte: Página do *Facebook* (2016)

Classes de palavras:

1. “Curtir” – Verbo regular em ação;
2. “Amei” – Verbo regular no indicativo/pretérito perfeito;
3. “*Haha*” – Figura de linguagem/onomatopeia;
4. “*Uau*” – Interjeição;
5. “Triste” – Adjetivo primitivo;
6. “*Grr*” – Figura de linguagem/onomatopeia em inglês.

A utilização de diversas classes de palavras, que desfaz, por um lado, a homogeneidade da nomeação, faz funcionar um efeito de “exatidão” do comando, às custas da variação de classes gramaticais. De certa maneira, seria como se o usuário suposto pela ferramenta, ao eleger um destes comandos, excluísse todas as outras possibilidades de “reação”, já que somente uma pode ser escolhida.

Ao possibilitar a escolha de diferentes classes gramaticais, porém os restritos enunciados e ícones, a ferramenta busca “amenizar” a equivocidade do comando principal “curtir” – ação que é ilusória de controle, quando se trata da dispersão da linguagem e dos discursos.

Por não existir uma relação direta entre mundo, pensamento e linguagem; tampouco uma coincidência transparente entre “sentimento” e “sentido”, verifica-se

então, que os sentidos sempre estão em fuga, jamais estão colados nos enunciados (ORLANDI, 2012).

Observa-se ainda na Figura 14, além dos seis ícones que buscavam representar de forma clara as possibilidades de reação, um novo ícone que foi colocado em funcionamento no dia das mães de 2016, em tal rede social, materializado por um desenho de flor na cor lilás, acompanhada pela palavra “gratidão”.

Após a data comemorativa do dia das mães, o ícone denominado de “gratidão” desapareceu do rol de reações possíveis, evidenciando assim a “incompletude” da linguagem no caso específico das reações do *Facebook*, pois se a mesma fosse transparente, não seria necessário criar um ícone temporário para representar a gratidão; ela poderia ser manifestada através de outros ícones, por exemplo, a figura que representa o “curtir”:

1. “Curtir” - Verbo regular em ação;
2. “Amei” - Verbo regular no indicativo/pretérito perfeito;
3. “Haha” - Figura de linguagem/onomatopeia;
4. “Uau” – Interjeição;
5. “Triste” - Adjetivo primitivo;
6. “Grr” - Figura de linguagem/onomatopeia em inglês;
7. “Gratidão” – Substantivo abstrato.

Em condições de produção específicas, como no caso referido, em que a comemoração do dia das mães faz circular um novo ícone no *Facebook*, demonstra o quão importante a constituição colabora e possui representatividade para a formulação. Percebe-se, também, o funcionamento da memória discursiva no ícone “gratidão”, pois, ideologicamente, somos afetados pela memória do “cuidado materno”, possibilitando que tal ícone faça constituir-se uma “posição-sujeito filho” para aquele que o utiliza, nessas condições de produção – Dia das Mães.

### 3.4.3 O espaço digital produzindo condições específicas

“No chamado *cyberspaço* circulam mensagens que buscam convencer a você, a mim e a todos nós, de que somos seres com potenciais para transformar a era da informação” (PEREZ, 2015, p. 135). As, até então, pessoas comuns passam a adentrar no “mundo das artes, no “mundo do comércio”, transitando da categoria de amadores para protagonistas de suas histórias. Neste espaço, o cotidiano de pessoas comuns passa pelo crivo das lentes de aumento e ganham consentimentos e excitações emergentes.

Surge, deste modo, uma nova forma de comunicação mediada pelo computador, da qual o *Facebook* é um evidente exemplo, apresentando-se como modelo “confessional” – como uma espécie de diário de bordo dos navegantes. A intimidade, passa agora, a ser exposta por meio de vitrines globais, em um sistema de rede.

Sibilia (2008), por meio da metáfora relaciona aqueles que fazem uso da mídia e das redes sociais como “autores” de seus perfis, alegando que cada um em sua essência se camufla em uma ilusão criada por eles mesmos. Assim, segundo a mesma autora, os autores reais desapareceram, pois não se moldam nos limites da modernidade. Passaram a ser pressionados pela condição da exposição e de se tornarem “estrelas” em evidência.

A obra não é considerada mais o foco, pois o “autor” que se modernizou tomou o lugar de sua própria obra. Os novos autores, aqueles que mais se evidenciam, conquistam mais espaços quando os seus pertences, seus objetos se escancaram junto a suas intimidades. Os novos autores, se expõem à especulação e ao exibicionismo exacerbado pela simples vaidade, e não pela sua obra considerada como rica e dotada de valores.

Os diversos discursos midiáticos contemporâneos divulgam a todos os ventos que qualquer um pode ser famoso. Proliferam-se celebridades que nascem e morrem em tempos instantâneos. A estetização é constantemente exigida no mundo dos famosos. Imagens são construídas, polidas, para atender adequadamente ao que se espera de cada personalidade, ou seja, o brilho na tela (PEREZ, 2015, p. 137).

Hoje, “viver bem”, “sentir-se bem” são os slogans mais propagados e divulgados. Dessa maneira, o suicídio e o sofrimento que fizeram parte das vidas de

muitas das personalidades renascidas, parecem fazer cada vez menos sentido. Os conflitos e as angústias são tidos como disfunções que podem ser corrigidas tecnicamente. Todo o sofrimento – ou toda a dificuldade – pode ser “maquiado”, deixando transparecer um bem-estar.

Considera-se então nestas condições de produção, produzidas a partir da materialidade digital, especificidades de estar/manter-se “conectado”/ “*online*”, assim mesmo utilizando a internet como meio de produção de discurso, diferentes materialidades podem ser compreendidas nesse espaço digital; por exemplo a utilização do *Facebook* pelo aplicativo – em computadores de mesa e notebooks; ou por aplicativos, para aqueles que preferem utilizar smartphones.

Conviver com a obsolescência é natural na era em que se vive, principalmente pela grande velocidade que tecnologias digitais são desenvolvidas. A cada instante, novos produtos digitais, aplicativos são criados a fim de “preencher” lacunas individuais ou até mesmo sociais; ou seja, o sujeito busca a socialização digital como uma espécie contorno a questões íntimas.

Diante da reiteração da promessa de superação da insuficiência que um “novo” artifício tecnológico engendra, podemos pensá-la não como algo constitutivo, mas sim como uma falha que a próxima mercadoria será capaz de corrigir. Isso permite que o movimento constante de reenvio do sujeito ao próximo objeto se renove, renovando-se assim as promessas de completude e suficiência promovidas pelo mercado de consumo no seu bem-sucedido casamento com a tecnologia (CHIARETTI, 2016, p. 1).

O discurso capitalista funciona no espaço digital com grande força, onde a velocidade e o excesso de meios/ferramentas/aparatos tecnológicos são disponibilizados à sociedade, como influência e/ou justificativa para estar conectado e *online*. “A pós-modernidade se caracteriza pela aceleração do tempo e diminuição dos espaços” (CHIARETTI, 2016, p.1), onde a rede social se insere como explanação. Com apenas um clique, faz-se possível relacionar com pessoas do outro lado do mundo em milésimos de segundos.



#### 4 SENTIDOS DE PRIVACIDADE NO *FACEBOOK*

Os sentidos de público e os sentidos de privado vêm sofrendo derivas no decorrer da história da humanidade, em especial a partir de diferentes ferramentas colocadas pela evolução tecnológica, localizadas no início do século XXI, era em que a memória metálica (ORLANDI, 2015b) se firma constituindo diferentes sujeitos de discurso.

Para Orlandi (2006), a memória metálica é aquela produzida por aspectos técnicos, como computadores, televisores, etc. Por ter a particularidade de ser horizontal, não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai-se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma. Quantidade e não historicidade.

Pode-se dizer que, na era contemporânea, o sentido de público filia-se ao capitalismo, à capacidade do indivíduo concretizar seus desejos, buscando a promoção individual, de maneira a ser socialmente aceito.

Toda vez que falamos coisas que só podem ser experimentadas na privacidade ou na intimidade, trazemo-las para uma esfera na qual assumirão uma espécie de realidade que, a despeito de sua intensidade, elas jamais poderiam ter tido antes (ARENDDT, 2007. p. 60).

De acordo com Sibilia (2008), nos dias de hoje, a modernidade é marcada pela excentricidade que, de certa forma, pode ser caracterizada por muitos estudiosos como uma doença mental ou desvio patológico daquilo que se valorizava como, até então, a “normalidade” do que seria a exibição digital da intimidade no começo do século.

Busca-se, ainda, compreender o funcionamento atual e dinâmico do sentido público de privado, podendo o sujeito ora viver em aspectos públicos, ora em dimensões privadas, evidenciando deslizamentos destes mesmos sentidos.

Pode-se relacionar a construção do indivíduo, tal como hoje é conhecido, aos acontecimentos da Revolução Francesa – como por exemplo, o uso dos prenomes herdados de forma maciça, baseados na hierarquia imposta e influenciada pela Igreja Católica e pelas classes dominantes de tal época (CORBIN, 1990).

No lugar da utilização dos prenomes, os apelidos começavam a circular no meio artístico, boêmio e pelos grupos menos favorecidos, considerados sinônimos de comportamentos e ações arcaicas. Este acontecimento inaugura uma nova fase na identificação do sujeito, na qual põe em funcionamento a informalidade na abordagem dos nomes – característica latente nos dias atuais –, desta forma, trazendo características potencializadas, colocando em funcionamento sentidos rotulados ao mesmo.

O crescimento da alfabetização e a preocupação com os homônimos desencadearam inscrições do prenome e o sobrenome em objetos característicos da época – como capas de cadernos, monogramas bordados em enxovais, copos e pratos, dentre outros –, reforçando a noção de indivíduo portador de uma identidade específica, e que também refletia com a vasta distribuição de cartões postais individualizados, massificados pela maior circulação dos correios, que levavam estes documentos que sempre eram representados por símbolos ou brasões das famílias. Logo, os animais de estimação também passaram a ser individualizados a partir da criação de seus nomes.

O desejo de individualizar não é, verdade seja dita, o único elemento que explica o processo de diversificação em curso. O risco do homônimo e, portanto, da confusão, incrementado pela urbanização e da escolarização estabelecem um novo vínculo entre o indivíduo, seu prenome e seu sobrenome (CORBIN, 1990, p. 420).

Além disso, o espelho possui um papel importante no processo de individualização do sujeito, pelo que concerne à contemplação da própria imagem, que se inicia no século XIX apenas pelos barbeiros, que possuíam o verdadeiro espelho, reservado inicialmente somente para os homens; porém, nesta mesma época, os pequenos espelhos eram comercializados pelos mascates – momento em que as mulheres se familiarizavam com os pequenos objetos refletivos, onde somente o rosto poderia ser visualizado.

Algumas resistências sobre o tal começaram a ser inseridos nesta época, suscitando superstições e mitos sobre o objeto. Ao passar do tempo, a auto identificação, feita através do espelho, inaugura uma nova forma de materialização da identidade, que oportuniza o indivíduo a se enxergar de uma maneira real; mas ao mesmo tempo, criando fantasias ou imaginações sobre o mesmo. De certo modo, o

espelho destaca a imagem de si para aquele que observa, promovendo uma espécie de síntese identitária.

Outro instrumento que se pode mencionar, enquanto objeto da politização do indivíduo, era o retrato, que afirmava entre a burguesia a imagem da imposição do poder, do tradicionalismo inaugurado de geração em geração, assim reproduzindo a imagem de si para a sociedade aristocrata. No fim do Antigo Regime, o retrato passa a se tornar íntimo, transcendendo da imagem imponente e grandiosa, para miniaturas, pingentes, medalhões e coberturas de caixinhas de pó facial. A preocupação com a encenação, principalmente com o gestual, passou a tomar conta dos fotógrafos em ocasião, em que a preocupação em demonstrar as boas maneiras ensinadas nas escolas, fazia-se presente nos álbuns.

A construção da imagem do sujeito através da fotografia funciona, na atualidade, de maneira parecida em relação ao passado, como por exemplo as redes sociais. Nestas, mesmo em condições diferentes, a projeção do indivíduo – interpelado pela ideologia – é transformada em sujeito, que ocupa uma posição estabelecida a partir das diferentes maneiras em que são expostas ao público e, desta forma, construindo diferentes efeitos de sentido em relação ao que foi registrado.

Ainda de acordo com Corbin (1990), as imagens consideradas íntimas, mais conhecidas como o “nú 1900”, propunham uma nova maneira de desejo, rompendo assim as barreiras intimistas e passando de forma amadora a compor o cenário urbano. Nos cemitérios também a intenção de perpetuação e fixação da individualidade foram percebidas nos jazigos que traziam fotografias e epitáfios personalizados. Dentre outras formas de distinção, era justamente a tentativa da meritocracia representada por homenagens e certificados em placas ou medalhas de honra ao mérito – objetos que compunham a decoração dos que buscavam inspiração em heróis.

É importante ressaltar também que, nesse contexto, a contribuição da polícia francesa se tornou essencial para o processo de individualização, no início através do reconhecimento dos cidadãos por características próprias – retrato falado, por exemplo – e depois, por um banco de retratos arquivados, que mesmo em desordem, inaugura uma modalidade de identificação e organização na segurança pública. Mais tarde, outras técnicas vieram enquanto aprimoramento das anteriores, principalmente pela descoberta chinesa das impressões digitais, que por ora eliminaria a identificação

somente por características físicas, mas com a ajuda do documento que mais tarde se chamaria de carteira de identidade. De acordo com Corbin (1990, p. 432), “a nova ameaça que tais procedimentos fazem pesar sobre o segredo da vida privada começa a inquietar”.

Ao mesmo tempo em que a apreensão e desassossego assombravam a violação do “eu” – que agora poderia ser lido por conhecimentos dedicados especificamente a ele – a inquietação em desvendar a personalidade do outro passa a ser considerada como novo desafio.

Através dos sucessivos registros em que o indivíduo reina como protagonista, os comportamentos eram regidos pelo pudor e pela vergonha, principalmente no que diz respeito à visão do corpo como instrumento de erotização e desejo. O principal objetivo era desfocar a visão do corpo, tornando-o imperceptível em meio à contextualização da sedução e do mistério, bem como a intencionalidade de proibição da manifestação dos instintos fisiológicos, aos quais expunham o corpo de forma vexatória. Porém, as práticas de prazer individual proliferavam em meio a tantas censuras pessoais, objetivando exaltar o conhecimento de si, e a individualização dos processos convencionais.

Além da constante busca do autoconhecimento, os indivíduos, sedentos por desvendar mistérios da vida, passam a enxergar grande importância no decifrar-se a partir de momentos de recuo ao mundo interior, uma prática comum em meio a este tempo de conservadorismo e moderação expressiva. O exercício da introspecção é proposto pela Igreja Católica, com a intenção de levar os fiéis a compreenderem uma nova modalidade de disciplina mental e, desta forma possibilitando uma nova forma de exploração de si – o exame de consciência. De acordo com Corbin (1990, p. 458), “não menos essencial é a laicização dos procedimentos de interpretação do indivíduo, elaborados à sobra dos confessionários. A compatibilização da existência, a aritmética das horas e dos dias, que sobrecarregam o homem do século XIX”.

Baseados em Locke e Franklin, autores da época recomendam que o dia seja dividido em três partes de oito horas, sendo uma parte para o sono, a segunda para o trabalho e outra parte dividida entre a alimentação, exercícios físicos e o lazer. Desta forma, o registro destas atividades em diários, com a intenção de contabilizar as tarefas, tornara evidente a necessidade de documentação do cotidiano, desenvolvendo mais adiante escritos sobre a vida amorosa. Manter o diário

atualizado, além de um processo, também era considerado uma forma de disciplina interior, colocando no papel aquilo que o íntimo diz.

Por tratar-se de uma prática intimista, o fechamento destes diários era feito de maneira rigorosa, utilizando, até mesmo, trancas ou cadeados, a fim de que os segredos de si fossem assegurados a uma intimidade individual. No interior destes escritos, revelações sobre a intimidade eram contempladas de uma forma nostálgica, analítica e, até mesmo, como fonte de arrependimentos; ao mesmo tempo desperta a imaginação à prospecção do eu ideal, do imaginário.

#### **4.1 Do público ao privado, as vertentes da intimidade em transição**

Apesar desta pesquisa não traçar linhas limítrofes entre os sentidos de público e de privado, o mesmo busca compreender a dinamicidade entre as duas vertentes, baseadas em comportamentos e ações cotidianas.

A noção de público, que foi construída ao longo dos tempos, traz justamente a noção de politização de ideias, segundo a qual a abrangência máxima de ouvintes e expectadores torna-se fundamental para que algo se torne público (SENNETT, 1993). Logo, os sentidos que funcionam em relação aos limites do público, concernem justamente à preservação dos espaços intimistas, em que os sentimentos refletem a interioridade, produzindo assim um efeito de sentido íntimo e privado.

De acordo com Sibilía (2008), vivencia-se hoje uma época limítrofe; vivencia-se um corte marco histórico, uma passagem, na qual o poder passa a transitar não só no contexto sócio-político-econômico, mas também no contexto sociocultural. É a passagem do regime do disciplinamento para um novo território reordenado de sociedades de controle.

A sociedade disciplinar do século XIX e início do século XX cultivavam rígidas separações entre o âmbito público e a esfera privada. No solo da modernidade, que está se esgotando, germinou a personalidade introdirigida do *Homo psychologicus* e do *Homo privatus* (PEREZ, 2015, p. 135).

Chega-se, nos dias de hoje, ao que pode ser chamado de “publicização do privado”; ou seja, chega-se à privatização dos espaços públicos e neste impera-se o fascínio pela visibilidade e a acirrada busca da sensação de se tornar celebridade. É

neste espaço que cenários são montados e propostos para apresentação de espetáculos estridentes – o “*show do eu*” (SIBILIA, 2008).

Percebe-se então, que uma sociedade massificada não é necessariamente o volume de pessoas, mas sim as referências que a regem; ou seja, os grupos de referência que influenciam o comportamento dos demais. Baseado nesta questão considera-se constitutiva a diversidade, ao mesmo tempo em que a filosofia da igualdade seja colocada de forma latente na sociedade.

Sendo assim, a estrutura da vida em comunidade mostra nos primórdios do cristianismo, época em que os crédulos desta fé viviam a caridade como princípio e fluxo norteador das demais ações religiosas, contrapondo assim, a condição humana e biológica, frente ao âmbito espiritual e divino. Esta primeira esfera representa a capacidade humana de politizar; ou seja, a busca de tornar-se público, tanto pelas correntes de realizações pessoais, quanto como forma de aceitação na sociedade e, assim, a partir de questões pessoais, capacidade de se impor através de uma boa ação. Logo, a vertente mística se edifica inicialmente, tendo como exemplo o modelo familiar, o qual era desprovido de interesses políticos.

Segundo Arendt (2007), o termo privado tem sua etimologia pautada na privação, fato de abster-se de coisas ou situações. O sujeito quando se priva de algo, automaticamente deixa de vivenciar relações entre processos externos, fechando-se em si mesmo ou, até mesmo, deixando de realizar tarefas de sua própria vida.

Na atualidade funciona diferentes noções do que é privado, em que a intenção de fechar-se na interioridade do ser ultrapassa as barreiras da vida pública, assim propiciando o fenômeno da “*massa da solidão*”, no qual desvencilha a principal intenção que a tecnologia busca colocar – o rompimento das distâncias comunicacionais; o encurtamento dos processos que dependiam do desprendimento geográfico (ARENDR, 2007).

O sacrifício de viver como sujeito privado para a exaltação pública merece destaque nos anos cinquenta, em que o lar possuía uma conotação de intimidade e, logo, passa a dar lugar aos fenômenos de politização, em que a massa predomina em relação ao individual – desta forma, mais uma vez, privando as vontades próprias. Em uma sociedade moderna, em que os valores coletivos dizem prevalecer em relação aos valores individuais, ocorre uma inversão de papéis, ou até mesmo, equívocos recorrentes na diferenciação da esfera pública e esfera privada (SENNETT, 2014).

A pregação constante da igualdade socioeconômica, em que as necessidades coletivas deveriam prevalecer sobre as individuais – discurso socialista –, é afetada por uma nova perspectiva da individualidade, colocando em evidência a dinamicidade natural de tais correntes, postas na sociedade em um funcionamento simultâneo.

#### **4.1.1 O domínio público, quebra de barreiras paradigmáticas**

Segundo Sennett (2014), a decadência do Império Romano é comparada à era em que se vive – situação que mostra de forma clara o equilíbrio da vida pública e da vida privada, a partir do momento em que se findava a Época de Augusto, pois os romanos passaram a viver a esfera pública como obrigatoriedade formal, retratada pelas cerimônias públicas, reuniões coletivas, dentre outras manifestações.

O cristianismo, que antes era praticado a partir de um ponto individual, ou até mesmo secreto, passa a se revelar a partir de outra perspectiva – a pública, a fim de politizar a condição de interação do sujeito e a sociedade. Não diferente de tempos passados, a atualidade baseia-se em obrigações públicas formais, nas quais são inseridas através de normas e leis de conduta, que na verdade participava anteriormente da dimensão ética, e não meramente moral.

A legitimidade nos traz uma memória discursiva de autenticidade, de próprio, de exclusivo; porém, percebe-se que a sociedade atual vive uma legitimidade baseada em influências ambientais, principalmente as que concernem fatos externos, que a todo instante influencia o funcionamento de nossas intimidades. Um líder político, por exemplo, busca a todo instante, através da retórica e persuasão, nos convencer da credibilidade ou até mesmo da legitimidade de seu discurso. Todavia, sabe-se que, na verdade, a exposição de suas ideias intimistas parte de recursos que buscam deixar sua fala um tanto quanto coletiva.

A escandalosa expansão e propagação de “narrativas biográficas” virtuais toma conta das redes, imputando um “apetite” para o consumo de “vidas alheias”. A não ficção vem ganhando um grande público e os heróis cederam espaço para a protagonização da intimidade de “pessoas comuns”.

Na era burguesa, tanto a leitura quanto a escrita, convocavam um indivíduo solitário. Na atualidade, com os novos tipos de mídias eletrônicas, digitais e interativas, vivencia-se, cada vez mais, a privatização individual (SIBILIA, 2008).

A conjuntura é marcada por vozes e ruídos, pelo incentivo das atividades em grupos, pela criatividade e pela produtividade; a conjuntura é marcada pela habilidade em se fazer diversas coisas ao mesmo tempo. E nesse entremeio, o exibicionismo da intimidade cresce e novos dispositivos empurram o conteúdo interior para sua expressividade exterior, para que o que está presente na alma se mostre pela pele, para que o que está dentro do quarto ou da sala passe a ser exposto por meio de uma tela.

Hoje, vivenciamos a expansão de explicações biológicas do comportamento social, das condições físicas e da vida psíquica. Saberes que se transformam em verdades hegemônicas, questionando a primazia da interioridade psicológica na definição do que cada um é. Na cultura das sensações e do espetáculo, o mal-estar tende a se situar no campo da performance física ou mental que falha, muito mais do que numa interioridade enigmática que causa estranheza (PEREZ, 2015, p. 136).

No início do século XXI, a memória e o esquecimento passam a ser pautas constantemente debatidas, nas artes, nos discursos científicos. São consideradas como preocupantes as anomalias e os apagões do ato de lembrar. O interesse desloca-se para a busca, incessante, da descoberta de técnicas capazes de administrar a memória, visando à otimização de seus recursos.

Abordar-se-á, aqui, uma reflexão sobre os sentidos possíveis da imagem do cadeado utilizada/criada pelo site da rede social *Facebook*. A mesma se dará perante a análise de recortes que servirão de subsídios ao pensar acerca da discursividade presente nos mesmos. Na investigativa problemática entre o sentido de privacidade, bem como seu funcionamento na sociedade.

A análise em questão se pauta na Análise de Discurso Francesa, na qual sentidos funcionam a partir de gestos de interpretação. Por se tratar de uma análise discursiva de elementos que compõem uma rede social – *Facebook*, entender o funcionamento da tecnologia na conjuntura atual é fundamental para compreender as condições de produção que possibilitam a construção do discurso.

No recorte 10, a análise se constrói a partir da compreensão do ícone do cadeado sobre três listras horizontais, desta forma representando o cadeado em relação ao conteúdo que o usuário poderá postar *on line*.

No desdobramento do ícone mencionado pelo recorte 10 (a ser mostrado pela Figura 15), obtém-se o enunciado “Atalhos de privacidade”, representado pelo recorte



11 (a ser mostrado pela Figura 16), onde a relação dinâmica entre os recortes se faz presente e interagente, produzindo assim efeitos de sentido.

Chega-se ao recorte 12 (a ser mostrado pela Figura 17), no momento em que a noção do que é privacidade é deslocada pela perspectiva da rede social *Facebook* “Sua privacidade é muito importante para nós”. A noção em que o usuário está no comando da utilização da rede, bem como o controle de sua privacidade, “Você está no comando”, evidenciando o efeito de sentido da ilusão de se ter total controle de sua privacidade. Por fim, uma segunda imagem é retratada pelo cadeado com o coração – é objeto de interpretação pela perspectiva discursiva, também levando em consideração o enunciado “Preferência de privacidade”.

Em síntese, possíveis sentidos de imagens do “cadeado”, que circulam como ferramentas de comando na rede social *Facebook*, são interpretados a partir da Análise de Discurso, proporcionando ao leitor uma nova interpretação sobre o mesmo. Sendo assim, faz-se necessário aqui, ante a passagem aos recortes, o detalhamento desta metodologia.

Os sentidos se constituem a partir do funcionamento de diversos fatores linguísticos, históricos e psicanalíticos; filiações teóricas que formulam uma disciplina, que pode ser considerada de entremeio – a Análise de Discurso. Esta, por sua vez, toma o texto pensando no seu funcionamento discursivo; ou seja, pela perspectiva da produção de sentidos, podendo derivar-se por diferentes condições de produção: o funcionamento da história, do sujeito e da língua em determinado processo discursivo.

Segundo Orlandi (2015a), considerando a relação material entre linguagem e ideologia, mobiliza-se noção de ideologia como a prática de produção de evidências – estas colocadas em funcionamento de forma atemporal, distinguindo-se de específicas ideias fundadoras do homem; mas, interpelando este indivíduo em sujeito, que produz sentidos a partir da materialização da língua.

Uma vez que o discurso sempre está em constituição – por não possuir princípio, meio e fim –, pode-se dizer que uma nova maneira de o interpretar é colocada em funcionamento nesta prática teórica, observando não somente o que está dito, mas também o que não está dito; não buscando encontrar verdades sobre os mesmos, tampouco buscar mistérios implícitos, mas, evidenciar os efeitos de sentido colocados em funcionamento.

O objeto da Análise de Discurso, de fato, é o discurso que se constitui: (1) pelo eixo vertical da constituição (memória/já ditos) – o interdiscurso e; (2) pelo eixo horizontal da formulação (condições de produção/ditos) – o intradiscurso. Assim, a constituição determina a formulação, situação em que os já ditos compõe uma memória, atravessada pela historicidade e pela ideologia.

A memória, por sua vez, tem características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. (ORLANDI, 2015a, p. 29).

Interpretar é uma condição do sujeito, que passa a fazê-lo baseado em filiações a diversas formações discursivas distintas; porém o faremos a partir do dispositivo da Análise de Discurso. O objeto que constituirá o corpus de tal análise são duas imagens, e seus respectivos dizeres: “Atalhos de privacidade” e “Preferência de privacidade”, dispostos no *Facebook* – uma rede social que tem se massificado nos últimos anos no Brasil.

Com grande participação de usuários, e pela explícita interação entre os mesmos, o advento das redes sociais têm se intensificado pela facilidade ao acesso à internet, principalmente na última década. Logo, pensar em internet é mobilizar a ideia de globalização; é conscientizar-se de que as barreiras geográficas são encurtadas pelo acesso digital em diferentes localidades do mundo.

A dificuldade em conciliar o “eu público” e o “eu privado” que levou muitas estrelas do século XX a sérias angústias e até suicídios, parece que está se extinguindo hoje em dia (SIBILIA, 2008). A busca de visibilidade, de satisfação do ego, de fazer do próprio eu o espetáculo, pode ser uma tentativa desesperadora de preencher um velho desejo humano: o de afugentar os temerosos fantasmas da solidão. Deste modo, quando agrupados e quando inseridos a uma rede, as dificuldades e limitações do eu são esquecidas, mesmo que momentaneamente, cedendo espaço para o “*show do eu*” que, mesmo que irreal ou idealizado, por um momento passa a ser o que, de fato, não é – como percebido em muitos perfis no *Facebook*, nos dias de hoje.

A sede humana pela busca da complementariedade nas diferenças imputa na humanidade a curiosidade e a motivação de conhecer o outro, contudo, ao mesmo, passo promove-lhe receio pelo fato de colocar-se à prova de julgamentos. É justamente neste receio que reside a busca pela preservação de sua intimidade e que se oriunda o questionamento para a análise a saber: “Como se dá o funcionamento dos efeitos de sentido produzidos pela imagem do cadeado nos ícones do *Facebook*”? Ideologicamente, interpelados em sujeito, somos inseridos, mesmo que involuntariamente, em um contexto social, em que a ideologia é praticada independente da vontade do sujeito; ela acontece nos convoca a um funcionamento em relação com a história, a língua e a sociedade.

Considerando uma formação social, poderemos falar de uma “formação ideológica” para caracterizar um elemento suscetível de intervir, tal como uma força confrontada a outras, na conjuntura ideológica característica de uma formação social, em um dado momento, cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se referem mais ou menos diretamente a “posição de classes” em conflito uma com as outras (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011, p. 73).

A antecipação é a ilusão de que aquilo que está sendo dito – em imagens, textos, símbolos, etc. – será compreendido pelo interlocutor; porém, pode-se dizer que esta antecipação é de extrema importância para o processo discursivo, pois colocar-se no lugar do ouvinte, traz para tal mecanismo a direção do processo discursivo (ORLANDI, 2015a).

#### **4.2 Cadeado, conteúdo, imagem e o sentido de privacidade**

No momento que a empresa *Facebook* organiza seu layout, ela escolhe ícones – com a figura do cadeado na página inicial do perfil – principalmente dispendo-os na parte superior direita, conforme recorte 10, mostrado pela Figura 15, na sequência. Por meio da função que ele exerce, o cadeado passa a ser associado a uma série de sentidos que como veremos estão relacionados à privacidade.

No momento que se escolhe o lugar onde o primeiro ícone se fixará – cadeado com traços horizontais – percebe-se que o mesmo se encontra organizado como segundo ícone, da direita para a esquerda na barra de tarefas. Dentre todos os

símbolos que ali estão colocados, associando-se com determinadas formações discursivas, se constitui com uma posição-sujeito de poder.

Observa-se uma grande adesão às redes sociais, de forma evidente ao *Facebook* onde, na atualidade, a tecnologia nos convoca a “(re)pensar” os sentidos de público e privado. Afinal, o que funciona como sentido de privado sempre foi o mesmo? Ou, qual a esfera do sentido público e seu funcionamento na sociedade?



Figura 15 – Recorte 10: Página inicial do *Facebook* – Ícone do cadeado  
Fonte: Página pessoal do *Facebook* (2015)

Algumas fases podem ser registradas a partir da evolução tecnológica, que passa inicialmente da oralidade para a escrita, no quinto milênio antes de Cristo. Logo, se pode referir à segunda grande evolução a teoria de Gutenberg, em que a tipografia é evidenciada através de caracteres móveis. A terceira inovação que merece destaque é a utilização da eletricidade como fonte de energia para as mídias de massa, desencadeando o ponto evolutivo em que se vive atualmente – a ligeira disseminação da internet, que coloca o sujeito em uma relação dependente desta evolução (LEMOS; DI FELICE, 2014).

Pensar em redes sociais, principalmente pela relação do homem com a banda larga, postula-se tanto um sujeito em funcionamento com as imagens, quanto representados pelas fotografias – potencializadas pelo desenvolvimento dos celulares, que traz uma maior possibilidade de interação, pela mobilidade. Em relação à postagem, o *Facebook* de forma particular, traz uma latente dinâmica entre aquele

que posta e aquele que a visualiza – desta forma proporcionando a oportunidade destes interlocutores se movimentarem em relação às suas opiniões, independentes se estão corretas ou não.

Os ícones são formas materiais de produzir sentidos. Em nosso caso, o ícone analisado se relaciona com o controle do usuário desta rede social em relação a quem poderá visualizar tais postagens. O sentido que o mesmo (ícone), tomado aqui como discurso, produz por meio da imagem de um cadeado, se constitui através de memórias discursivas; ou seja, os já ditos relacionados a tal imagem (cadeado). Estas memórias funcionam a partir de condições sócio-históricas que relacionadas à língua, produzem a memória do dizível que pode funcionar de duas maneiras: (1) relacionadas às memórias institucionalizadas – o arquivo posto em jogo no discurso e; (2) à memória constitutiva – o dizível, o que se pode interpretar no processo discursivo; este último pode ser chamado de interdiscurso.

O interdiscurso funciona como conjunto de formulações de dizeres já concebidos, que se filiam a outros discursos, para que façam sentido. “No interdiscurso, fala uma voz sem nome” (COURTINE, 1984 apud ORLANDI, 2015a). Portanto, este processo deriva-se de inúmeros ditos que funcionam de forma simultânea; por exemplo, no caso de nosso recorte, a figura do cadeado nos traz memórias que funcionam relacionadas ao impedimento de algo, barreira de acesso, trancamento de informações íntimas, fechamento de acesso, isolamento do sujeito em si mesmo, prisão ou privação em relação ao mundo e impressão de segurança.

#### **4.2.1 O atalho em uma perspectiva de controle**

Estas formulações de sentidos são colocadas em funcionamento a partir de processos ideológicos; interpelando assim o indivíduo em sujeito (ATHUSSER, 1998 apud ORLANDI, 2015); evidenciando sua posição-sujeito, a partir da ideologia que o interpela, direcionando o discurso em formações discursivas que se organizam a partir do movimento destas formações ideológicas.

Na página do *Facebook* (recorte 11, conforme a Figura 16) ao clicar neste ícone (cadeado se mostra evidente), outra aba é aberta mostrando o enunciado: “Atalhos de privacidade” – que relaciona a utilização deste ícone com sentidos de privacidade que foram constituídas a partir da imagem do cadeado. Esta imagem se dá a partir de

formações discursivas que põem em funcionamento a questão do controle da privacidade, que circula na sociedade com sentido de “preservação da intimidade” – funcionando a partir de um processo histórico que determina o que pode e deve ser dito sobre si e sobre os outros. Tais efeitos de sentido derivam-se de questões morais, na presença de um ícone, que dispara um comando transparente a si mesmo.



Figura 16 – Recorte 11: Barra de tarefas do *Facebook* – Atalhos de privacidade  
 Fonte: Página pessoal do *Facebook* (2015)

Por se configurar como um comando, pode-se pensar que ele regula as práticas de privacidade por meio do controle que é exercido pelo usuário; que, por sua vez, pode escolher o tipo de privacidade que gostaria de configurar em seu perfil. O comando engendra justamente a possibilidade de que as ações são controladas pelo usuário que escolhe livremente, apagando assim todo o processo histórico sobre o que seria a privacidade, preservação da intimidade. Esses sentidos passam a funcionar de maneira transparente e evidente por meio de um ícone no *Facebook* que basta clicar.

As regionalizações do interdiscurso expõem o funcionamento da imagem do cadeado como uma ferramenta de controle da intimidade, desta forma dizendo ao usuário – através dos ditos e não ditos – que ele poderá eleger a melhor forma de utilização desta rede.

Fazendo a associação dos dizeres materializados no enunciado “Atalho de privacidade” percebe-se que o funcionamento de formações discursivas já se estabelece através da memória do cadeado, que ali está retratado através de sua própria imagem, em relação a traços horizontais – que representam os conteúdos que estão inscritos no interior do mesmo. Deste modo, passa a propiciar a circulação de sentidos relacionados à preservação da intimidade do usuário, mesmo se inserindo no contexto público – esta é a função das redes sociais: a massificação e a exposição, engendrando a ilusão – pelo fato de que, na verdade, não ser totalmente controlados – da possibilidade de escolha acerca dos modos que suas postagens poderão aparecer na rede. Quando a palavra atalho é utilizada, mobiliza-se o sentido de caminho, rapidez no trajeto, agilidade no percurso, produzindo assim um efeito de sentido de facilidade no acesso à rede social, uma vez que a mesma dispõe de dispositivos de fácil acesso.

Geralmente, os processos para a composição do dispositivo que comanda as ações em uma rede social, neste caso retratado pelo *Facebook*, são apagados, fazendo circular a noção do imediatismo da escolha – como se as escolhas fossem inconsequentes –, onde através de um clique as vontades serão realizadas.

Adentrar-se nesta Era Digital, cada vez mais familiar para diversas classes socioeconômicas, coloca em funcionamento a noção de *Homo Technologicus* (LEMOS; DI FELICE, 2014) e traz uma nova posição-sujeito que, interpelado pela ideologia, produzindo sujeito social – aquele que precisa interagir na sociedade, também como sujeito de técnicas; aquele que utiliza de informações para criar e disseminar conhecimentos técnicos ao mundo. Tal posição se converge com sentido de não somente ser ou utilizar tecnologia das coisas, mas sim, a entrada do ser humano, mesmo com suas particularidades no processo tecnológico.

Atentando mais ainda, e se pensamos bem, nunca existiu uma tecnologia das coisas, e sim, sempre houve o homem em qualquer avanço tecnológico. A partir deste gesto de interpretação, pode-se dizer que o enunciado “Atalhos de privacidade”, ao mesmo tempo em que promove o sentido de uma facilidade, apaga o sentido de que essa escolha é enredada por questões morais e éticas, fazendo parecer que basta um clique para fazer referência ao ícone recortado anteriormente; destacando, assim, o sentido de facilidade no manuseio do conceituado site, e ainda mais, colocando o

encurtamento do caminho entre o querer e o efetivar a ação privativa – desta forma praticando a escolha de privacidade de tal postagem.

Por conta desta hiperconexão – pelo grande volume de usuários conectados por um longo espaço de tempo (LEMOS, DI FELICE, 2014) – o sujeito busca ao mesmo tempo politizar-se e manter sua privacidade. O sujeito busca um processo dicotômico que ao mesmo tempo põe em formulação a disseminação de si e a preservação dos conteúdos intimistas – representados pelos traços sobrepostos pelo cadeado. Desta forma, percebe-se que o ícone e os enunciados mobilizam sentido de “controle” de quem poderá visualizar tais postagens, associando-o aos deslizos nos sentidos postulados no possível “Discurso de Controle”.

### **4.3 Privacidade, uma questão relevante**

A tecnologia da informação traz em funcionamento a história e a constituição do comando de seleção, que não é dada somente pelo usuário, mas sim pela memória que o antecipa; ou seja, os já ditos que estão presentes no interdiscurso, constituindo o intradiscurso através das condições de produção inscritas em determinada rede.

Outro ponto fundamental desta análise é justamente a ideia de controle que o sujeito possui sobre suas postagens, assim produzindo o sentido de que a intimidade depende exclusivamente da escolha pessoal. Contudo, percebe-se que, a partir do momento em que existe em funcionamento o intermédio da rede social, a noção de controle passa a ter um novo sentido: o sentido da interatividade da ferramenta de rede social, com a ilusão de controle do sujeito. No entanto, percebe-se que, quando o sujeito se coloca como usuário desta rede, uma nova posição-sujeito se formula, tendo este a possibilidade de aceitar, ou não, os “termos de uso” colocados pelo site.

A partir da relação entre os gerenciadores do *Facebook* e seus respectivos usuários, uma nova posição-sujeito funciona da rede: o sujeito de “proteção”, firmando uma possível parceria entre *Facebook* e usuário, que se dá a partir da barganha das informações coletadas pela rede, e a possibilidade da inscrição e circulação na mesma.

Produzindo um sentido de parceria, de acordo com o recorte 12 mostrado pela Figura 17, que segue, esta rede social digital elabora o enunciado “sua privacidade é



muito importante para nós”, explicitando a relação entre a privacidade do usuário – “sua” – e a relação de parceria – “nós”.

No enunciado, dizer que a privacidade do usuário é ‘muito importante para o Facebook’, firmaria uma relação de cumplicidade, onde reconhecer a privacidade do usuário seria tarefa fundamental para o site de relacionamento.

Parafraseando o enunciado, chega-se aos dizeres:

1. “Sua privacidade é muito importante para nós”;
2. “Temos interesse em sua privacidade”;
3. “Preocupamo-nos com sua privacidade”.

The image shows a screenshot of the Facebook login page. At the top, there is a blue header with the Facebook logo, a 'Cadastre-se' button, and input fields for 'Email ou telefone' and 'Senha', with an 'Entrar' button and a link for 'Esqueceu a conta?'. Below the header, the page title is 'Declaração de direitos e responsabilidades (PT)'. Underneath, there is a sub-section 'Declaração de direitos e responsabilidades' followed by a paragraph of text explaining the declaration. Below that, there is a section '1. Privacidade' with a paragraph of text. The sentence 'Sua privacidade é muito importante para nós. Elaboramos nossa Política de uso de dados para divulgar como você pode usar o Facebook para compartilhar com outros e como coletamos e podemos usar seu conteúdo e informações. Aconselhamos que você leia a Política de uso de dados e a use como auxílio para tomar decisões com base nas informações fornecidas.' is circled in red. Below this, the sentence 'Sua privacidade é muito importante para nós.' is also circled in red.

Figura 17 – Recorte 12: Termos de uso do Facebook  
Fonte: Página pessoal do Facebook (2015)

No método proposto pela Análise de Discurso, compreende-se a dinamicidade do mesmo e o diferente dos processos parafrásticos e polissêmicos, simultaneidade que circula em diferentes efeitos de sentido parafraseados. A partir do momento que a empresa diz “sua privacidade é muito importante para nós”, uma relação de “fidelidade” com o usuário é colocada em funcionamento, principalmente quando a mesma diz que a privacidade é muito importante, enunciado em que o “muito”, representa o “além do esperado”.

De forma diferente, esta rede social poderia utilizar o dizer “temos interesse em sua privacidade”, deixando claro ao usuário que, a partir do momento que aceita os termos de uso, uma troca de interesses é posta em funcionamento, formulando um sujeito livre, autônomo e no controle de sua privacidade.

Na mesma formação discursiva do primeiro enunciado, a paráfrase “preocupamo-nos com sua privacidade”, instaura um sujeito que, novamente, leva em consideração a privacidade do usuário, mostrando-se compadecido com o mesmo – ou seja, produzindo um novo efeito de sentido.

#### 4.3.1 A ilusão de estar no comando

Ao mesmo tempo que a referida rede coloca à disposição do usuário ferramentas de atalho, o sentido de “facilidade” é colocado em funcionamento, apagando o sentido de que as escolhas fazem parte de um processo, no qual diversas questões se põem em jogo – processos éticos e morais, engendrando a “cultura do controle”, fazendo parecer que basta um clique para que nossas vontades sejam efetivadas (BAUMAN, 2000).

Adentrando à “política de privacidade” do *Facebook*, um novo recorte se coloca como objeto de análise – recorte 13, mostrado pela Figura 18 –, compondo os termos de uso do aplicativo a partir do texto “Você está no comando”.



Figura 18 – Recorte 13: Termos de uso do *Facebook* – “Você está no comando”  
Fonte: Página pessoal do *Facebook* (2015)

Do ponto de vista da Análise de Discurso, neste espaço discursivo em “sujeito controlador ideal” se inscreve na história através de memórias relacionadas ao comando; ou melhor, à ambição e à constante busca do sujeito por comandar situações.

No espaço midiático, principalmente o que concerne a materialidade digital; uma nova realidade é colocada em desenvolvimento: a da ilusão de “ser livre” (BAUMAN, 2000).

O sujeito ao aceitar as condições estabelecidas na política de uso de tal rede social (na maioria das vezes não lendo, muito menos interpretando estes textos), se sujeita a interagir (mesmo que não explicitamente às realidades impostas por tal aplicativo), tendo a ilusão de estar no controle de suas ações, no mesmo. Percebe-se que não existe controle total de “nossas ações”, afinal, “temos” influências externas que contribuem para o deslocamento de nossas vontades, desvirtuando-as para outros caminhos que às vezes nem pensávamos trilhar.

Como mencionado anteriormente, a discursividade presente nos enunciados é formulada no interdiscurso: (1) no conjunto de formulações que dão sentido ao dito, desta maneira associando outros ditos – independente de quem o disse, e quando o disse; (2) nas formulações imediatas, ditas naquele momento, mas que são, na verdade, formuladas a partir de memórias discursivas, filiando-se assim às formações ideológicas.

Assim, como pode-se perceber no recorte 13, o enunciado “você está no comando” se instaura na perspectiva do dizível (interdiscurso), bifurcando-se em dois eixos – o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação) (ORLANDI, 2015a), resgatando já ditos enunciados sobre a temática do comando, ou melhor dizendo, das relações de poder inscritas no ato de comandar.

Levando-se em consideração que o *Facebook* é um aplicativo “gratuito” (para o usuário, mas não para os anunciantes), ele se utiliza deste fator como ponto de atratividade de usuários; porém, a contrapartida do sedimento da utilização se formula, justamente, na utilização desta rede em fazer uso de dados dos usuários como informações para fins publicitários – mesmo que implícitos, através do envio do banco de dados dos usuários para marcas que adotam uma publicidade agressiva. A partir desta análise mencionada, sustenta-se a ideia de “ilusão de estar no comando”,

fazendo-nos perceber que existem limites entre nossas vontades e as execuções que realmente funcionam na conceituada rede social.

Uma vez vivendo intensamente em uma “vida instantânea” (BAUMAN, 2000), o ser humano desenvolve cada vez menos a virtude da paciência, do esperar, do desenvolvimento que em muitos processos instauram-se de forma lenta e dificultosa. Vive-se em uma era em que o imediatismo toma conta de nosso tempo, colocando-nos em condições de produção favoráveis para tal agilidade, confundida com a rapidez em comandar e em tempo recorde obter resultados deste comando, desta forma ignorando os processos em longo prazo.

“Estar no comando” “coloca-nos” em uma posição-sujeito de poder, em que as escolhas são verdades incontestáveis. Na conjuntura do funcionamento do *Facebook*, esta “impressão de comando” é de extrema importância, uma vez que o usuário será adepto a partir do pensamento que, através de poucos cliques, suas vontades e delegações serão obedecidas, fielmente.

#### **4.3.2 Sensibilidade, símbolo constitutivo da preferência**

Os baús dos povos antigos representam, claramente, a utilização do cadeado como trancamento de preciosidades das famílias – objetos de heranças, fotografias, mapas, joias, etc. Tais objetos, escolhidos pelos seus donos, eram fruto de valores materiais e, também frutos de valores emocionais; valores afetivos para com os guardados (PÊCHEUX, 1988).

No recorte 14, mostrado pela Figura 19 que segue, deparam-se com uma variação do ícone, cujo símbolo principal ainda é o “cadeado”, porém um novo signo passa a fazer parte do objeto: “Um coração dentro do cadeado”. Junto a este ícone, o enunciado “Preferência de Privacidade”, descreve a ideia central de utilização deste comando.

A associação da palavra “preferência” ao coração, evidencia o sentido de privacidade como critério pessoal e afetivo (sensibilidade) sobre a preservação da intimidade – lugar (*Facebook*) onde a escolha do que será postado, será uma opção que legitimará a individualidade da mesma, pois não foi utilizada a palavra preferência em suas várias formas e possibilidades, mas sim, de “preferência” enquanto unicidade da preferência maior, da preservação íntima.

Prefere-se algo em detrimento de outra coisa. A escolha lexical (da palavra) aqui, mais do que falar sobre o modo como se pode configurar o *Facebook*, apela a uma questão que se caracteriza pela criação de um efeito de sentido de que “há liberdade de escolha”; por isso há mais de uma opção. Ao mesmo tempo em que está presente um efeito de sentido de “prisão”, há esse de “liberdade”.



Figura 19 – Recorte 14: Preferências de privacidade do *Facebook*  
 Fonte: Página pessoal do *Facebook* (2015)

O coração funciona na memória discursiva apelando a questões relacionadas aos “sentimentos”. Neste caso, associado ao signo de um “coração lúdico”, desenhado, afastando-se da memória da fisiologia humana – ou seja, a imagem do coração como ele é fisicamente, assim acionando a “memória sentimental” e emotiva que a imagem resgata. A mesma, não possui o mesmo efeito de sentido, neste caso, sem a ligação com o cadeado – haja vista que se analisa o sentido de público e privado em tal ícone de rede social tão massificada no Brasil.

A Análise de Discurso afirma que não existem verdades concretas sobre um dito, muito menos sentidos literais; o que se busca fazer nesta disciplina é compreender o funcionamento do discurso, perante determinadas condições de produção (MALDIDIER, 2003).

Ainda relacionando à palavra “preferência” ao ícone analisado, percebe a discursividade através do deslocamento deste enunciado, às demais noções da

importância de poder escolher baseados na preferência. Logo, chega-se às funções parafrásticas e, no lugar de preferência poderia ser dito: (1) “autonomia de escolha” e; (2) “predileção a algo e escolha intimista”.

Partindo do pressuposto de que tais paráfrases representam o sentido do mesmo, ao mesmo passo em que tencionam com o diferente – com aquilo que pode ser dito de maneiras diferentes, pode-se observar de que modo os efeitos de sentido também podem sofrer deslizes (ORLANDI, 2015a).

O próprio ato de “preferir” coloca-se em uma situação de “escolha”; pois, quando se escolhe algo, automaticamente se abre mão do que não foi escolhido. Desta forma, ao utilizar a palavra “preferência”, o impacto da “escolha” é menos explícito, fazendo a ponte entre o ato emocional de escolher.

Por se tratar do desdobramento do recorte inicial – ícone com o cadeado –, este segundo cadeado com o coração traz o apelo “emocional”, a oportunidade de escolher baseada na preferência: a forma de publicação das postagens. Inclusive, percebe-se que além de publicizar as informações escritas pelos usuários, o *Facebook* também investe em distintas formas de publicidade e propaganda, fazendo assim interagir as postagens individuais com o *merchandising* – o capitalismo funcionando de modo efetivo na sociedade.

O modo de como um produto é apresentado influencia e estimula um comportamento de compra, onde tal modo é descrito por estudiosos como modelo de “vendedor silencioso” – ou seja, o próprio *Merchandising* que, em muitas ocasiões, não é negligenciado pela publicidade (ZENONE, 2012).

Mesmo imaginando que, a preferência de privacidade que se pode escolher em determinada rede social, garante a certeza de preservação da intimidade, acaba-se por esquecer que, a partir no momento que se insere qualquer conteúdo na postagem do *Facebook*, o próprio administrador da rede obtém estas informações, mesmo depois da ferramenta de privacidade ser eleita. Desta maneira, o “sentido de privado” sofre um deslize em relação a noção que se obtém de privado; mesmo através de escolhas, se insere em um contexto de “para quem”, ou “em relação a que” o conteúdo é preservado, produzindo assim um novo efeito de sentido.

O diário escrito, que por muitos anos acompanhavam as moças, assim sendo elaborados de acordo com acontecimentos cotidianos e também fatos marcantes, possui uma parecida conotação com o funcionamento das redes sociais na atualidade.

Em épocas passadas, os mesmos eram escritos a partir de um caráter privativo; no entanto, os mesmos possuíam pequenos cadeados, para que fossem trancados e assim a privacidade das autoras fosse preservada, mantendo a intimidade em um patamar de mistério, podendo também inspirar curiosidade dos demais em descobrir estes possíveis ditos, que eram mantidos em sigilo.

Atualmente, os “diários” contemporâneos circulam em uma materialidade diferente em comparação com o passado, inclusive nas redes sociais e não, diferentemente, possui um caráter intimista. O que possuem são diferentes configurações de utilização, dentre elas a prospecção do sujeito enquanto um ser público e político; de um ser que se coloca em circulação com efeitos de sentido de preservar-se em relação aos acontecimentos íntimos, e/ou colocar todos os acontecimentos em uma esfera coletiva, na qual todos outros usuários da rede têm acesso a essas “informações”.

Por fim, a compreensão dos sentidos de público e privado sofreu e vem sofrendo deslizes, uma vez que as condições de produção propiciam um novo efeito de sentido; uma vez que as derivas entre a esfera pública sofrem diariamente impactos, a partir da massificação das redes sociais – lugar onde a exposição do sujeito é produzida, mesmo sabendo que a intenção destes não é levada em conta, mas sim, o funcionamento destes discursos formulados e circulados na rede.

Os recortes trazidos nesta análise buscam mostrar a (re)significação da imagem do cadeado nas condições de produção de tal rede social; bem como a relação dos usuários com tais ícones analisados, desta forma, oportunizando ao leitor a perceber os deslizes entre os sentidos de público e privado em uma perspectiva de circulação *online*. A vertente privada contemporânea é mais complexa daquela que funcionava há alguns anos, em que a delimitação entre público e privado era mais nítida, traçando linhas paralelas entre estes conceitos.

O que se observa nesta análise é o percurso da discursividade que se coloca em movimento na produção de sentidos; sendo assim, pode-se afirmar que a linguagem não é transparente, tampouco linear; e é justamente nesta opacidade que o discurso se constrói. A produção de sentidos nas redes sociais sofre constantes deslizes, considerando a relação entre o interdiscurso e a formulação enunciativa do intradiscurso. Desta forma, as memórias que constituem o dizer da imagem do

cadeado encontram-se nos “Discursos de Privacidade”, onde o sujeito pensa controlar sua intimidade através de sua escolha.

#### **4.4 Privacidade apoiada por aspectos legais: “Responsabilidade Civil”**

Em sua evolução, a tecnologia sempre se ateu ao Direito e, recentemente, ainda mais. A internet se desenvolveu numa grande velocidade e, sem dúvida alguma, é uma das maiores invenções da humanidade, trazendo consigo situações e implicações que, até pouco tempo atrás, eram impensadas ou inimagináveis. Contudo, ao mesmo tempo, veio requerer atenção de legisladores para a edição de uma legislação regulatória, dadas as circunstâncias de existência de relações humanas nesse âmbito. Recentemente, em 13 de abril de 2014, a Lei n. 12.965/14, denominada de Marco Civil da *Internet* (BRASIL, 2014), veio subsidiar grandes decisões demandadas.

Dentre tantas outras finalidades, a rede mundial de computadores constitui atualmente um importante veículo de comunicação por meio do qual se assegura e garante-se o exercício da livre liberdade de expressão e opinião, tutelando-se por meio desse ambiente até mesmo os direitos humanos. Basta observar as diversas manifestações que a internet e as redes sociais proporcionaram nos últimos anos ao redor do mundo e que acabaram por chamar a atenção dos países (TATEOKI; PEREIRA, 2016, p.1).

Assim, o *Facebook* – rede de maior expressão no Brasil – é usada por mais de 1 bilhão de usuários, no mundo todo, segundo manchetes jornalísticas de 2015. Ele se resume em um provedor de aplicações ou provedor de conteúdo que disponibiliza informações, embora nem seja autor das informações que nele vinculam-se. “Um provedor de serviços de internet é a pessoa natural ou jurídica que fornece serviços relacionados ao funcionamento da internet” (LEONARDI, 2005, p. 19).

Em síntese, trata-se de um provedor que, digitalmente, disponibiliza meios para publicações diversas – textos, imagens e vídeos – de seus usuários. Deste modo, sua relação estabelecida com tais usuários caracteriza-se como relação jurídica de consumo, onde cada usuário, ao utilizar a rede social, utiliza os serviços pela mesma prestados. Em simples palavras, a principal característica da rede, enquanto provedora, “é a possibilidade de (os usuários) conectarem-se com várias pessoas



simultaneamente em listas de amigos, seguidores e desconhecidos” (CIPRIANI, 2011, p.6).

#### 4.4.1 Muito além de uma relação social, uma relação de consumo

Considerando esta relação de consumo – *Facebook* versus usuário, insta-se para a ponderação de dois pontos importantes relativos à responsabilidade civil:

1. A responsabilidade civil é regida pelo Código de Defesa do Consumidor (CDC) nas ocasiões em que a ação ou omissão do *Facebook* causar dano à vítima – ou seja, quando este provedor, por seus próprios atos, causar algum dano a algum de seus usuários, tratando-se nesse caso de uma responsabilidade objetiva, que independe da comprovação de culpa;
2. A responsabilidade civil é regida pelo Código Civil (CC) nas ocasiões em que condutas e danos causados entre usuários – ou seja, quando os problemas ocorrerem entre usuários, tratando-se de responsabilidade subjetiva, que depende de demonstração de culpa daquele que causa algum dano.

Em síntese, quer seja comissiva ou omissivamente, qualquer dano causado pelo *Facebook* ao seu usuário, obriga-o a indenizar o mesmo, não importando a aferição de culpa. Do mesmo jeito, por meio de qualquer que seja a conduta de um usuário – comissiva ou omissiva –, quando este mesmo causa dano a outrem, deve-se haver indenização. Segundo Diniz (2015, p. 50) “a responsabilidade civil tem como finalidade aplicar medida que obrigue alguém reparar um dano patrimonial ou moral causado a outrem”.

Nas páginas do *Facebook* podem ser considerados como exemplos, mais comuns, de danos morais: má utilização de cookies, a coleta de dados sem consentimento expresso e informado do usuário, a incorporação de conteúdos alheios como próprios, a violação de direitos autorais, a permissão da pornografia infantil, dentre outros.

Com respeito ao usuário que veicula no *Facebook*, conteúdo ilícito que viola a intimidade, a vida privada, a honra ou a imagem de outro usuário, certamente haverá a sua responsabilização civil e o decorrente dever de indenizar pelos danos morais ou patrimoniais causados, não faltando exemplos nesse sentido, como os casos *decyberbullying*, os crimes contra a honra que prejudicam a imagem de uma pessoa, *osextying*, dentre outros (TATEOKI; PEREIRA, 2016, p.1).

O compartilhamento de informações em larga escala foi, sem dúvidas, um marco na história da internet; contudo, ao mesmo passo que se resume em benefícios, acaba gerando problemas e prejuízos. A publicação e o compartilhamento de um ilícito na rede social não pode ser desfeita e/ou reparada, a considerar a velocidade em que o conteúdo se propaga mundialmente. A tentativa de remoção de um conteúdo publicado/compartilhado é um esforço semelhante a “enxugar um gelo que nunca derrete” (LEONARDI, 2005).

A concordância de um conteúdo postado no *Facebook* se além a três opções, na atualidade – curtir, reagir e compartilhar –, demandando cuidado especial na utilização das mesmas para com seus usuários da rede. Quaisquer dessas ações impensadas pode gerar responsabilidade civil.

Nesse sentido, destaca-se a existência de decisão responsabilizando civilmente aquele que compartilha conteúdo ilícito que fere a honra ou imagem de um usuário, como é o caso do veterinário que foi ofendido por uma cliente no *Facebook* e outras pessoas compartilharam a notícia falsa, lhe gerando um dano passível de indenização (TATEOKI; PEREIRA, 2016, p.1).

Juridicamente, a responsabilidade civil do *Facebook*, pode ser explicada quando entrelaçada a três requisitos:

[...] O primeiro é a existência de uma conduta, seja ela comissiva ou omissiva, que configure um ilícito, ou seja, uma conduta contrária ao ordenamento jurídico; o segundo requisito é o dano, seja ele patrimonial ou moral, causado à vítima, em razão da conduta anteriormente citada; por fim, como terceiro requisito aparece o nexo de causalidade entre a ação e o dano, isto é, a existência de um vínculo entre a conduta e o dano causado. Por outras palavras, a existência do dano a um indivíduo deve decorrer da conduta de outro, pois uma vez inexistente essa relação de causa e efeito, não poderá se falar em responsabilidade civil (DINIZ, 2015, p. 52).

A responsabilidade civil fundamenta-se na Constituição Federal de 1988, especificamente no art. 5º, inc. X, onde se prevê a indenização pelo dano moral ou patrimonial decorrente da violação da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das pessoas. Ainda, no plano infraconstitucional, prevista nos artigos 186, 187 e 927 do Código Civil, nos artigos 12 e 14 do Código de Defesa do Consumidor e, recentemente, nos artigos 18 a 21 da Lei 12.965/2014 (TATEOKI; PEREIRA, 2016).

Em síntese, muito além de uma relação social, em que proporcionar interações entre pessoas seja seu principal expoente, o *Facebook* se assegura em aspectos

jurídicos civis, desta forma precavendo-se escoltado pela lei na relação entre usuário e pessoa jurídica, explicitando, mesmo que de forma não transparente uma relação que vai além de responsabilidade social, até chegar nos âmbitos da responsabilidade civil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem dos processos sócio-históricos, pela Análise de Discurso, é entendida pela vertente da historicidade de acontecimentos que funcionam em diferentes sentidos, produzidos pelo e com o sujeito – assim ao mesmo tempo que produz sua própria história, produz sentidos.

Por meio da historicidade, constrói-se a relação entre sentidos e discursos, a partir da consideração do já-dito e, como todo dizer é dotado de uma história, conseqüentemente, é na historicidade que os discursos se constituem. Contudo, considerando a opacidade do discurso e a abertura do simbólico, a investigação do analista encontra espaço para mobilizar gestos de interpretação.

Também, a partir da posição-sujeito que o discurso toma lugar na produção de sentidos, por isso diz-se que a Análise de Discurso busca compreender os processos discursivos, bem como os deslizamentos e deslocamentos possíveis. A língua em um estudo discursivo é compreendida como acontecimento que, quando materializada pelo sujeito, produz história e efeitos de sentido.

Nos discursos circulam diferentes palavras, que não carregadas de sentidos literais, se envolvem nos processos de interpretação/significação. Pela materialidade das palavras, os sentidos funcionam pela textualidade que as compõem, de modo que a discursividade funciona nos enunciados. Afirma-se, então, que o discurso significa a partir da textualidade e da historicidade, levando-se em consideração o interdiscurso.

Desse modo, preocupando-se com as condições de produção de discursos e sua relação com interdiscurso – ou com a exterioridade –, a presente pesquisa objetivou-se em compreender os processos discursivos que funcionam em alguns ícones da rede social *Facebook*, a partir da compreensão de possíveis práticas discursivas relacionadas a diferentes formas de sociabilidade da rede social *Facebook*, utilizando-se para tanto, a interpretação e o funcionamento discursivo de suas ferramentas, bem como recursos, formas gráficas, avisos e postagens de usuários.

Considerando as diferentes formas de sociabilidade na referida rede social, observou-se que nem sempre o “Curtir” de uma postagem coloca o “gostar” em

funcionamento, sentido que pode produzir, inclusive, uma relação com o usuário que postou. Assim, os deslizos de sentido do “Curtir” para o sentido de “ver” movimentam-se no discurso relacionado ao gesto de “visualizar”, considerando as condições de produção da rede social, a partir das derivas do “Curtir”, e não necessariamente para o sentido de gostar.

A circulação dos discursos nas redes sociais perpassa pela materialidade digital; pelo funcionamento dos sentidos na ilusão de que com “um só clique” a massificação dos relacionamentos, de suas diferenças e complexidades, se resolvam. Segundo Orlandi (2011), mesmo sabendo que os sentidos não são estanques, pensar em sentidos dominantes é trabalhar de uma outra forma a literalidade que, também como memória do dizer, produz incompletudes no jogo dos sentidos.

Compreende-se ainda nesse trabalho que os sentidos de privacidade no *Facebook* – público e privado – vêm sofrendo deslocamentos considerados pelas ferramentas na evolução tecnológica, onde a memória metálica (ORLANDI, 2015b) se firma constituindo diferentes sujeitos de discurso. Assim, o sentido de público filia-se ao capitalismo e à promoção individual; por outro lado, interagindo com as esferas públicas, ou de politização; privatização das vertentes públicas na acirrada busca da sensação de se tornar celebridade, que toma lugar da subjetividade interior e cede espaço para o espetacular “*show do eu*” (SIBILIA, 2008). A disposição física dos atalhos – ícones na rede social *Facebook* –, pode colocar em funcionamento o sentido de “facilidade”, silenciando o sentido de interferências externas ao fazer escolhas; incide aí a ilusão de estar no comando.

Muito além de uma relação social, em que proporcionar interações entre pessoas seja seu principal expoente, a privacidade no *Facebook* vai além da responsabilidade social e, de forma não transparente, é assegurada por aspectos legais da responsabilidade civil. A rede social, como mecanismo da evolução tecnológica, atrela-se ao Direito, andando em consonância com a legislação regulatória, dadas as circunstâncias de existência de relações humanas em seu âmbito.

Diante do enunciado “discurso e tecnologia”, observa-se o movimento dos sentidos, estes que podem ser materializados por palavras, que sempre podem vir a ser outras por meio de formulações e reformulações que, a partir de processos

parafrásticos e polissêmicos, o mesmo e o diferente produzem diferentes sentidos, ao mesmo tempo que produzem sujeitos.

Observa-se, então que a discursividade que funciona no ambiente digital, utiliza de materialidades significantes para produzir sentidos. Desta forma compreende-se que esta pesquisa buscou perceber este percurso discursivo, o movimento das palavras e dos sentidos. Sendo assim, verifica-se que a linguagem não é transparente, sendo justamente nesta opacidade que o discurso se constrói.

Importar-se com os processos discursivos, é deixar-se encantar pela Análise de Discurso que além de possibilitar uma diferente visão de mundo, é fazer circular a possibilidade de romper paradigmas e compreender não a estagnação dos sentidos, mas sim seu movimento na linguagem. Portanto esta pesquisa não se encerra com este trabalho, mas sim segue no percurso da ânsia em compreender os processos de significação produzidos com e pelos sujeitos, e são estes que servirão como objeto de pesquisa para os gestos de interpretação que estão por vir.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hanna. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BRASIL. Casa Civil. **Lei n. 12.965, de 13 de abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm)>. Acesso em: 7 mai. 2016.

CARDOSO, Gustavo; CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.

CASTELLS, Manoel. **A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CHIARETTI, Paula. Discurso, subjetividade e novas tecnologias: você, sem fronteiras. **Revista RUA**, jun. 2016. Disponível em: <[http://www.labeurb.unicamp.br/rua20anos/web/index.php?r=paginasartigo%2Fviewpagina&numeroPagina=1&artigo\\_id=52](http://www.labeurb.unicamp.br/rua20anos/web/index.php?r=paginasartigo%2Fviewpagina&numeroPagina=1&artigo_id=52)>. Acesso em: 26 jul. 2016.

CIPRIANI, Fábio. **Estratégias em mídias sociais: como romper o paradoxo das redes sociais e tornar a concorrência irrelevante**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

COURTINE, J.J. Quelques Problèmes Théoriques et Méthodologiques anlyse de Discours. **Política Larousse**, Paris: Langages, n.62, 1981.

CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In PERROT, M. (org.). **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, Jurandir F. A Externalização da Subjetividade. **Encantos e Contos**, 2 abr. 2011. Disponível em: <<https://encantosemcontos.wordpress.com/2011/04/02/a-externalizacao-da-subjetividade/>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Micropolítica e segmentaridade**. São Paulo: Editora 34, 1996.

DIAS, Cristiane. **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

DIAS, Cristiane. A escrita como tecnologia da linguagem. **Coleção HiperS@beres**, Santa Maria, v. 2, dez. 2009. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/textos\\_pdf/TXTS\\_PDF/cristiane\\_dias.pdf](http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumell/textos_pdf/TXTS_PDF/cristiane_dias.pdf)>. Acesso em: 30 jul. 2016.

DIAS, Cristiane. **Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)**. São Paulo: Hucitec Editora, 2012.

DINIZ, Maria Helena. **Curso de direito civil brasileiro**. Responsabilidade Civil. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

FERREIRA, Ana Cláudia F.; MARTINS, Ronaldo Teixeira. **Linguagem e Tecnologia**. Campinas: RG, 2012.

FOUCAULT, Michael. **Ditos e Escritos: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GADET, Françoise; HAK Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo (orgs.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001. p.29-45

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LEMOS, Ronaldo; DI FELICE, Massimo. **A vida em rede**. Campinas: Papyrus, 2014.



LEONARDI, Marcel. **Responsabilidade civil dos provedores de serviço de internet**. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2005.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Luiz Paulo Rouanet (Trad.) 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MALDIDIÉ, Denise. **A inquietação do Discurso**. Eni Orlandi (trad.). Campinas: Pontes, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; SILVA, Cynthia Aparecida Pereira Petusco Gomes; BATISTA, Hadinei Ribeiro. **Sujeitos em ambientes virtuais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NUNES, Silvia R. Práticas de leitura no infográfico eletrônico: trajetos, tropeços e movimentos. In. DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital. **Série e-urbano**, v. 2, 2013a. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

NUNES, Silvia R. O discurso infográfico e a produção de uma posição-sujeito leitor de informação infografada. **Revista Ecos**, v.15, n. 2, p. 323-348, 2013b.

OLIVEIRA, Cristiane Costa Bicunha de. **Ditadura no Brasil: da Violência a Coerção Social**. Lins: Faculdade Auxilium de Filosofia, Ciências e Letras, 2003.

ORLANDI, Eni. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **Revista RUA**, mar. 1995.

ORLANDI, Eni. Conversa com Eni Orlandi. In. BARRETO, Raquel. **Teias**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, jan./dez. 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é Linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZA, Guilherme; SANTOS, Miriam dos; SILVA, Telma Domingues da. (orgs.) **Sujeito, Sociedade, Sentidos**. Campinas: RG, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Papel da Memória**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Estrutura ou acontecimento**. 7 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PEREZ, Elaine Cristina de Matos Fernandez. O *show* do eu: a intimidade como espetáculo. **PublicatioCi.Soc.**, Ponta Grossa, n. 23, p.135-138, jan./jun. 2015. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

PIOVEZANI; Carlos; SARGENTINI, Vanice (orgs.) **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROSELLO, M. **Culture de L'insecurité**. Montréal: Université de Montréal, 2008.

ROSO, A.; GUARESCHI, P. A. Megagrupos midiáticos e poder: construção de subjetividades narcisistas. **Política & Trabalho**, v. 26, p. 37-54, 2007.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público** – As Tirantias da Intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TATEOKI, Victor Augusto; PEREIRA, Luciano Meneguetti. Responsabilidade civil do provedor de aplicações *Facebook*, de usuários e terceiros. **JusBrasil**, jan. 2016. Disponível em: <<http://victortateoki.jusbrasil.com.br/artigos/257798565/responsabilidade-civil-do-provedor-de-aplicacoes-Facebook>>. Acesso em: 7 mai. 2016.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

ZENONE, Luiz Cláudio. **Marketing da promoção e Merchandising**: conceitos e estratégias para ações bem-sucedidas. São Paulo: Thomson, 2012.